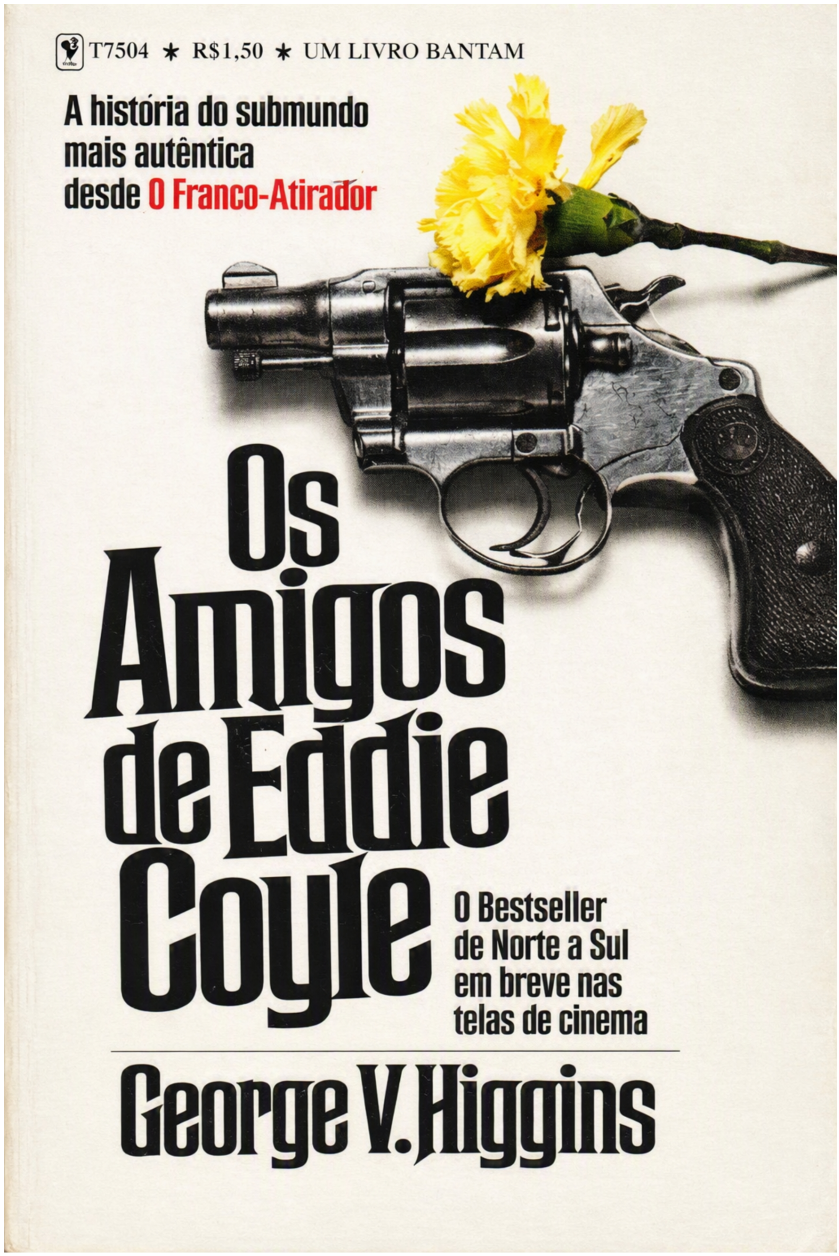

Título Original:
THE FRIENDS OF EDDIE COYLE

Library of Congress Catalog Card
Number: 71-163134 ISBN: 0-394-47327-2

Copyright © 1970, 1971 by George V. Higgins

TRADUÇÃO: PAULO ROBERTO PALM

Direitos autorais desta tradução em língua portuguesa para o Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas, reservados por NOVA ÉPOCA EDITORIAL LTDA., — Rua Dom José de Barros, 278 — Fone: 32-6742 — São Paulo — Brasil.

NOTA SOBRE O AUTOR

George V. Higgins é Assistente de Promotor do Estado de Massachusetts, USA, nascido em Brockton, Massachusetts, em 1939 e formado pela Universidade de Boston, recebeu seu doutoramento em Literatura pela Universidade de Stanford. Foi repórter do Providence Journal e a Associated Press antes de se formar em direito na Universidade de Boston em 1967. Praticou por três anos junto a Promotoria, na Seção de Crimes Organizados e Investigações sobre as atividades da Máfia. O Snr. Higgins contribuiu com seus artigos nos maiores jornais e revistas do País. Também como crítico literário. Vive atualmente com a esposa e dois filhos em Hingham, Massachusetts, USA.

CAPÍTULO 1

Jackie Brown, com vinte e seis anos e sem expressão no rosto, dizia que podia conseguir algumas armas. — Posso lhe arrumar as peças provavelmente para amanhã à noite. Conseguirei, possivelmente, seis delas. Amanhã à noite. Dentro de uma semana ou tanto, talvez dez dias, mais uma dúzia. Tenho um sujeito entrando com pelo menos dez, mas já falei com outro sobre mais quatro, e você sabe, ele está aguardando. Tem alguma coisa para fazer. Então, seis amanhã à noite; e mais uma dúzia dentro de uma semana.
O homem atarracado estava sentado do outro lado de Jackie Brown, e deixava seu café esfriar. — Não sei se vou gostar disso — disse ele. — Não sei se gostarei de comprar mercadoria do mesmo lote que outra pessoa. Ou seja, não sei o que ele vai fazer com elas, sabe! Se for para causar encrenca para a minha gente, pelo fato de outro alguém estar comprando do mesmo lote, bem, isso traria problemas para mim também.
— Entendo — disse Jackie Brown. As pessoas que saíam cedo do serviço estavam passando, naquela tarde de novembro, e com pressa. O homem estropiado, que anunciava o jornal berrando, aborrecia as pessoas, gritando para elas de trás do seu carrinho.
— Você não entende do meu modo — prosseguiu o homem atarracado. — Eu tenho certas responsabilidades.
— Olhe, eu lhe digo que entendo. Você tem o meu nome ou não tem!
— Tenho.
— Bem, então tudo certo — continuava Jackie Brown.
— Tudo certo nada. Gostaria de ganhar um conto por cada nome que eu soubesse, aí estaria certo. Gostaria muito. Olhe para isso. —

Ele estendeu os dedos de sua mão esquerda por sobre a mesa de fórmica salpicada de dourado. — Sabe o que é isso!
— Sua mão — respondeu Jackie Brown.
— Espero que você olhe com mais atenção para armas do que para esta mão. Olhe para a sua própria.
Jackie Brown estendeu os dedos de sua mão esquerda. — Sim — disse.
— Conte suas fodidas juntas — o homem atarracado pediu.
— Todas elas!
— Oh, Cristo! Conte as que quiser. Eu tenho quatro a mais. Uma em cada dedo. Sabe como as consegui! Comprei uma mercadoria de um homem cujo nome eu sabia, e ela foi localizada, e o cara para o qual eu comprei tomou umas férias forçadas de quinze a vinte e cinco anos. Ainda está lá, mas tem alguns amigos. E eu arrumei esta coleção extra de juntas. Colocaram minha mão dentro de uma gaveta; então, um deles fechou-a com um chute. Doeu como mil diabos. Você não faz ideia de quanto doeu.
— Jesus! — exclamou Jackie Brown.
— O que fez doer mais, o que fez doer acima de tudo, era saber o que eles iam fazer com você, sabe? Lá está você, e então lhe dizem, com muita seriedade, que você deixou alguém furioso, cometeu um grande erro, e esse alguém pegou um tempo por causa disso; e não é nada pessoal, entende, simplesmente tem de ser feito. Agora, ponha sua mão para cá. Você pensa em não fazê-lo, sabe? Quando eu era criança, estava numa aula dominical, e a freira me disse, espiche a mão, e as primeiras vezes que eu assim fiz ela me bateu bem em cima das juntas, com uma régua de ponta de aço. Foi bem assim. Um dia ela me diz “Estenda a mão”, e eu respondo “Não!”. Bateu-me bem no rosto com aquela régua. Foi a mesma coisa. A não ser que aqueles sujeitos não estavam com raiva, eles não têm raiva de você, sabia? Caras que você vê a todo o momento, talvez não goste deles, talvez sim, já beberam juntos, ou quem sabe procuraram garotas. “Ei, olhe, Paulo, não é nada pessoal, sabe? Você fez um erro. A mão. Não quero ser forçado a atirar em você, sabe”. Assim, estendi a mão esquerda — pode-se colocar a mão que quiser — porque não sou canhoto e sei o que vai acontecer, conforme disse, e eles põem meus dedos numa gaveta, e um a fecha com um pontapé. Já ouviu ossos quebrando? Igualzinho a um homem dobrando placas. Dói como o diabo!
— Jesus!

— É o que quero dizer. Fiquei com gesso durante quase um mês. É só o tempo ficar úmido e ainda dói. Não consigo dobrar os dedos. Assim, não me importo qual seja o seu nome, nem quem me deu. Eu tinha o nome daquele outro sujeito, e isso não ajudou os meus malditos dedos. Só o nome não é suficiente. Sou pago para ser cuidadoso. O que eu quero saber é, o que acontecerá se as outras armas desse punhado forem descobertas? Terei de começar a ver os preços de muletas? Isso é negócio sério, você sabe. Não sei para quem você esteve vendendo antes, mas o camarada disse que tinha armas para vender, e eu preciso delas. Estou apenas me protegendo, apenas sendo esperto. Que acontecerá se o homem que tem as quatro der uma para alguém que a use para atirar num maldito tira? Terei de deixar a cidade?
— Não.
— Não? — perguntou o homem. — Bem, espero que você esteja certo quanto a isso. Estou ficando curto de dedos. E se eu tiver de deixar a cidade, meu amigo, o mesmo para você. Acho que entende. Se eles o farão para mim, será ainda pior consigo. Sabe disso.
— Sei — confirmou Jackie Brown.
— Espero que sim. Não sei para quem você esteve vendendo, mas com esses caras é diferente, posso lhe afirmar.
— É possível de se localizar as armas. Eu garanto.
— Diga-me como elas aparecem.
— Olhe, são armas novas, manjou? A única coisa que tiveram foram os testes de tiro. Novíssimas. Zero quilômetro. Gatilhos selados. Pinos de disparo reguláveis. Você pode derrubar uma delas bem em cima do detonador, e com um cartucho no tambor — nada. São trinta e oito Especiais. Estou lhe dizendo, é mercadoria boa.
— Roubadas, — disse o homem atarracado. — Números de série removidos. Foi assim que eu fui pego antes. Eles têm um banho onde colocam a mercadoria, e isso traz os números de volta. Será bom se você conseguir algo melhor do que isso, ou nenhum de nós será capaz de continuar apertando as mãos.
— Não. Elas têm números de série. O cara pode ser apanhado com uma delas, perfeitamente, sem erro. Não há jeito de dizer que é roubada. Arma novíssima.
— Com número de série?
— Você pode investigar o número de série — respondeu Jackie Brown. — É um modelo da Polícia Militar, fabricado em 1951, embarcado para Rock Island, e não foi declarado roubado. Mas é

um novíssimo Detetive Especial. Realmente, não consta como roubado.
— Você tem alguém na fábrica?
— Tenho armas para vender. Fiz um bocado de negócios e tive muito poucas queixas. Posso lhe conseguir de quatro e duas polegadas. Apenas me diga o que quer. Posso arrumá-las.
— Por quanto? — perguntou o homem atarracado.
— Depende do lote.
— Depende do que eu estou querendo pagar, também. Quanto?
— Oitenta — Jackie Brown respondeu.
— Oitenta? Você já vendeu armas antes? Oitenta está muito alto. Estou falando sobre trinta armas, aqui, agora. Posso entrar num diabo de lote e comprar trinta armas por oitenta cada. Temos de conversar mais sobre o preço, pelo que estou vendo.
— Gostaria de vê-lo entrar numa loja e pedir trinta máquinas — retrucava Jackie Brown. — Não sei quem é você e o que tem em mente, não preciso saber. Mas certamente gostaria de estar lá quando você dissesse ao homem que tem alguns amigos com necessidade de trinta máquinas, e que quer um desconto. Gostaria de ver isso. O FBI estaria em seu telefone antes que você tirasse o dinheiro fora.
— Há mais de uma loja de armas, você sabe.
— Não, para você não há — respondeu Jackie Brown. — Posso lhe dizer agora mesmo que não há ninguém, num raio de 150 quilômetros, que possa apresentar mercadorias como as minhas, e você sabe disso. Assim, pare com essa porcaria!
— Eu nunca subi acima de cinquenta, antes — insistiu o homem atarracado. — E não vou subir tão alto, agora. E você não tem aquela multidão em volta, esperando para levar trinta, tampouco. E se essas funcionarem bem, voltarei para pegar mais. Você está acostumado a negociar com duas ou três, eis porque quer enviá-las em três ou quatro vezes.
— Posso vender cinquenta amanhã, sem mesmo vê-lo. Eu nunca consigo por as mãos nelas suficientemente rápido. Consigo vender cada arma que arrumo. Aposto que se tivesse de descer até o Santuário, e me confessasse, receberia três Ave-Marias e o pastor me perguntaria, confidencialmente, se eu não poderia lhe conseguir alguma coisa leve, que ele pudesse carregar debaixo do paletó. As pessoas estão desesperadas por armas. Tive um sujeito, na semana passada, que estava seco por uma Python, e eu lhe consegui aquele

grande e fodido Blackhawk, de seis polegadas, magnum quarenta e um, e ele o pegou como se o estivesse procurando durante toda a sua vida. Devia ter visto aquele bastardo saindo, com uma grande saliência sob o paletó, parecia que ele estivera roubando melões. Outro sujeito me perguntou, seriamente, se eu podia lhe conseguir algumas metralhadoras. Pagaria uma nota e meia cada uma que eu pudesse arranjar, e não se incomoda nem mesmo com o calibre.
— De que cor ele era? Perguntou o homem atarracado.
— Era um ótimo camarada — respondeu Jackie Brown. — Eu não ficaria surpreso se pudesse conseguir alguma coisa para ele, dentro de uma semana ou tanto. E bom material, também. M-dezesséis, em muito boa forma.
— Nunca consegui entender um homem que quisesse usar uma metralhadora. É a vida em jogo, se você for encanado com uma, e não poderia mesmo fazer muita coisa com ela, a não ser talvez travar uma guerra. Não pode escondê-la nem levá-la por aí dentro de um carro, e não poderia atingir nada com a maldita coisa, a não ser que não se incomodasse em derrubar algumas paredes, enquanto acertasse o sujeito. O que é arriscado. Eu não ligo muito para uma metralhadora. O melhor e mais completo artigo que já vi é a Smith de quatro polegadas. Essa, sim, é uma magnífica peça, pode suspendê-la e ela irá onde você a apontar.
— É grande demais para muitas pessoas — explicou Jackie Brown.
— Tive um homem que queria um par de trinta e oitos, há mais ou menos uma semana atrás, e eu apareci com um deles e um Colt de duas polegadas. Ele gostou do Colt, muito bem, mas ficou furioso a respeito da Smith. Perguntou-me se eu achava que ele ia andar por aí usando um fodido dum coldre, ou coisa assim. Mas levou-a do mesmo modo.
— Olhe. Quero trinta armas. Levarei de quatro e duas polegadas. Quanto aos trinta e oitos, levarei magnum 3507, se precisar. Trinta máquinas. Dar-lhe-ei um mil e duzentos.
— Bolas — reclamou Jackie Brown. — Você tem que entrar com pelo menos setenta em cada um.
— Subirei para um mil e quinhentos — voltou o homem atarracado.
— Rachemos a diferença. Um mil e oitocentos.
— Terei de ver a mercadoria.
— Claro — disse Jackie Brown. Sua expressão mudara: ele sorria.

CAPÍTULO 2

A soda com sorvete de morango e o Charger R/T verde-escuro apareceram quase que simultaneamente à vista do homem atarracado. A garçonete foi embora e ele observou o carro passar lentamente pelas lojas, parando na ponta do estacionamento. Desembulhou o canudinho plástico e começou, sem pressa, a tomar sua soda. O motorista do carro continuou dentro.
O homem atarracado pagou sua soda e disse à garçonete: — Estava pensando se há um reservado aqui. — Ela gesticulou na direção dos fundos do estabelecimento. Ele caminhou pelo estreito corredor na parte de trás, atravessou os banheiros. Adiante dele, havia uma porta entreaberta, que dava para uma plataforma de embarque. Indo até ali, ele se inclinou. Saltou desejeosamente para fora da plataforma, em cima da pista de passagem. Duzentos metros adiante, havia uma outra plataforma. Ao atingi-la, ele a galgou e entrou através de uma porta de metal com um aviso “PRODUZA APENAS”. Dentro, havia um jovem selecionando alface. O homem atarracado deu uma explicação: — Meu carro quebrou ali na rua. Há um telefone aqui que eu possa usar? — O rapaz disse algo sobre um telefone perto dos registros da frente. O homenzinho deixou a loja pela porta da frente. Ele deu uma olhada geral pelo estacionamento. Quando sua visão pousou no Charger, começou a andar em sua direção.
O motorista destrancou a porta de passageiros do Charger, e ele entrou. Disse: — Esperando muito tempo?
O motorista tinha mais ou menos trinta e cinco anos. Estava usando botas de camurça, uma vistosa calça de tweed, um suéter dourado e um brilhante e negro casaco de automobilista, de couro. Tinha

cabelos compridos e usava largos óculos para sol, com pesadas armações de prata. — O tempo que levou para que você decidisse que era seguro sair — disse ele. — O que diabos o fez escolher esse lugar? Cortando seu cabelo ou coisa assim?
— Ouvi que eles tinham uma oferta especial para esquis — disse o homem atarracado. — É um carro bem bacana o que você tem aí. De alguém que eu conheça?
— Acho que não — respondeu o motorista. — Um camarada, lá da parte oeste do estado, o estava usando para transporte de bebidas ilegal. Pobre bastardo. Pagou caro por isso, e foi engaiolado em sua primeira viagem. Não entendo como diabos eles podem aguentar vender a mercadoria, uma vez que têm de comprar um carro todas as vezes que fazem um carregamento.
— Algumas vezes eles se saem bem.
— Não sabia que você estava por dentro disso.
— Bem, não estou — continuou o homenzinho — mas a gente ouve coisas de vez em quando, sabe. As pessoas são descuidadas.
— Eu sei. Como na semana passada, quando eu ouvi que você planejava ir a Hampshire em quinze de janeiro, e disse a mim mesmo, onde será que Eddie está planejando passar o Quatro de Julho.
— Eis porque eu estava interessado em esquis — prosseguiu o homem atarracado. — Imagino que, uma vez que tenho de ir até lá, poderia muito bem fazer o meu fim de semana, sabe? Acha que teremos neve até então?
— Creio que vamos ter alguma agora mesmo — respondeu o motorista.
— Porque eu estava pensando, se tivéssemos, talvez você pudesse se juntar a mim no fim de semana. Daria uma de bandido, com essas roupas, o carro.
— Então na terça-feira, nós poderíamos descer até a corte juntos — continuou o motorista.
— Está certo. E dar um lindo passeio. Isso lhe dará uma chance de dizer alô a todos os seus velhos amigos, lá em cima. O que diabos vocês estão perseguindo agora, viados?
— Puseram-me em drogas. Até agora, tudo que encontrei foi maconha, mas eles dizem que há algum haxixe rodando por aí, nos lugares realmente da pesada, e me pegaram para procurá-lo.
O homenzinho prosseguia: — Mas você ainda está interessado em metralhadoras, eu suponho.

— Sim, realmente. Sempre tive um grande interesse em uma metralhadora ou duas.
— É o que eu estava pensando. Disse a mim mesmo, o velho Dave é de confiança. Imagino o que ele estará fazendo agora, e se ainda se lembra de seus velhos amigos e das metralhadoras. É por isso que o procurei.
— Apenas quais velhos amigos, por exemplo? — perguntou o motorista.
— Bem, estava pensando, por exemplo, no Procurador dos Estados Unidos, lá em cima. Ele é um velho amigo seu, segundo eu recordo.
— Você pensou que eu poderia aproveitar uma oportunidade para conversar com ele.
— Imaginei que valia a pena perguntar.
— É um caminho dos diabos para se percorrer, para ver alguém com quem eu posso falar pelo telefone. Ainda assim, se tiver uma forte razão.
— Bem, — disse o homem atarracado — tenho três crianças e uma esposa em casa, e não posso aguentar pegar mais tempo, sabe? Os garotos estão crescendo e indo à escola, e os outros fazem graça com eles e tudo. Inferno, tenho quase quarenta e cinco anos de idade!
— Essa é a sua forte razão: precisa de uma para mim. Quanto eles vão dar para você, mais ou menos cinco anos?
— Meu advogado acha que dois, ou por aí.
— Fará bem em conseguir se sair com dois. Você tinha umas duzentas caixas de bebidas naquele caminhão, conforme me lembro, e nenhuma delas lhe pertencia, e sim a um camarada lá de Burlington, acho que era, e você já fez um erro assim antes.
— Continuo lhe dizendo, foi tudo um erro. Eu estava cuidando de meus próprios negócios e me virando o melhor que podia, e esse camarada me chamou, sabendo que eu estava fora de atividade, e me perguntou, poderia eu dirigir um caminhão para ele? Era tudo o que havia. Conheci aquele cara de Burlington por intermédio de Adam.
— Eu consigo entender como isso pôde acontecer — concordou o motorista. — Um homem como você mora em Wrentham, Massachusetts, e deve receber um monte de chamadas para levar uma partida de Burlington a Portland, especialmente quando eu nunca ouvi falar sobre você ganhando a vida em dirigir um caminhão, antes. Posso entender como isso pôde acontecer. Estou

surpreso pelo júri não ter acreditado em você.
— Meu estúpido advogado — explicava o homem atarracado. — Ele não é tão esperto quanto você. Não me deixaria subir à tribuna e contar a eles como aconteceu; nunca ouviram toda a história.
— Porque você não apela quanto a isso?
— Pensei a respeito disso. Incompetência do conselho. Conheci um sujeito que saiu com isso. O problema é que não tenho tempo para elaborar os documentos. Sei onde há um sujeito que faz isso, mas está em Danbury, eu acho, e particularmente, não desejo vê-lo. De qualquer modo, estava imaginando se talvez não houvesse um meio mais fácil para se lidar com isso.
— Como eu dizer alô para alguém — disse o motorista.
— Na verdade, alguma coisa além disso. Estava pensando mais em termos de você fazendo o promotor contar ao juiz sobre como eu estive ajudando o tio Sam, feito um bastardo.
— Bem, eu o faria. Mas, novamente, você não esteve. Nós somos velhos chapas e tudo o mais, Eddie, mas eu teria de receber uma condecoração de escoteiro quando fizesse isso. E sobre o que vou lhes falar? Que você foi usado para recuperar duzentas caixas de whisky? Não creio que isso vá ajudar muito.
— Eu o chamei umas poucas vezes.
— Deu-me algumas boas dicas também — concordou o motorista.
— Contou-me sobre um cara que ia ser atacado, e quinze minutos depois ele o foi. Falou-me sobre uns camaradas que estavam planejando um assalto a banco, mas não apareceu para me contar até que eles estivessem saindo pela porta com o dinheiro, e todo o mundo já sabia. Isso não é trabalhar para o tio, Eddie. Você tem de por toda a sua alma nisso. Diabos, estive ouvindo que talvez você não estivesse realmente se endireitando. E que talvez esteja envolvido em mais alguma coisa que está acontecendo.
— O que, por exemplo?
— Oh, bem, você sabe como é com aquilo que ouve. Eu não confrontaria um homem com algo que tivesse ouvido. Você me conhece bem melhor.
— Bem, suponha que fossemos falar sobre metralhadoras.
— Apenas para mudar de assunto — emendou o motorista.
— Sim. Suponha que você consiga um informante de confiança, que o ponha na pista de um cavalheiro de cor que estava comprando algumas metralhadoras. Aquelas do Exército, M-dezesséis. Você gostaria que um camarada assim, que o ajudasse dessa maneira,

fosse para a cadeia e deixasse os filhos em situação difícil, e tudo?
— Vamos colocar o negócio dessa maneira — disse o agente. — Se pusesse as mãos nas metralhadoras, e no cavalheiro de cor, e no fulano que estivesse vendendo as metralhadoras, e se isso acontecesse porque alguém me colocou no lugar certo e na hora certa, talvez com um mandato, eu não me incomodaria em dizer a todo o mundo que o camarada que me deixou lá estava ajudando o titio. O senhor de cor tem amigos?
— Eu não me surpreenderia — respondeu o homem atarracado. — O caso é que eu apenas descobri isso ontem.
— Como descobriu?
— Bem, aqui e ali. Você sabe como é, está conversando com alguém e ele diz algo, então outro cara também diz, e quando você se dá conta, está sabendo de alguma coisa.
— Quando se espera que isso ocorra?
— Não estou certo ainda. Olhe, estou na boca de espera quanto a isso, virei a você assim que souber. Tenho mais coisas para descobrir, se estiver — se achar que pode interessar. Acho que dentro de uma semana, mais ou menos. Porque não ligo para você?
— OK — concordou o motorista. — Precisa de mais alguma coisa?
— Preciso muito que me deixem sozinho. Gostaria que não se preocupassem muito comigo, a esse respeito. Não quero ninguém me seguindo por aí, certo?
— OK, faremos do seu modo. Chame-me quando conseguir alguma coisa, caso o faça, e se eu pegar algo, colocarei em frente do Procurador. Se não, o negócio está desfeito. Entendido?
O homem atarracado assentiu.
— Feliz Natal! — disse o motorista.

CAPÍTULO 3

Três homens pesados, vestindo blusões de náilon e camisas de lã xadrez, cada um deles segurando uma lata de cerveja Schaefer, marcharam perto do homem atarracado debaixo do Portão A, ao terminar o primeiro tempo. Um deles disse: — Não sei porque porra eu venho aqui todas as semanas, não sei porque o faço. Olhe para aqueles estúpidos bastardos, quinze minutos, dezessete pontos de desvantagem, e Buffalo correndo bem no meio deles. Estava nove pontos no marcador, quando apostei nos Pats, porque imaginei que pelo menos manteriam aquela diferença. Maldito jogo!
Vários minutos depois, um homem de compleição rósea, com o rosto marcado de acne, veio até o homem atarracado. Este disse: — Você gasta todo seu fodido tempo se mostrando, não?
— Olhe, — disse o segundo homem. — Eu me levantei esta manhã e levei as crianças à igreja, e os bastardinhos gritaram tanto, que tive de levá-los para fora. Então, a velha começa com a velha ladainha, sobre como eu nunca fico em casa, se não acabarei de pintar a casa, e o carro está terrivelmente sujo, e daí para a frente. Não consegui achar um lugar para estacionar, quando cheguei aqui. Assim, porque não fecha a sua maldita boca? Já tive bastante gente me aborrecendo, hoje.
— É um jogo de merda, de qualquer maneira.
— Eu sei. Ouvi-o pelo rádio, ao entrar. Estava dez a zero, quando saí do carro.
— E agora está dezessete — o homem atarracado prosseguiu. — Eles ainda não marcaram. Eu estava conversando com o Dillon o outro dia, em sua casa, e lhe dizia, alguém combinou alguma coisa com eles. E ele disse que não, que diabos se pode fazer? Eles não

têm uma defesa bastante boa para conter o outro lado, nem qualquer ofensiva para fazer as marcações, assim, que diabos se poderia conseguir?
— Ouvi algo sobre Dillon de que não gostei.
— Sei disso. Também ouvi.
— Veja, ele estava com Arthur e o Polaco naquela noite, ouvi algo a respeito de um grande júri. E não gosto nem um bocado.
— Bem, você não tem nada para se preocupar. Não teve nada a ver com aquilo.
— Não importa o que eu tenha a ver com isso — disse o segundo homem. — Não gosto de vê-los chegar perto de Arthur. Da próxima vez que ele for, será um mandato de pelo menos dois terços e Arthur está com uma pena bem comprida. E está pensando demais. Quando ele esteve em Billerica pela última vez, alguns de nós tiveram de ir até lá para alegrá-lo, uma ou duas vezes. Um dos guardas o vira se tornando chapa do capelão lá em cima, o qual é geralmente confidencial com Arthur. Ele quase que entrou em fria, quando Lewis foi agarrado com aquela muamba, aquela vez, mas eles não puderam se certificar de que ele o fizera.
— Arthur é um bom homem.
— Arthur é duro como uma pipoca estalando, quando está a serviço — continuou o segundo homem. — Mas deixe-o num lugar onde ele tenha bastante tempo para pensar, e se tornará perigoso. Poderia até um cachorro com escarlatina, para conseguir o livramento.
— Bem, você o conhece melhor do que eu. Sempre gostei dele.
— Não se pode derrotá-lo no serviço. Não há dúvida a respeito disso. Eu não me interessaria pela coisa, se Arthur não estivesse dentro. Você entra em algum lugar e alguém começa a ficar nervoso, alguma mulher abelhuda ou o que quer que seja, e todo o mundo entra no coro, e você precisa ter Arthur junto. Nunca ouvi um tiro ser disparado, estando com ele. Simplesmente diz a alguém que levará um tiro, se não fizer o que ele mandar, e a pessoa sempre faz. Eles acreditam em Arthur. Ele dá a impressão de que é sério a respeito do que diz, de modo que não se tem que fazer nada. É depois que você tem que se preocupar com Arthur, a não ser que ele leve vantagem em alguma coisa. É um risco que se tem de correr.
— Acho que tenho as armas que você quer — disse o homem atarracado.
— Elas parecem bem boas, não?

— Bem e deveriam. Tive de subir até setenta cada uma. Sim, parecem ótimas. Novíssimas.
— Gosto disso. Não me agrada sair por aí com alguma arma a qual não sei por onde andou antes. Você não pode saber o que acontecerá; está fazendo um serviço simples e alguma coisa corre errada, e você calcula, merda, sete a dez anos pelo menos, dependendo de quem está no julgamento, e logo em seguida fica sabendo que eles descobriram que a maldita coisa pertencia a algum cara que a usou num ataque, e pronto, já tem um encobridor do crime dentro do caso. É um bocado perigoso, como o é mesmo de outra forma.
— É o que imaginei — concordou o homem atarracado. — Normalmente, não gosto de subir tão alto, mas eu ponderei, bem, se é mercadoria boa provavelmente vale o dinheiro. Há muita bosta por aí, sabe? Um sujeito estava me contando, ele conversava com aquele negro a respeito do armazém que tinha em vista. Veja, isso foi lá no cortiço, e estava procurando por alguém que fosse capaz de se sentar num carro sem dar a impressão de ser estranho, sabe? Dinheiro vivo, cem notas para ficar no carro, mil se eles conseguissem o que planejavam. Não podia falhar, dizia ele, televisores a cores, máquinas de costura, estereofônicas portáteis, e daí em diante. Mercadoria muito boa, fácil de transportar. Então disse ao crioulaço que teria de conseguir uma arma, e o cara disse, muito bem, sei onde encontrar uma máquina bem boa.
— Então eles o apanham e se põem a caminho para pegar o caminhão, e o sujeito contou-me que lhe disse: “Ah, por falar nisso, você tem uma arma, eu suponho”. E o negro disse claro, e puxou sua mala, e o que ele tinha lá era nada menos que uma daquelas Mausers alemãs, automáticas, lembra-se daquele tipo com coldre de madeira, que podia ser adaptado para se usar como rifle? Linda coisa. Daí, todos ficaram muito impressionados; estando a atravessar a Lynnway, se não me engano, perguntaram a ele, bem, está carregada? E o ginga disse, não, ele ia carregar ali mesmo. Então surgiu com um pente de balas e o instalou, e todo o pente se foi, tá-tá-tá, assim mesmo, um punhado de azeitonas nove milímetros voando em volta do carro, e as pessoas praticamente pulando fora pelas janelas. Assim, tiveram de desistir do serviço, é claro, e se livrar do carro. Ninguém saiu ferido, mas no dia seguinte o sujeito voltou novamente para dar uma olhada no armazém, e lá estavam os caminhões do distribuidor estacionados fora. “Eu nunca

fiquei tão puto em toda a minha vida" ele me contou. "Sabe o que eles têm lá agora? Cobertores. Toneladas e toneladas de uns cobertores fodidos, e eu podia ter um milhão de notas em televisores, se não fosse aquele negro estúpido e sua maldita arma. Nunca confiei num maldito negro!"
Nunca confiei neles, é tudo. Eles o foderão sempre que puderem!"
— Não gosto de automáticas — dizia o segundo homem. — tive uma certa vez, e a tirei para apontá-la para um sujeito, e para minha sorte, ele recuou. Então pensei, uma vez que a tirei para fora, poderia muito bem verificá-la, e não tinha nada no tambor. Se ele tivesse me enfrentado, eu ficaria ali, apertando o gatilho contra ele, que teria arrebentado minha maldita cabeça. Vocês simplesmente não tem tempo de enfiar um cartucho quando precisa da arma, isso é tudo, e nunca encontrei nenhum cara que usasse uma regularmente, e não entrasse em fria mais cedo ou mais tarde, por causa daquela coisa fodida esbarrando contra ele, quando a precisasse. Gosto de um danado revólver.
— Eu tenho o que você quer, então. Oito deles. Cinco Smiths, um Colt Python e dois Rugers. Magnum quarenta e um, os Rugers. Aquele fodido magnum se parece exatamente com um canhão, minha nossa. Tem uma boca parecida com um Túnel. Pode-se segurar um banco inteiro sozinho, com aquela coisa.
— Os Smiths são o que? — perguntou o segundo homem. Trinta e oito, espero. Não sei se posso conseguir munição para os quarenta e um.
— Três deles são calibre trinta e oito — respondeu o homenzinho. Dois 3507, não que isso interesse. Enormes varetas ventiladas nos magnum. Olhe, se precisar de cartuchos para alguma coisa, posso arrumá-los também.
— Estou decidido pelos trinta e oito, tanto quanto puder. Você poderia me arrumar alguma munição para 41 e 3507, também, eu gostaria muito. Quanto vai me custar tudo?
— O preço de sempre. Uma nota e meia pelas armas, quero dizer, cada uma delas. A munição vai incluída, já que você é um bom freguês.
— Doze notas — tentou o segundo homem. — Já está bom.
— OK. Agora, você ainda quer o resto da encomenda, não quer? Quero dizer, tenho pelo menos mais dez, chegando no começo da próxima semana. E então, bem, você disse que queria mais ou menos trinta, e acho que o resto delas chegará, digamos, antes do

fim do mês.
— Oh, certo. Posso usar tudo que você conseguir. Vamos precisar de pelo menos cinco, segunda-feira, talvez mais, se Arthur decidir levar o número de pessoas suficiente para fazer o trabalho direito. E eu tenho de ter um par de extras no carro, sabe? Assim, se tiver de usar uma delas no serviço, poderei limpá-la e jogá-la no rio, e ainda teria algo à mão. Se tudo correr bem, provavelmente estaremos sumindo com todas as oito que você conseguir lá pela segunda à noite, e isso significa que precisarei da próxima partida logo.
— Tenho uma semana, entretanto.
— Olhe — o segundo homem continuou — a não ser que eu possa convencer Arthur a agir com sensatez você provavelmente tem uma a um ano. Aquele estúpido filho da puta, ele não joga uma arma fora. Fica ligado a elas. Não sei quantas vezes eu lhe disse para se livrar de uma máquina, e ele disse: "Não, paguei cem dólares por essa arma", ou o que quer que tivesse pago, "e nem a usei ainda. Não há motivos para jogá-la fora". E ele está lá com dez, ou doze em seu poder. Assim, foi aprisionado três dias do serviço no Lowell, e tinha uma arma consigo, e eles não tiveram nem por que provar que ele estava no caso Lowell, e assim lhe deram uns gordos três anos, por carregá-la sem licença. E ainda riram dele. Ele é o filho da puta mais avarento que eu já vi. Mas acho que aquilo lhe ensinou alguma coisa. Ele pegou, quanto, uns vinte meses de cana, por uma arma que lhe custou talvez cem notas. Economizou cinco dólares por mês, e Arthur compra a cadeia. É foda. Mas veja, posso usar as trinta provavelmente até o Natal. Continue.
— Está certo — disse o homenzinho. — Quando você as quer? Não é amanhã, é?
O que você quer dizer? Oh, não, uma semana a partir de amanhã. Gostaria de apanhá-las amanhã provavelmente.
— Mesmo local?
— Acho que vai ficar um pouco fora de mão para mim, amanhã — disse o segundo homem. — Tenho que estar em outro lugar. Eu lhe direi, farei uma chamada e você virá me encontrar. Quando ligar, direi onde vou estar.
— Eu não estava planejando ficar em casa.
— OK. O que vou fazer é ligar para Dillon assim que souber onde vou estar, e contar-lhe que disse a minha esposa que estaria lá, e farei com que ele diga, se ela chamar, que eu saí mas vou voltar, e que ligarei para ela assim que chegar. Então, ele me chamará e dirá

que ela ligou. Deixarei um número. Farei tudo antes das nove. Você ligará para o Dillon e lhe dirá que me chamou em casa, e minha esposa lhe disse que eu estava lá, e assim ele não pensará em nada, e dar-lhe-á o número, de modo que você poderá me chamar e nós nos encontraremos em algum lugar. OK?
— Espero que ela seja bonita — disse o homem atarracado. — Se eu tiver de fazer tudo isso, e sua esposa não souber onde você está, eu realmente espero que ela seja bonita, isso é tudo que posso dizer.

CAPÍTULO 4

— Você se lembra de Eddie Dedos — disse Dave. Eddie Coyle? O camarada que teve sua mão estropiada depois que puseram Billy Wallace de molho, por um longo tempo, por causa de uma arma que ele tinha comprado de alguém. Arrumou um bocado de barulho lá em New Hampshire, transportando uma pequena carga de bebida que não lhe pertencia, mais ou menos por essa época do ano passado.
— Aquele assaltante de bancos? — perguntou Waters. — O tal de Natick?
— Esse é seu companheiro — explicou Dave. — Artie Van. Arthur Valantropo. Eddie não assalta bancos. Ele é um ladrão. Não entra nesse tipo de negócio pesado, ainda que eu ache que sua sorte andava má, e ele poderia tentar qualquer coisa.
— Eu estava pensando em outro sujeito. Anda muito com Arthur Van também. Van tinha entrado numa acusação de carregamento, e o fulano tentava vê-lo a todo o momento. Parecia que tinha varíola ou alguma coisa assim.
— Não me diz nada.
— Nome italiano — prosseguiu Waters. — Ainda me virá à mente. Tudo que eu consigo me lembrar agora é de Scanlon, e certamente não é esse.
— Sim — concordou Dave. — Bem, recebi aquele chamado de Coyle no outro dia, e saí para vê-lo.
— Pensei que o tínhamos emprestado para a Narcóticos.
— Realmente. Nunca serei capaz de agradecê-lo o suficiente. Mas esse Coyle vira o mundo, e pensei que talvez tivesse algo para nos contar a respeito de drogas.

— Merda — vociferou Waters.
— Fiquei terrivelmente desapontado. Disse isso na ocasião.
— O que ele queria?
— Ele vai ser sentenciado em New Hampshire, depois do primeiro de ano — continuou Dave.
— E quer algumas referências.
— É o que ele tinha em mente. Pelo menos, disse que tinha.
— O que tem ele para negociar? — perguntou Waters.
— Militantes negros. Afirmou que sabe a respeito de um grupo que está comprando metralhadoras.
— Acredita nele?
— Acho que estava me dizendo a verdade — respondeu Dave. — Creio que o que ele falava era verdade, de qualquer modo. Ele disse que não sabia muito, e não sabia, não a esse respeito, pelo menos.
— Provavelmente, não há muito para se saber. Nunca vi um punhado tão grande de otários entre os militantes negros, desde que começamos a apanhar um ou dois espertalhões com tanta frequência. Os Panteras foram a melhor coisa que já aconteceu para a Máfia, quanto ao seu interesse. Eles negociariam dez negros por um moreno, a qualquer dia da semana. Acho isso lindo.
— Tem a sua lógica — concordou Dave. — Prefiro mil vezes ver os malandros negociando os Panteras, do que negociando com os Panteras.
— Há um boato de que eles estão fazendo isso.
— Eu acho que não. Não por aqui, pelo menos. Não duvido de que eles bebem das mesmas fontes, mas não estão trabalhando juntos. Ainda não. Os malandros não são bitolados, você sabe.
— Scalisi — interrompeu Waters. — O sujeito que anda com Artie Van é Jimmy Scalisi. Um cara um bocadão do duro, um bastardo no sentido da palavra. Dolan e Morrissey, da Polícia Marítima, estavam tentando fazer com que Artie Van voltasse, quando ele chegou ali naquela fazenda, Billerica, e Artie desviou para lá e para cá, e a próxima coisa que acontece é que Scalisi e alguns amigos estão planejando vê-lo. Artie não disse um “Ai” depois daquilo. Eu deduzi que Scalisi é uma espécie de artista, com uma pistola.
— Isso me faz pensar, — atalhou Dave — eu não sei se Eddie Dedos está me dizendo tudo o que sabe sobre os militantes negros, ou não. Ele sabe que sou um tira, é claro, e sabe que sou um federal, assim deve imaginar que tenho grande interesse nos Panteras. Não que ele tenha dito Panteras. Mas Eddie não é estúpido. Ele tem algo em

mente. O que estou imaginando é se tudo o que ele tem em mente é uma recomendação do governo, quando for sentenciado. Acho que talvez não.
— Por quê?
— Como diabos Eddie descobriu que algum negro está comprando metralhadoras? Ele anda com negros? Esse barato, não. Assim, quem mais está envolvido? Alguém que esteja vendendo metralhadoras. Agora, porque estaria Eddie Dedos se metendo com um sujeito que venda essas armas?
— Eddie Dedos está a fim de conseguir algumas armas — disse Waters.
— Exatamente. Eddie não gosta de metralhadoras, mas já esteve no rolo antes, fornecendo armas. Foi assim que ele teve sua mão quebrada. Acho que talvez Eddie esteja fazendo negócios novamente. Acho que ele está contando para mim com o fito de, se alguém vê-lo fazendo negócios, esteja tudo certo, pois ele estará sob cobertura.
— Valerá a pena agarrar o sujeito com quem ele está negociando. Ele está pelo menos armando os malandros, e talvez os Panteras, também. Gostaria de vê-lo. Podemos por um detetive atrás de Eddie Coyle?
— Claro. E ele perceberia dentro de seis minutos. Eddie não é o cara mais bravo do mundo, mas não é tapado, e ficou muito cuidadoso. Não é esse o modo de se agir.
— Qual é o modo de se agir? — interrogou Waters.
— O primeiro passo é me tirar desse negócio de drogas em que estou. Ninguém deverá objetar muito. Até agora, pelo que efetuei, até um segundanista de colégio poderia me superar, numa tarde de sorte.
— Verei o que posso fazer. Suponha que você consiga. O que vai fazer então?
— Eddie Coyle é uma criatura de hábitos — disse Dave. — Trabalharei por esse lado.

CAPÍTULO 5

Dez quilômetros a leste de Palmer, a Estrada 20 dobra para o norte, no topo de uma colina, e então vai rodopiando em direção sul, deixando um descampado num bosque de pinheiros. Tarde da noite, um jovem barbudo encostava um Karmann Guia cupê dourado na área de estacionamento coberta de cascalho, desligou os faróis, e se instalou para esperar, enquanto sua respiração se condensava na parte de dentro do pára-brisa e a geada caía sobre o pedregulho.
Na escuridão, Jackie Brown trouxe seu Roadrunner para adiante da Barreira de Massachusetts, em Carlton, fê-lo correr pelas curvas em declive, e vigorosamente entrou a oeste, na Estrada 20. Ele chegou no descampado uns quinze minutos depois do barbudo no Karmann Guia. Estacionou e desligou a ignição, então esperou cinco minutos. O sinalizador direito do Karmann Ghia piscou uma vez. Jackie Brown saiu do carro.
Havia um forte cheiro de plástico, óleo e tinta dentro do Ghia.
Jackie Brown disse: — Foi bom você me dizer que tinha um carro novo. Eu não o teria reconhecido com esse. O que aconteceu ao 3906?
— Recebi meu maldito seguro — respondeu o barbudo. — Então saí para uma volta e tive de encher a coisa, e isso me deu nove notas de prêmio, e eu disse ao diabo com isso. Maldito carro, estava me comendo os olhos.
— Corria como um pássaro com fogo no rabo, entretanto — disse Jackie Brown.
— Estou ficando fodidamente velho para isso. Eu arrebento o rabo durante todo o dia, para levar para casa cento e setenta notas por semana, e simplesmente não posso controlar o tipo de dinheiro que

vai embora. Estou pensando em me casar e estabelecer.
— Você quase que tirou isso da minha boca — acrescentou Jackie Brown.
— Merda. Nos últimos seis meses, consegui com você três mil e setecentos dólares. Gastei-os facilmente. Tenho de parar de girar por aí, isso é tudo. Continuo com isso, e estarei atrás das barras antes de me acabar.
— OK. É uma noite feia. O que eu quero saber é se você tem a mercadoria. Eu tenho o dinheiro.
— Tenho duas dúzias — disse o barbudo. Ele torceu o corpo e suspendeu uma sacola fora do compartimento de bagagens, atrás dos bancos. — A mercadoria deles é de quatro polegadas.
— Está certo. O dinheiro está aqui mesmo. Quatrocentos e oitenta, certo?
— Certo. Como é que está bem, quatro polegadas? Há seis meses atrás, você costumava se estourar e resmungar horrores, e eu não lhe trazia nada a não ser de duas polegadas. De repente, não importa mais. Como é isso?
— Tenho um tipo melhor de negócio — respondeu Jackie Brown.
— Porra, com quem está negociando? Está envolvido com a maldita Máfia, ou coisa parecida?
Jackie Brown sorriu. — Deixe-me explicar para você.
Honestamente, não sei de mais nada. Tem aquele negro que aparece com muita frequência, mas ele é curto de grana, e além disso, o que ele quer, você não consegue arranjar. Tenho de conseguir com outra pessoa. Aí, tem aquele cara gordo, de uns trinta e seis anos, e eu seria um maldito se descobrisse o que que ele faz. Parece irlandês, mas nem ao menos sei seu nome. Ele quer que eu pense que é Paul, mas não estou certo. Aquele filho da puta leva cada máquina que consigo arranjar. Nunca vi um homem assim para armas. Quatro polegadas, seis polegadas, trinta e oito, magnum, quarenta e um, quarenta e cinco, quarenta e quatro, o que quiser. Ele leva de tudo, dinheiro contra mercadoria. O puto sobe a uma dúzia de armas por semana, e aparece pedindo mais. Agora que você me perguntou, estou inclinado a pensar que estava em algum lugar com a Quadrilha, mas isso, ele não vai me dizer, e não quero perguntar. Ele paga em dinheiro americano, isso é tudo que interessa. O mesmo serve para o negro. Eu estava em Nassau, para um fim de semana, quando vi o melhor pedaço da bunda cor de caramelo que poderia sonhar, e quanto ao bastardo gordo que leva de tudo, ele

paga por tudo. Acho que é ótimo. Ele pode trabalhar para o Exército da Salvação, se quiser, eu não me importo. Continue apenas trazendo dinheiro, e está certo para mim.
— Você está agindo certo, por mim — disse o barbudo.
— Eu lhe dou vinte dólares por peça, por um ferro que não lhe custa nada. Você nunca teve nem um bocado de problema comigo. Não discuto consigo por nada. Eu sei onde você está jogando o dinheiro, sei muito bem, mas desde que funcione, está tudo OK comigo. É só você por na minha bunda, e ligarei o fogo debaixo da sua. Você pode pegar dez anos pelo que está fazendo sozinho. O que está fazendo para mim, é secundário, e eu sei. Mas é um negócio danado de bom para você, não se esqueça. Tenho um telefone, também. Posso chamar os tiras de Springfield tão rápido quanto você pode chamá-los em Bóston.
— Foda-se — disse o barbudo.
— Vê-lo-ei na próxima semana — finalizou Jackie Brown. — Quero pelo menos duas dúzias. Levarei o dinheiro.

CAPÍTULO 6

Dillon explicou que estava assustado. — De outro modo, eu o ajudaria, entende? — disse ele. Sentou-se no banco do Comum, no meio do insistente sol de novembro, e inclinou o corpo para a frente para proteger o estômago. — Quero dizer, entendo o que você tem em mente, que está querendo me proteger. Mas quero lhe dizer isso: você não pode fazer isso, não tem possibilidade de fazê-lo. Porque ninguém pode, sabe? Ninguém. Isso é algo em que entrei por mim mesmo, e não vou conseguir sair.
Foley não disse nada.
Havia sete desocupados fazendo o seu ponto habitual na entrada do metrô, na esquina das ruas Boylston e Tremont. Seis deles se sentavam ao longo da parede de arrimo, e discutiam fatos de importância. Usavam sobretudos e chapéus, e sapatos gastos e pesados à luz do sol, em parte porque geralmente estavam resfriados, e em parte porque tinham bastante recordações para saber que o inverno estava vindo outra vez, de modo que necessitariam da roupa quente, a qual não ousavam deixar nos prédios vazios onde dormiam. O mais jovem deles abordava homens de negócios e mulheres que estiveram fazendo compras. Trabalhava diligentemente para mantê-los diante de si, tentando bloquear seus passos para que o ouvissem. É mais difícil recusar um quarto de dólar a um homem, depois de tê-lo escutado por um momento, e reparado nele. Não impossível, mas difícil. O desocupado mais jovem ainda era bastante ágil para se movimentar, e sabia erguer o preço de uma garrafa de Petri mais rápido do que os outros. Dillon o observava, enquanto ele falava.
— Eu lhe digo o que é — disse ele. — A principal coisa que me

incomoda é o caminhão. Bem, eu sei que isso soa um tanto engraçado, porque suponho que pense que o que estava incomodando eram os sujeitos do caminhão, ou algum tipo que eu nem mesmo conhecesse, e que visse me observando muito atentamente no bar ou coisa assim.
Ao norte da Rua Tremont, logo depois da Cabine de Informações, da Fonte e do Coreto Parkman, um par de propagandistas de Jesus estavam trabalhando com um moderno grupo de balconistas, secretárias e curiosos. A mulher era alta. Tinha uma boa e alta voz, e um alto-falante para ajudá-la a se propagar. O homem era baixo e estava andando por lá, distribuindo folhetos. O vento transmitia uma boa parte do que ela estava dizendo, para distrair Dillon de observar os vagabundos.
— Agora, há uma coisa estranha — continuava ele. — Quando vim até aqui, dei uma longa volta em redor, para ver se havia mais alguém interessado e quem podia ser, sabe? Então, vou andando e depois atravesso a rua, e volto a passar por aquele casal, e a mulher diz: “A menos que vocês aceitem Jesus, que é o Cristo Senhor, irão perecer, perecer em chamas eternas”.
— Bem, quem sou eu para pensar numa coisa dessas, podem me dizer? — perguntou Dillon. — Há algumas semanas atrás, aqueles dois senhores de Detroit entraram e pediram uns drinques, então deram uma olhada em volta e, logo a seguir, informam-me de que vamos ser sócios. Eles me dão algum tempo para pensar sobre isso, sabe enquanto penso faço algumas chamadas telefônicas. Assim, quando alguns minutos se passaram, já havia talvez seis ou sete amigos meus lá dentro, e eu aproveitei a oportunidade para sair para a parte de trás e pegar um pedaço de cano que sempre tenho por perto. Dei-lhes umas boas, e depois os atiramos para fora na rua, em frente de um taxi.
— Então, há duas noites atrás, apareceram lá dentro cinco daqueles Micmacs, verdadeiros índios, para variar, estavam um pouco altos e começaram a quebrar a mobília. Assim, eu e uns amigos tivemos de usar o cano em cima deles.
— Agora, essa peça gritou para mim, há apenas alguns minutos atrás, sobre as chamas eternas; bem, considero-me um sujeito um bocado inteligente e tudo o mais, com bastante discernimento; eu bebo uma vez ou outra, de vez em quando, mas fui assaltado pela ideia de que gostaria de subir lá com aquele pedaço de cano debaixo do paletó e dizer: Bem, o que farei com esses camaradas de

Detroit, quer me dizer? E os índios também. Jesus vai me punir por causa disso? E daí, batê-la uma ou duas vezes no focinho, para trazê-la de volta ao seu juízo.
O jovem vagabundo tinha cercado um homem de negócios de meia-idade e um tanto corpulento, no meio do passeio, deixando o caminho livre pelos outros lados.
— Quero lhe dizer uma coisa — disse Dillon. — Aquele garoto pode ser um pronto, mas se vira muito bem. Acho que ele costumava jogar basquete, quem sabe.
— De qualquer modo — continuou — ainda tenho um bocado de sanidade, e não tinha o cano comigo, daí não lhe disse nada nem lhe dei as pancadas, conforme gostaria. Não se pode ser razoável com essa gente, você sabe. Eles têm aquela ideia na cabeça, e tudo que conseguem fazer é ficar ali e lhe dar dor de barriga com o Evangelho, o que é o suficiente para fazer um homem perder o pouco juízo que ainda tem.
— Eu conhecia esse sujeito, encontrei-o quando estava naquela ratoeira federal, Lewisburg, quando voltei para lá há uns três ou quatro anos atrás. Esqueço- me porque ele estava lá, nos setores B e E de um edifício federal, talvez por um serviço no correio. De qualquer maneira, não era mau sujeito. Grandão, costumava lutar um pouco de boxe. Ele é das redondezas de New Bedford. De modo que começamos uma amizade.
— Eu saí primeiro — continuou Dillon. — Voltei para cá e o deixei sabendo onde estava. Então, quando o libertaram, ele foi para a casa morar com a esposa e a mãe dela, mas sabendo onde estou, para o caso de precisar de uma mãozinha. E não demorou muito para que precisasse. Porque aquelas duas mulheres iam dire- to para o trabalho, deixando-o fora de si. São umas portuguesas tapadas, do tipo que você conhece, e en- quanto ele estava na cadeia, elas simplesmente deci- diram que não queriam mais ser católicas, e que iam ser como é que se diz, testemunhas de Jeová. Bonito. O sujeito vem para a casa, conhece muito bem o ramo de construções, consegue um emprego, e todas as noites quando volta para a casa, e talvez haja um jogo de fute- bol ou qualquer coisa, elas querem que ele saia e fique na calçada em frente do supermercado, mascateando Jesus com cada pobre diabo que aparece para comprar um quilo de peixe.
— Então ele começa a vir aqui — prosseguiu ele — toda a vez que pode, apenas para ter um pouco de paz e sossego. E a próxima coisa

que percebo, é que dessa vez ele subiu e não quer voltar mais. Então lhe digo: “O que está fazendo aqui?”. Ele responde: “Pelo amor de Cristo, você não vai começar com isso por cima de mim, vai?”.
— Eu tinha algum espaço. Estava separado de minha mulher no momento, e tinha espaço. Deixei-o ficar comigo. Ele bebe uma garrafa de cerveja e assiste ao jogo de futebol, enquanto estou trabalhando, e durante o dia, bem, não sei o que ele faz. O melhor que pode, provavelmente.
— Naturalmente, é só uma questão de tempo o oficial de livramento fazer um relatório, dizendo que ele está faltando às visitas, o que é verdade, e que sua família afirma que ele não vem para a casa, também é verdade, e que está se relacionando com um conhecido criminoso, que sou eu e que também é verdade, e ainda que desistiu de um emprego fixo, e seu paradeiro é ignorado. Assim, uma noite aparece o chefe de polícia e ele está de volta em cana, por violação de livramento condicional. Bebida também. Havia me esquecido disso. Eu lhe digo, as duas mulheres o jogaram de volta no xa- drez. Não se pode ser razoável com pessoas assim, e não fez nenhum bem em absoluto conversar com elas.
Dillon se endireitou e imediatamente dobrou-se outra vez para a frente. O homem de meia-idade executava uma virada rápida e se afastava do jovem desocupado.
— Esse é o tipo de coisa que perturba você, sabe? Simplesmente, bem, há certas coisas que você pode evi- tar, e outros tipos que não pode fazer nada a respeito, é tudo. Sabendo a diferença, desde que você saiba dis- tinguí-la, estará em boa forma. Foi porisso que fiquei como que chateado com a mulherona do alto-falante, foi como se, por um minuto, eu não soubesse a di- ferença. Você fica de tal jeito quando está nesse estado, que não é capaz de fazer muita coisa a respeito de nada.
A tempestade costumeira de pombos fazia pe- quenas evoluções pelo passeio e se instalava atrás de uma velha senhora, que as alimentava de um saco de papel grande e amarrrotado. — Ouvi um sujeito na tele- visão, uma noite dessas, — disse Dillon. — Estava falando sobre pombos. Chamou-os de ratos voadores. Achei que isso foi muito bom. Ele tinha algo em mente, dar a Pílula para eles ou coisa assim, fazê-los se ex- tinguirem. O problema é que ele falava sério, sabe. Um cara que uma vez foi atingido por merda, e pro- vavelmente outra vez, e ficou furioso. Arruinou o seu terno ou o

que quer que fosse, e ele ia passar o resto da vida desforrando-se dos pombos, porque lhe estragaram um terno de cem dólares. Bem, não há nenhuma por- centagem a respeito disso. Deve haver dez milhões de pombos só em Boston, pondo ovos todo o dia, o que geralmente produzirá mais pombos, e todos eles estão despejando toneladas de merda, com chuva ou sol. E esse sujeito de Nova York vai, bem, simplesmente não haverá mais nenhum deles nesse mundo.

— Você entende o que estou lhe dizendo — continuou Dillon. — Deve entender. Eu, não é que não confie em você ou coisa do gênero. O homem disse que você é legal, e que faz isso por mim. Aceito isso. Mas pelo que pretende fazer, se eu ajudá-lo, terei de passar o resto da vida, vê? E me mandar para algum lugar, sumir. E não se pode sumir, isso é tudo. Simplesmente não se pode.

— Aquele cara de quem eu estava lhe falando — prosseguiu — e cuja esposa era testemunha de Jeová, bem, isso não tinha nada a ver com o que ela gostava de fazer, e pelo que ele estava me contando, ela o fazia muito frequentemente. Como, digamos, várias vezes por noite. Em Lewisburg, ele costumava me dizer que estava guardando para o futuro, nada de trotes lentos para ele, porque quando chegasse em casa, ia dar contas de cada tostão que possuía. A primeira vez que ele veio aqui, completamente puto, eu lhe perguntei, bem, pelo menos como iam as coisas daquele lado? E ele me disse, veja bem: “Sabe de uma coisa? Se há algo que ela sempre odiou, era chupar-me. E desde que cheguei em casa, a estive forçando a fazer aquilo, para que se calasse pois ela sempre se cala quando a forço a fazê-lo”. Entende o que quero dizer? O fulano fica desesperado, faz al- gumas coisinhas, sabe que não vão funcionar, e logo ele para; simplesmente faz as malas e se arranca para algum lugar. É o único jeito.

— Olhe, eu sei disso — prosseguia Dillon. — Se vai acontecer, então vai acontecer. Não sei, algum chapa meu, que eu provavelmente me recusei a ajudar alguma noite, começou a espalhar que eu tinha saído para ver pessoas que ele achava que eu não devia. O que é bem verdade, é claro, senão porque estaria aqui? Mas ele provavelmente também está fazendo isso. Todo o mundo está procurando por uma pequena ligação, você não caga no poço porque talvez tenha de beber dele algum dia. De qualquer maneira, corre por aí que esse grande júri está se formando, e logo em seguida fico sa- bendo, bem, você sabe o que.

— Vi o caminhão — prosseguiu. — É isso que me impressiona. Ponha dois caras naquele caminhão e eles poderiam pegar o Papa. A única vez em que vi uma má- quina dessas foi dentro de um Cadillac. Assim, você não pode, não vai fugir porque aquela coisa iria bem atrás de você. E o pára-brisa, bem, a maldita coisa se parece com um velho caminhão de pão, ou de leite talvez, e o pára-brisa se abre, tem uma manivela do lado do passa- geiro, e pode-se abri-lo e escorregar um rifle de caça para fora. Você está dirigindo um carro em frente da- quele caminhão e eles estão na sua pista, bem, então boa sorte. Entendo para que eles têm até mesmo um giroscópio nele, sabe? Como um maldito avião. Assim, podem dar fechadas. Suponhamos que você esteja na Ponte Mystic, com aquela coisa rodando atrás e o pára- brisa se abrindo, eu lhe pergunto, o que faria então? Faria um bom Ato de Contrição, eis o que faria, pois teria uma escolha entre o rifle e a água, e isso não importaria muito.

— É claro que eu não dirijo. Se pudesse sustentar um carro, não estaria tirando vinte por semana de você. A única vez em que estive nessa ponte foi quando volta- va para a casa da estrada de ferro, de ônibus. Mas você entende onde quero chegar. Aqueles sujeitos são sérios. Conheço-os muito bem. Sabe disso. Eles têm um caminhão para pessoas que são motoristas, e têm outra coisa para os que andam, como eu.

— Você entende o que estou lhe dizendo — dizia Dillon à luz do sol, debaixo das árvores, ceus e pombos, — percebe onde estou chegando. No momento, eles queriam me assustar, e o conseguiram. Estou apavora- do. Vou continuar apavorado e não fazer nada que outras pessoas não estejam fazendo. Não irei até aquele grande júri, e talvez, apenas talvez, deixar-me apavora- do será o suficiente. E os satisfará. Ele estava assustado, e não deu as caras. Ou talvez não, também. Mas é só eu ir até lá, e pronto, o que quer que tenha agora, não teria mais. Por enquanto, posso andar por aí, e ainda sentir a diferença.

— Recebi uma carta o outro dia, daquele sujeito sobre quem estava falando, e sabe o que ele disse? Disse: “Ainda tenho sete meses para contar, e depois estarei livre e despimpedido. Sem livramento condicional, nem nada. O que estou tentando resolver é se mato ou não aquela mulher. No momento, acho que não o farei.

— Vê o que quero dizer? — prosseguiu. — Você nunca está certo. Nunca está certo do que um homem vai fazer. Acho que se eu

estivesse, não me incomodaria, eles não iam precisar daquele caminhão. Até me mataria.
— OK — disse Dave — OK. Olhe, alguma vez eu já lhe disse que íamos mantê-lo limpo e seguro? Alguma vez já vim com essa lorota por cima de você?
— Não — Dillon respondeu. — Não, você sempre foi ponta firme. É o que posso dizer.
— OK — voltou Dave. — Entendo a posição em que está. Você não pode falar sobre o Polaco, não pode dizer nada. Está muito bem.
— Obrigado.
— É foda — disse Dave. — Fomos amigos por muito tempo. Nunca pedi a um amigo para fazer algo que realmente não pudesse, sabendo que ele não podia. Toda a cidade está ligada nesse grande júri, de qualquer modo. Nunca vi as coisas tão calmas.
— Não há muita coisa acontecendo — confirmou Dillon.
— Jesus, eu sei disso. Eles me puseram noutro ramo, sabe? Drogas. Tenho estado fora da cidade há provavelmente três semanas já, então volto, e nada está acontecendo. Não perdi nada. Seus camaradas deviam estar brincando de bambolê ou coisa assim. Deveria ha- ver um desses grandes júri cada três semanas, mais ou menos. Certamente, isso os deixaria de férias por um momento. Não me importo se eles nunca agarrarem aqueles caras. A taxa de criminalidade desce em sessenta por cento, apenas fazendo os durões se preocuparem sobre isso.
— Foda-se! — impreco Dillon.
— Ei, olhe. Não há nada acontecendo. Você pode falar o que quiser, mas o grande júri deixou seus camaradas tão apertados, que eles estão sufocados. Até o fim da semana. Artie Van estará lustrando sapatos ou vendendo jornais, ou talvez cafetinando, quem sabe. Você deveria arrumar um emprego.
— Corta essa.
— Está certo — concordou Dave. — Foi um golpe baixo. Peço desculpas. Mas não há nada acontecendo.
— Há alguma coisa acontecendo.
— Um punhado de garotos se juntando, para assistir filmes de sacanagem? — perguntou Dave.
— Quer saber a verdade? Não sei o que é. O pessoal está como que me evitando. Mas algo está acontecendo. Sujeitos ligando para outros, que não são contratados. Não sei o que é, mas eles têm algo correndo.

— Aqui estão vinte. Quem está ligando?
— Lembra-se de Eddie Dedos? — perguntou Dillon.
— Vividamente. A quem ele está procurando?
— Jimmy Scalisi.
— Então é isso. E o encontrou?
— Não sei — respondeu Dillon. — Sou apenas um mensageiro.
— Eles lhe dão números...
— Números de telefone. Eu tenho uma licença para bebidas. Sou um cidadão respeitador da lei.
— Você trabalha para um sujeito que tem uma licença para bebidas. Alguma vez já o viu? Isso é ser culpado de crime grave.
— Você sabe como é — suavizou Dillon. — Tra- balho para um cara que tem licença. Às vezes me esque- ço.
— Quer se esquecer disso?
— Assim que puder.
— Feliz Natal — despediu-se Dave.

CAPÍTULO 7

Samuel T. Partridge, tendo ouvido sua esposa e filhos descendo as escadas, com os roupões sibilando no corredor oriental, as meninas discutindo sobre escola de enfermagem, e o menino murmurando a respeito do café, banhou-se preguiçosamente e se barbeou. Vestiu-se e foi para baixo, para os ovos e café.

Na sala da família além da cozinha, ele viu seus filhos agrupados perto da cadeira de balanço Bóston. Na mesma, estava sentada sua esposa. Todos os seus rostos estavam pálidos. Três homens se sentavam no sofá. Usavam blusões de náilon azuis sobre as partes superiores de seus corpos, e meias de náilon puxadas sobre os rostos. Cada um deles segurava um revólver na mão.

— Papai, papai — gritou seu filho.

— Sr. Partridge — disse o homem que lhe estava mais próximo. Suas feições estavam assustadoramente distorcidas pelo náilon. — O senhor é o primeiro vice- presidente do Primeiro Banco Agrícola Comercial e Companhia Fiduciária. Nós vamos até o banco, o senhor, eu e meu amigo aqui. Meu outro amigo ficará com sua esposa e filhos, para se certificar de que nada acontecerá a eles. Nada lhes acontecerá, nem ao senhor, se fizer o que lhe digo. Se não, pelo menos um de vocês levará um tiro. Entende?

Sam Partridge engoliu tanto sua raiva como uma gota de catarro que lhe tinha subido pela garganta. — Entendo — disse.

— Pegue seu paletó — ordenou o primeiro homem.

Sam Partridge beijou sua esposa na testa. Beijou cada um de seus filhos. Ele disse: — Não tenham medo, tudo ficará bem. Façam o que mamãe lhes mandar. Tudo dará certo. — As lágrimas corriam pelas faces de sua esposa. — Vamos, vamos — ele disse. — Eles não

querem nos machucar, é dinheiro que eles querem. — Ela se atirou em seus braços.
— Ele está certo — tornou o primeiro homem. — Não temos, absolutamente, o costume de machucar pessoas. É o dinheiro. Ninguém faça nada estúpido, e ninguém sairá ferido. Vamos ao banco, Sr. Partridge.
Na passagem de carros atrás da casa, havia um Ford sedan azul, indefinível. Dois homens estavam sentados no banco dianteiro. Cada um tinha uma meia de náilon sobre a cabeça e blusão azul. Sam Partridge foi para o banco traseiro. Os homens da casa se sentaram um de cada lado dele. O motorista disse: — O senhor dorme tarde, Sr. Partridge. Estivemos esperando muito tempo.
— Sinto tê-lo incomodado — respondeu este.
O homem que falara na casa tomou as rédeas da conversa. — Sei como se sente. Entendo que o senhor é um homem corajoso. Não tente provar isso. O homem com quem estava falando matou pelo menos duas pessoas, que eu saiba. Não digo o que eu fiz. Apenas fique calmo e seja sensato. Não é dinheiro seu. Está todo segurado. Nós queremos o dinheiro. Não queremos ferir ninguém. Faríamos isso, mas não queremos. O senhor vai ser razoável?
Sam Partridge não disse nada.

— Vou apostar que vai sê-lo — disse o porta-voz. Ele tirou um lenço de seda azul do bolso de seu casaco e o passou a Sam Partridge. — Quero que o dobre e ponha sobre os olhos, como venda. Vou amarrá-la para o senhor. Então, sente-se aqui no chão do carro.

O Ford começou a se mover enquanto Sam Partridge se contorcia para baixo, no meio dos bancos. — Não tente ver nada — tornou o porta-voz. — Teremos de tirar fora estas meias até chegarmos ao banco. Quando chegarmos lá, apenas seja paciente até que estejamos vestidos outra vez. Entraremos pela porta de trás, do modo que o senhor sempre faz. O senhor e eu ficaremos juntos. Não se preocupe com os meus amigos. Apenas diga ao seu pessoal para não destrancar a porta da frente nem puxar as cortinas. Esperaremos até que a fechadura de tempo abra. Meus amigos cuidarão do cofre. Voltaremos a este carro quando terminarmos.

Então explicará à sua gente que não é para eles chamarem a polícia. E lhes dirá porque não é para eles fazerem isso. Eu sei que é desagradável, mas o senhor voltará para a sua casa do mesmo modo em que está agora. Vamos pegar o meu amigo lá. Quando estivermos a uma distância segura, o deixaremos ir. Para o momento, não planejamos atingi-lo na cabeça, mas o faremos se formos forçados. De outro modo, não planejamos feri-lo ou a qualquer outra pessoa, a não ser alguém que queira nos estrepar. O que o senhor disse era certo: queremos o dinheiro. Entendido?
Sam Partridge nada disse.
— O senhor torna as coisas difíceis para mim. Uma vez que estou com a pistola, isso não é uma boa ideia. Entende?
— Entendo — respondeu Sam Partridge.
Dentro do banco, a Sra. Greenan soluçava baixinho, enquanto Sam explicava a situação.
— Diga-lhes a respeito do alarma — disse o porta-voz.
— Dentro de poucos minutos — falou Sam — a fechadura de tempo do cofre se abrirá. Estes homens levarão o que vieram buscar. Então, sairei com eles. Voltaremos à minha casa. Há um outro homem lá, com a minha família. Vamos apanhá-lo e partir. Este homem me disse que minha família não será ferida, e eu também não, se ninguém interferir com eles. Eles me libertarão quando tiverem fugido a uma distância satisfatória. Não tenho escolha, a não ser acreditar no que me dizem. Assim eu peço, a todos vocês, para não dispararem os alarmas.
— Diga-lhes para se sentarem no chão.
— Por favor, sentem-se no chão — pediu Sam. A Sra. Greenan e os outros obedeceram, desajeitadamente.
— Vá até o cofre — ordenou o porta-voz.
Próximo à porta do cofre, Sam Partridge teve seu campo de visão contraído para incluir somente dois objetos. Havia um pequeno relógio instalado dentro da porta de aço do cofre. Estava marcando oito e quarenta e cinco minutos. Não tinha ponteiro de segundos. O de minutos não parecia estar se movendo. A cinquenta centímetros de distância do relógio, quase outro tanto abaixo de seu nível, estava a mão do porta-voz do grupo, de luva negra. Ela segurava, com bastante firmeza, um pesado revólver. Sam viu que havia uma espécie de vareta no cano, e que o cabo se projetava para fora, para cobrir a parte superior da mão que o segurava. Ele viu traços dourados no metal negro dos cilindros. O detonador do revólver

estava puxado até sua armação máxima. O ponteiro de minutos não parecia ter se movido.
— A que horas abre? — perguntou o porta-voz calmamente.
— Oito e quarenta e oito — Sam respondeu distraidamente.
Em julho, ele tinha levado as crianças a New Hampshire e alugado uma casa de campo em um lago em forma de paleta, ao norte de Centerville. Eles tinham alugado um barco numa manhã, um barco de alumínio com remos, com um pequeno motor, e ele tinha levado as crianças pescar enquanto sua esposa dormia. Lá pelas onze, tinham entrado, porque seu filho queria ir ao banheiro. Eles tinham ancorado na praia e as crianças subiram correndo a ladeira de cascalho, na direção do mato alto, e o vararam correndo para a cabana, à luz do sol. Sam tinha tirado um cordel de quatro peixes do barco, e o colocara sobre o cascalho. Dobrar-se novamente para erguer as varas e a caixa de equipamentos, a garrafa térmica de leite e os suéteres. Ele se endireitara com os objetos e se voltara na direção onde tinha colocado os peixes.
No cascalho solto da praia, talvez a uns trinta centímetros do cordel de peixes, uma grossa cascavel de árvores marrom estava enrolada. Sua cabeça estava talvez trinta centímetros de distância do chão. Os chocalhos de sua cauda pendiam contra uma de suas espiras gordas. Ela tinha estado nadando; seu corpo liso e cheio de texturas estava molhado, e tremeluzia ao sol. Os padrões de marrom e negro se repetiam regularmente ao longo da pele. Os olhos da serpente eram lustrosos e escuros. Sua delicada língua preta adejava para fora, sem ser visível a abertura de suas mandíbulas. A pele debaixo das mesmas era cor de creme. O sol tinha derramado um calor confortável sobre a grossa serpente e Sam, que ficara repentinamente arrepiado, ambos se tinham quedado inertes, a não ser pela língua da mesma, negra e delicada, que palpitava para dentro e para fora vez ou outra, durante uma eternidade. Sam tinha começado a se sentir tonto. A posição na qual estava paralisado, quase ereto, com as coisas das crianças e a caixa em suas mãos, fizeram seus músculos doer. A serpente parecia calma. Não fazia nenhum som. Sam não conseguiu pensar em nada, a não ser em sua incerteza; ele não sabia se as cascavéis atacavam sem chocalhar. Repetidamente, lembrou a si próprio de que isso não faria diferença, e que a cobra poderia facilmente se dedicar a qualquer ritual com rapidez suficiente para atacá-lo antes que ele pudesse escapar. Com repetida frequência, a questão o importunara. —

Agora, escute — ele finalmente tinha dito à cobra, — você pode ficar com o maldito peixe. Ouviu-me? Pode ficar com eles.
A serpente tinha permanecido na mesma posição durante um tempo. Então, suas espiras começaram a se endireitar. Sam tinha se decidido a tentar pular, se ela viesse em sua direção. Ele sabia que ela poderia nadar mais rápido do que ele, e não tinha nenhuma arma. A serpente controlava completamente a situação. Ela se virou lentamente para o cascalho, com o seu peso fazendo os pedriscos roçarem entre si. Dirigiu-se ladeira acima, em diagonal contrária à da cabana. Em pouco tempo tinha sumido, e Sam, com o corpo dolorido, depositou as coisas nos bancos do barco e começara a tremer.
Sam deslizou de volta os olhos, do revólver para o relógio. — Não parece se mover — ele disse. — oito e quarenta e sete, acho. Realmente, não é muito bom para indicar as horas. Tudo que ele faz é mostrar que o mecanismo está funcionando, realmente.
Quando ele tinha contado à esposa sobre a cobra, ela tinha desejado partir imediatamente, e desistir dos quatro dias restantes do aluguel da cabana. E ele tinha dito: — Nós estivemos aqui quanto, nove dias? Aquela cobra esteve durante toda a sua vida, e ela é bem grande, de modo que é um longo tempo. Provavelmente, há serpentes em outros lugares de New England, também. As crianças não foram mordidas até agora. Não há razão para se pensar que ela vai ficar mais agressiva entre agora e sábado. Não podemos passar nossas vidas na Irlanda, simplesmente porque as crianças poderiam ser mordidas por alguma cobra, algum dia. — Eles tinham ficado. Mas notaram a si próprios escolhendo seus caminhos através do mato alto, e observando cuidadosamente o cascalho em que pisavam, e quando estavam na água, Sam procurava constantemente pela pequena cabeça e brilhantes e grossos espirais, na lagoa azul.
— Quer experimentar agora? — perguntou o porta-voz. — Ou disparará o alarme, se tentar antes do tempo estabelecido?
— Não. Simplesmente não abre. Mas há um clique quando chegar a hora certa. Não adianta nada tentar enquanto ele não soar.
Houve um estalo seco no lado de dentro da porta do cofre. — Aí está — disse Sam. E começou a girar a roda.
Falou o porta-voz: — Quando conseguir abri-lo, vá até as escrivaninhas, de modo que eu possa observá-lo e ao resto dos outros, ao mesmo tempo.

Sam ficou perto de sua própria escrivaninha, fitando os retratos de sua família, as quais ele mesmo tinha tirado. Havia uma estante de couro Zenith, com duas canetas e um rádio AM-FM, em frente da área central; sua esposa a tinha lhe dado para companhia, quando ele tinha de trabalhar até tarde. O Wall Street Journal do dia anterior estava dobrado num canto próximo da escrivaninha. A Sra. Greenan apanhava a correspondência todas as manhãs, e lhe trazia o Journal antes de distribuir o resto. Sua rotina tinha sido interrompida. Ela ficaria inconsolável o resto do dia. Durante a manhã, os clientes regulares estariam ligando, para perguntar sobre seus depósitos e saques, pois as ordens de pagamento e os cheques não chegariam no tempo esperado. Não, isso não era correto: haveria alguma coisa nos jornais, a respeito daquilo, algo na televisão.

Os dois outros homens convergiram das posições que tinham tomado no banco. Cada um deles tirou um saco de plástico verde brilhante debaixo de seu paletó e o esticou. Eles foram até o cofre. Não falavam. O revólver negro permaneceu firme.

Os outros dois homens emergiram de lá de dentro. Colocaram os sacos de plástico verdes no chão. Um deles tirou outro saco e o abriu. Andou de volta até o cofre. O segundo sacou de sua arma e assentiu.

O porta-voz disse: — Quando ele sair, lembre seu pessoal a respeito do alarme. Então diga-lhes que vai haver alguns disparos, mas ninguém vai sair ferido. Eu terei de tirar aquelas câmaras de lá.

— Porque está se incomodando? — perguntou Sam. — Elas são para pessoas que descontam cheques frios, e que você ordinariamente não repara no curso do expediente. Todo o mundo aqui dentro esteve de olhos fixos em vocês, nos últimos dez minutos. E não podem identificá-los. Porque se arriscar? Há uma drogaria na próxima porta, e agora já deve estar aberta. Se pensa que esse lugar é à prova de som, digo-lhe que não. Comece a disparar e com certeza atrairá alguém.

— Prestativo, não é?

— Não quero ser ferido, nem que ninguém mais o seja. Você disse que usaria essa coisa. Eu acredito. Aquelas câmaras não viram nada que eu não tenha visto: apenas um punhado de gente assustada e três homens com meias sobre os rostos. Teria de nos matar a todos, também.

— Está certo — concordou o porta-voz. O terceiro homem saiu do

cofre, com o terceiro saco parcialmente cheio. — Diga-lhes isso: meus amigos vão sair e entrar no carro. Então, nós faremos o mesmo, e voltaremos à sua casa. Seu pessoal terá de abrir o banco e não dizer absolutamente nada a ninguém, durante pelo menos uma hora. Se eles o fizerem, talvez o senhor não seja morto.
— Vocês vão me escutar, por favor? — pediu Sam. — Vamos sair agora. Assim que a porta se fechar na parte traseira, levantem-se. Comecem com o expediente como sempre, o melhor que puderem. É muito importante que estes homens tenham pelo menos uma hora para fugir. Sei que será difícil para vocês. Façam o melhor que puderem, e se alguém entrar querendo uma grande soma em dinheiro, terão de lhe dizer que há alguma coisa de errado com o cofre, e que chamamos um técnico para abrí-lo.
Ao porta-voz, ele disse: — Poderia pedir a um de seus amigos que fechasse o cofre?
Este apontou em direção à porta do mesmo. O segundo homem fechou-o com um empurrão. O porta-voz assentiu e os dois homens apanharam os sacos de plástico e desapareceram no corredor que conduzia à porta de trás.
— Por favor, lembrem-se do que eu disse — voltou Sam. — Tudo depende de vocês, para cuidar que ninguém saia ferido. Por favor, façam o melhor que puderem.
No carro, não havia nenhum sinal dos sacos de plástico. Então, Sam notou que estava faltando um dos homens. Ele sentou-se no banco de trás com o porta-voz. O motorista ligou o motor.
— Agora, Sr. Partridge, — dizia o porta-voz — vou-lhe pedir para por a venda outra vez e se abaixar até o chão do carro. Eu e meu amigo na frente vamos tirar as meias. Quando chegarmos à sua casa, ajudá-lo-ei a sair do carro. O senhor tirará a venda, para que ninguém fique assustado. Pegaremos meu amigo e voltaremos para o carro. Daí, colocará de novo a venda e tudo correrá bem, em pouco tempo o senhor estará são e salvo. Compreende?
Na sala da família, sua esposa e filhos pareciam ocupar os mesmos lugares em que estavam quando ele desceu as escadas pela primeira vez. Ela estava sentada na cadeira de balanço e as crianças permaneciam juntas perto dela. Ele soube, sem que ninguém dissesse, que eles não tinham falado desde sua partida. O quarto homem ergueu-se do sofá, quando entraram.
Disse Sam: — Tenho de ir embora com estes homens por algum tempo, agora, e depois tudo ficará certo, OK? — As crianças não

responderam. A esposa, ele disse: — É melhor ligar para a escola e lhes dizer que nós todos pegamos uma infecção, e que as crianças vão faltar.
— Não diga nada além — advertiu o porta-voz.
— Estou apenas tentando fazer o que me disse — respondeu Sam.
— Se não o fizer, a escola chamará.
— Ótimo. Apenas certifique-se de que não é a Polícia Estadual ou coisa assim. Agora, vamos.
Do lado de fora, os olhos de Sam foram vendados novamente. Seus olhos doeram com a súbita mudança de luz do sol para escuridão. Foi conduzido ao carro, empurrado para o chão, e então ouviu o carro entrar em funcionamento, com a transmissão tinindo debaixo de sua cabeça, enquanto o carro dava marcha-à-ré. Ele o sentiu jogar para a frente. Foi capaz de perceber quando o mesmo saiu da entrada e virou à esquerda. Quando ele parou, e então virou à direita, Sam soube que estava na Estrada 47. O carro continuou por um longo tempo, sem parar. Sam rebuscou na memória, tentando se lembrar do número de sinais vermelhos e cartazes que eles teriam passado. Não conseguiu se recordar. Já era incapaz de dizer onde estavam. Não havia conversa no carro. Uma vez, ele ouviu um fósforo sendo riscado, e logo após sentiu um cheiro de cigarro queimando. Pensou: Devemos estar chegando em algum lugar. Já deve estar quase acabado.
Houve um som de esmagamento debaixo do carro, e rapidamente ele diminuiu sua marcha. Disse o porta-voz: — Vou abrir a porta agora. Ponha suas mãos no banco e se erga até sentar. Eu pegarei seu braço e o levarei para fora do carro. Estamos na beira de um campo. Quando sair, eu o orientarei e o senhor começará a andar. Ouvir-me-á voltar ao carro. O vidro estará fechado. Estarei lhe apontando a arma a cada minuto. Apenas comece a andar, e ande para tão longe quanto puder. Em algum momento enquanto estiver andando, ouvirá o carro partir para fora do acostamento. Eu lhe prometo, ficaremos estacionados no passeio por um momento. O senhor não será capaz de distinguir, pelo ouvido, se ainda estamos aqui ou não. Conte até cem. Então, livre-se de sua máscara, e reze a Deus para que nós tenhamos partido.
Sam estava duro e com câimbras, de ficar deitado no chão. Ele ficou de pé, inseguro, no acostamento da estrada. O porta-voz tomou seu braço e o conduziu para o campo. Pôde perceber que estava num mato molhado e alto. — Comece a andar, Senhor Partridge. E

obrigado pela sua cooperação.
Sam ouviu o carro sair do cascalho. Ele se movia levemente pela escuridão, assustado pela irregularidade do terreno. Estava com medo de pisar para dentro de um buraco. Ou de pisar em uma cobra. Ele chegou até trinta e quatro e perdeu a conta. Contou novamente até cinquenta. Estava incapaz de respirar. Não posso mais, pensou, não posso mais. Não posso mais esperar. Ele removeu a venda, esperando levar um tiro. Estava sozinho num pasto largo e plano, ladeado por carvalhos e bordos, que haviam perdido as folhas e enegrecido, na manhã quente de novembro. Por um instante, ficou ali piscando, então virou-se e olhou para a estrada vazia, bem a uns vinte metros de distância. Ele começou a correr, com o corpo duro, em direção à estrada.

CAPÍTULO 8

Passados cinco minutos das seis, Dave Foley escapou do tráfego da Estrada 128 e estacionou o Charger na Red Coach Grille, em Braintree. Foi até o bar e tomou uma mesa num canto de trás, o que lhe permitia observar a porta e o aparelho de televisão, acima do balcão. Pediu um vodka martini on the rocks, com misturador. Depois que um homem branco anunciou energicamente as manchetes, o noticiário da noite começou. Enquanto a garçonete chegava com a bebida de Foley, um homem negro com pesadas papadas, e um estranho sotaque, começou com a primeira estória. "Quatro homens, mascarados com meias de náilon, fugiram com aproximadamente noventa e sete mil dólares, do Primeiro Banco Agrícola Comercial e Companhia Fiduciária, em Hopedale, nesta manhã" — disse ele. "Os bandidos invadiram a casa em Dover de um funcionário do banco, Samuel Partridge, logo antes do amanhecer. Deixando um para manter a família refém, eles forçaram Partridge a acompanhá-los ao banco. Os empregados foram mantidos sob mira de armas, enquanto os assaltantes saqueavam o cofre da maior parte do dinheiro circulante do banco, deixando somente moedas e algumas notas de pouco valor. Partridge foi então conduzido de volta a sua casa, onde os assaltantes apanharam o guarda que tinham deixado. Depois de ter os olhos vendados. Partridge foi abandonado na Estrada 116, em Uxbridge, perto da divisa de Rhode Island. Um Ford Azul, aparentemente o veículo da fuga, foi encontrado a três quilômetros de distância. O FBI e a Polícia Estadual entraram no caso. Partridge nos disse esta manhã..."

Um homem negro e encorpado, usando um terno de seda azul com

bolsos duplos, entrou no bar e parou por um instante. Foley se ergueu e acenou para ele.
— Deetzer — começou Foley — como vai a batalha pela igualdade de direitos?
— Definitivamente, estamos perdendo — respondeu o negro. — Esta manhã eu lhe disse que não voltaria para jantar, e agora terei de esvaziar o lixo durante três meses, e levar as crianças ao zoológico, sábado.
— O que você anda ouvindo, velho Deetzer?
— Andei ouvindo que eles servem bebidas aqui, de vez em quando. Posso tomar um desse?
Foley fez sinal para a garçonete e apontou para o seu copo. Então ergueu dois dedos.
— Vamos comer aqui, Foles? — PERGUNTOU O NEGRO;
— Bem que poderíamos. Eu me contentaria com um bife.
— O Tio está pagando?
— Eu não me surpreenderia — respondeu Foley.
— Estou começando a me lembrar de que andei ouvindo umas coisas, agora. Sobre o que vamos conversar?
— Estou pensando em entrar no ramo de assaltos — respondeu Foley. — O que eu quero fazer é organizar uma quadrilha integrada. Nós seríamos invencíveis, Deetzer. Quatro bastardos, não mais. espertos do que você e eu, abafaram noventa e sete notas graúdas de algum banquinho da roça esta manhã, sem confusão, espalhafato ou amolação. E aqui estamos nós, jovens merecedores, gente direita, arrastando-se por aí com um salário fodido.
— No rádio, ouvi cento e cinco mil — cortou o negro.
— Bem, aí está, Deetzer. Um dia de trabalho, e tudo com o que precisa se preocupar depois é do Efe Bi Ai. Você estará arrastando o lixo, de hoje até a Páscoa; quanto a eles, estarão se bronzeando em uma praia de Antigua, e eu estarei varando o mato, com neve até os joelhos, até o aniversário de Washington, indo no encalço de donas de casa que pagam dez mangos por cento e cinquenta gramas de Chá Lipton e cinquenta gramas de um certo tipo de erva.
— Eu estava pensando em me juntar a uma comunidade — retornou o negro. — Ouvi a respeito daqueles lugares, lá perto de Lowell, todo jundo é benvindo, você tira suas roupas e trepa o dia inteiro, e bebe vinho boisenberry toda a noite. O problema é que ouvi dizer que tudo o que eles têm para comer são nabos.
— Você está muito velho para uma comunidade. Eles não o

aceitariam. Não conseguiria fazer frente aos requisitos. O que você precisa é de algum emprego pago pelo governo, com uma secretária que entraria todas as tardes, se despiria da cabeça aos pés, e faria tudo o que você quisesse.
— Eu solicitei essa espécie de emprego. Sei de um igualzinho ao que você mencionou. O tutú é trinta notas por ano, e ainda um Cadillac com um chofer branco para dirigi-lo. Disseram-me que já estava preenchido. Algum garoto da Faculdade de Direito de Harvard, com cabelo até o umbigo, barbudo e usando botas. Contaram-me que eu não era qualificado para conduzir o pessoal até a terra prometida, e o que eles precisavam era de um ótimo rapaz judeu, que não tomasse banho.
— Acho que tiveram o direito de fazê-lo — disse Foley.
— Eu também. Agora, eles querem os empregos.
— Os irmãos ficarão muito aborrecidos quando ouvirem isso. Devo chamar a Segurança Militar, e dizer-lhes para carregarem e levarem as máquinas de filmar, para retratar uma iminente demonstração?
— Provavelmente não — respondeu o negro. — O modo de se lidar com isso é dar bola branca a algum Promotor Distrital branquicela rabugento e tapado, e ele foderia com isso tudo bem rápido.
— Um Conselheiro Municipal serviria?
— Ainda melhor. Melhor ainda, uma Conselheira Municipal. São o máximo. Você sabe qual é a delas.
— Como vão os irmãos, por falar nisso? — interrogou Foley.
— Ah, Deetzer, Deetzer, você nunca aprende. Sempre que o homem branco chama, é porque tem um golpe duro para os Panteras outra vez. São os Panteras desta vez, Foles?
— Não sei — respondeu Foley. — Não sei quem é. Nem mesmo sei se é, para falar a verdade. Ficaria muito surpreso em descobrir que são os Panteras. Pelo que li nos jornais, eles passam a maior parte de seu tempo na corte, por atirarem uns nos outros.
— Não todos eles. Os soldados rasos dirigem um negócio bem cuidado.
— Algum deles tentando comprar metralhadoras? — perguntou Foley.
— Suponho que sim. Eles correm por aí o tempo todo, dizendo: “Fora com os porcos”. Se eu estivesse fazendo isso, gostaria de ter umas metralhadoras por perto, para quando os porcos ficassem furiosos.
— Você sabe de alguém que esteja tentando comprar

metralhadoras?
— Vamos, Dave, — repreendeu o negro. — você me conhece: o crioulão dos brancos. Não sei nada além sobre os Panteras do que aquilo que você sabe. Ou quaisquer outros irmãos. Sou eu a melhor fonte que pode conseguir? Vocês não têm um cara lá dentro que possa lhes dar a dica? Quero dizer, para perguntar para mim, devem estar precisando uma ajuda e tanto. Se quiser saber o que eu ouço nas ruas, posso contar. Mas eu estou mamando no governo, também. De um modo diferente e tudo o mais, mas mesmo assim mamando no governo. Os irmãos não falam comigo. Bem, falam sim, mas não a sério. Se estivessem comprando canhões, não me contariam nada a respeito.
— Deetzer — pediu Dave — preciso de um favor. Quero que você saia e veja o que consegue escutar. Tenho uma indicação de que os irmãos estão se amotinando, conseguindo armas com alguém que está envolvido com os sabidos. A ideia me incomoda um bocado.
— Jesus! Já ouvi a respeito de competição. Sempre há algum lunático por aí, procurando por ação. Mas uma conspiração? Essa é nova para mim.
— Nova para mim, também — Foley disse. — Veja o que pode descobrir, tá, Deetzer?

CAPÍTULO 9

Jackie Brown encontrou o Microônibus bronzeado na plataforma superior da Garagem Undercommon, próximo das escadas para o quiosque entre as ruas Beacon e Charles. A parte interna do veículo estava escura. Havia cortinas floreadas cobrindo todas as janelas atrás do banco da frente. Ele deu uma batida seca na do motorista. Na janela, apareceu um rosto balofo, cercado de um esparso cabelo loiro, compridos até o colarinho. Continham dois olhos suspeitosos. Jackie Brown devolveu o olhar. Num instante, uma mão surgiu e abriu o respiradouro. — O que quer? — disse ela.
— O que você quer? — retrucou Jackie. — Um homem me disse que queria alguma coisa.
— Isso não é o suficiente — disse a voz.
— Foda-se — imprecou Jackie Brown. Ele se virou e começou a andar.
A janela esquerda de trás se abriu com um empurrão. Outra voz, mais fraca, disse: — Está vendendo alguma coisa?
— Depende.
— Espere um minuto — disse a voz.
Jackie Brown deu uma volta. Ele não retornou. Estava a uns quatro metros do ônibus, assim esperou. O rosto balofo reapareceu na janela do motorista.
O respiradouro se abriu novamente. A voz disse: — Você é tira?
— Sim.
— Não me encha a paciência, bicho. É você o sujeito que estamos procurando?
— Isso depende — respondeu Jackie Brown. — Depende do que estão pretendendo fazer.

— Espere um minuto — disse a voz. O rosto se retirou, e então reapareceu. — Venha até a porta de trás.
Na porta traseira, Jackie Brown encontrou uma garota convidando-o para entrar. Parecia-se com Mia Farrow. Ele a encarou. — Quem é você?
— Venha para dentro — disse ela.
Dentro do ônibus, havia uma pequena pia e uma cama de casal. E um rádio portátil AM-FM, na faixa de ondas da Polícia. Na cama, havia uma quarenta e cinco automática. Uma porção de brochuras se espalhavam pelo chão. Havia uma fumaça de cheiro acre.
— Olhe, — disse Jackie Brown — eu vim aqui para fazer negócios. Se vocês só pensam em foder e fumar um pouco de maconha, porque diabos me trouxeram aqui? Eu entendi que haveria alguém aqui que queria fazer negócios.
O rosto balofo entrou pela frente. — Esta é Andrea — apresentou.
— Eu sou Pete.
— E eu Jackie. Que diabos Andrea está fazendo aqui?
— Isso é dela — disse a voz, indicando o ônibus com as mãos. — Andrea tem o dinheiro. E queria vê-lo.
— Eu queria vê-lo — Disse Andrea.
— Desculpem-me. Devo ter vindo ao número errado. Pensei que iria encontrar alguém que queria comprar alguma coisa.
— Estava esperando um negro? — Perguntou Andrea.
— Sim.
— Aquele é Milt, — disse ela. — Ele está conosco. Milt está com a gente. Ele falava a respeito de nós. Somos as pessoas que queria vê-lo.
— Sobre o quê? — perguntou Jackie Brown.
— Entendemos que poderia nos arranjar algumas metralhadoras — disse Andrea, com voz suave.
— Olhe, se você quiser queimar o raio do soutien, tudo certo. Que porra você quer com uma metralhadora?
— Quero imobilizar uma porra dum banco.
— Posso lhe conseguir cinco metralhadoras lá pela sexta-feira. Com rifles M-dezesséis. Trezentos e cinquenta dólares cada. Se quiser munição, é por fora.
— Quanto?
— Duzentos e cinquenta dólares por quinhentos cartuchos.
— Isso dá dois mil dólares — disse Andrea.
— Mais ou menos — confirmou Jackie Brown.

— Esteja aqui sexta-feira à noite com a mercadoria.
— Metade agora — disse Jackie Brown. — Metralhadoras são artigos quentes. Quero uma nota adiantado.
— Dê-lhe mil dólares, Pete.
Jackie aceitou um pacote de dinheiro. Continham vinte notas de cinquenta.
— Sexta-feira à noite, oito e meia — disse ela.
— Sexta às três e meia da tarde — corrigiu Jackie Brown. — Ligue para este número e pergunte por Esther. Alguém lhe dirá que Esther saiu, e lhe pedirá o número. Fique no telefone público, após dar o número. Segure o aparelho no ouvido e finja que está conversando. Mas fique com o dedo no gancho. O telefone tocará em três minutos. Você receberá indicações para um local onde poderá chegar em quarenta minutos, a partir do centro de Bóston. Quarenta e cinco minutos depois que você receber as instruções, as metralhadoras terão sumido daquele lugar, e você perderá o adiantamento.
— Não gosto disso — interrompeu Pete.
— Eu dou uma bela foda para o que você gosta — respondeu Jackie Brown. — Tenho dois problemas, vendendo metralhadoras para gente como vocês. O primeiro, é vender metralhadoras. Paga-se com a vida, neste estado. O segundo, é vendê-las para gente de sua marca. Vocês não são honestos. Sabem onde vou estar, a que horas, e estou sujeito a não receber o resto do dinheiro. E a perder as minhas metralhadoras. Outra coisa: tenham o resto do dinheiro junto. Se pintarem sem o dinheiro, necas de armas. E apareçam vocês. Ponham isso na cabeça. Eu tenho mais do que cinco metralhadoras. As outras estarão apontadas para vocês.
— Bastardo! — exclamou Andrea.
— A vida é dura — disse Jackie Brown. — Muito dura. Boa noite.

CAPÍTULO 10

O homem atarracado parecia pressionado por causa do tempo, e não tinha paciência para conversar. Ele disse a Jackie Brown: — Você me deve mais dez armas. Preciso delas rápido. Quando vou tê-las?
Jackie Brown deu de ombros levemente. — Jesus, eu não sei. Consegui a primeira partida quando prometi, e com uma semana antes aquelas doze. Estou fazendo o melhor que posso, você sabe. Essas coisas levam tempo, algumas vezes.
— Tempo é o que não tenho. Já lhe falei sobre o tipo de gente com quem negocio. Estou sendo pressionado. Amanhã à noite, teria de ver o cara. Preciso das armas.
— Eu não posso consegui-las até amanhã à noite — explicou Jackie Brown. — Não tenho possibilidade de consegui-las antes do fim da semana. Tem de entender, a fábrica só faz uma de cada vez. Quando você recebe um punhado misturado, é porque algumas são da vez passada e outras do que estão fazendo no momento. Nem mesmo sei o que está acontecendo com elas. Talvez seja o novo troço inoxidável. Simplesmente não sei. Levarei uns pares de dias para descobrir o que se pode conseguir.
— Não me interessa se é inoxidável ou não — voltou o homem atarracado. — Devo ter a mercadoria amanhã à noite. Farei uma longa viagem então, e terei de ter a muamba comigo, quando for.
— Nada feito. Necas, não tem jeito. De modo nenhum. Eu lhe disse: tenho muamba de primeira. Isso leva algum tempo. Não é como comprar uma merda dum filão de pão. Tenho um treco estabelecido que funciona um bocado, mercadoria de confiança, e que não mete ninguém em encrenca. Não vou foder com tudo simplesmente

porque seu pessoal está com fogo no rabo. Tenho de pensar no futuro. Você terá de lhes dizer: esperem. A muamba virá. Porque tanta emergência, afinal de contas?
— Uma das primeiras coisas que aprendi foi não perguntar a um homem porque ele está com pressa. O cara disse que está, e eu já lhe falei que podia contar comigo, porque você me disse que eu podia contar consigo. Agora, as coisas estão saindo diferentes, e um de nós vai ter um sururu bem grande. Agora, deixe-me dizer-lhe uma coisa, garoto — prosseguia o homenzinho. — É outra coisa que aprendi. Quando um de nós estiver para entrar em fria, vai ser você, e é sobre isso que tenho de lhe falar.
— Mas, veja... começou Jackie Brown.
— Mas veja, uma ova. Estou ficando velho. Passei a vida inteira me sentando por aí, numa espelunca piolhenta após outra, com uma porrada de frangotes como você, tomando café, comendo a boia, e assistindo outras pessoas partirem para a Flórida, enquanto tenho que fundir a cuca sobre como diabos vou pagar o encanador a semana que vem. Fiquei em cana um tempo e me restabeleci, mas não posso me arriscar mais. Você pode me fazer entrar numa merda muito grande, assim e assado, e blá-blá-blá. Mas ainda é um garoto, e anda por aí dizendo: “Bem, sou homem, pode entrar na minha e tudo dará certo. Vou dar um jeito”. Bem, você também está aprendendo algo, garoto, e o aconselho, é melhor aprender já, porque quando disser alguma coisa, quando me fizer entrar no seu papo, bem, é melhor não dar nenhuma mancada. Porque uma vez que você diz que vai dar legal, tem que dar fodidamente legal, e se não der, está correndo o risco de perder o pinto. Agora, eu não quero conversa mole ou sujeira de você. Quero dez armas, e tenho dinheiro para pagá-las, e as quero para amanhã à tarde, no local onde estivemos antes, e vou estar lá, e você também, com aquelas malditas armas. Porque se não, vou sair para procurá-lo, e o encontrarei, além de tudo, porque não serei o único que estará procurando, e nós sabemos como encontrar as pessoas.
— Tenho de ir a Rhode Island hoje à noite — disse Jackie Brown. — Voltarei tarde. Terei de ver algumas pessoas amanhã à tarde. Posso encontrá-lo amanhã cedo, em algum lugar? De modo que possa ficar livre, digamos, às três horas? Porque você está querendo mais rápido do que combinamos, sabe, e eu já lhe disse, tenho de ver outras pessoas também.
— Amanhã à tarde está bom. Vejo-o amanhã à tarde no mesmo

local onde estivemos. Ainda tem aquele Plymouth?
— Sim. Mas não está bom para mim. É muito longe daqui. Terei que estar nessas redondezas lá pelas quatro. E não posso. Não quero, não posso me arriscar. Tenho que estar em algum lugar por aqui.
— Conhece o Shopping Center Fresh Pond? — perguntou o homem atarracado. — Cambridge?
— Sim.
— Há uma mercearia ali, e uma loja de miudezas. Estarei lá em uma das lojas, amanhã às três horas. Entre com o carro e estacione. Eu o verei. Se tudo estiver certo, se eu achar tudo certo, sairei e nós poderemos acabar com toda essa coisa. Não espere mais do que dez minutos. Se eu não sair, alguma coisa não está certa. Saia e vá até aquele telefone cujo número lhe dei, e eu ligarei para lá e poderemos bolar alguma coisa.
— Tem alguém na sua cola? — perguntou Jackie Brown.
— No mês que vem, vou ser sentenciado em New Hampshire. Não posso suportar outra bronca, agora, por nada. Devo ser cuidadoso.
— Certo. Mas se você não sai lá fora, não voltarei para o local que me indicou. Não posso fazê-lo. Se pifar amanhã à tarde, terá de ser amanhã à noite. Telefone e diga a que horas, e me deixe um número ou qualquer coisa, e estarei onde você disser.
— Muito bem — concordou o homem atarracado. — Procurarei você amanhã.
— Traga o dinheiro — lembrou-o Jackie Brown. — Seis notas. Leve-o lá. Estou trabalhando assim rápido, de modo que vou precisar do dinheiro depressa.
— Não tem erro. Levarei o dinheiro.

CAPÍTULO 11

Foley explicava a demora. — Recebi seu chamado do escritório. Tinha saído de lá para o mato. Vim assim que pude. Qual o seu plano?

Através da Alameda Lafayette, os luminosos tomavam conta da escuridão da noitinha de outono. Perto do primeiro quiosque do metrô, os Hare Krishnas cantavam e dançavam, usando roupões cor de açafrão, suéteres cinza esfarrapados e alpargatas sem meias.

— Eu não me importei — disse Dillon. — Eu próprio não estava com nenhuma pressa, mas pensava, e achei que talvez aquilo fosse algo com que se deveria ter pressa. Estive sentado aqui, observando aqueles malditos tolos com seus rabos-de-cavalos e pinturas nos rostos, pulando por aí, e aquele garoto que eles têm junto; parece ser um alemãozinho, sueco talvez, e lá estão sua Mamãe e seu Papai dando pulos como um casal de maníacos, brincando de índios. Pobre garotinho! Quando crescer, que diabos ele vai fazer? Se fosse ele, acho que atiraria em alguém. Começaria com papai e mamãe, como aperitivo.

— Ei, olhe — protestou Foley. — Eles não machucam ninguém!

— Sei disso. Sei muito bem disso, mas vejo-os se dirigindo às pessoas, e eles falam bem a sério, sabe? Afirmam as coisas. Acham que todos nós deveríamos tirar as calças e vestir camisolas, e sair por aí macaqueando e batendo em algum maldito tambor. Eles também acham que vamos fazer isso. Bem, isso é maluco, não é? Lógico que é, mas então eu penso: Eu estava aqui quando eles apareceram, e os vi com seu novíssimo Oldsmobile, que eu deduzi que conseguiram comprar com o dinheiro que abafam das pessoas

sensíveis, e agora estou imaginando, quem é que é maluco? São eles, pulando como marrecos diante de Deus e todo o mundo, ou sou eu? Não tenho Oldsmobile novo, tudo o que tenho é um cartão de apostas para a semana que vem, no qual fui bastante estúpido para apostar novamente nos Pats. Eu nunca aprendo.

— Porque você queria me ver? — perguntou Foley.

— Ei, lembra-se da última vez que o vi, e você me deu a dica de que nada estava acontecendo? Eu disse que não, que havia alguma coisa mas eu não sabia o que era? Bem, estava certo ou não estava?

— Depende do que você está falando. Há muitas coisas acontecendo, mas não vejo nenhum dos rapazes ganhando nenhuma bolada nelas.

— Bem, — disse Dillon — agora não se pode saber. Mas veja, você me perguntou o que estava acontecendo, e eu lhe contei, pessoas fazendo chamadas telefônicas. Estou sempre recebendo telefonemas para pessoas que não estão, e de repente o cara que não está aparece, ou então recebo outro chamado e dessa vez é ele, o qual quer saber, alguém está me chamando? Bem, não há tantos sujeitos assim metidos em falcatruas que não querem que as esposas saibam. Lembra-se disso?

— Sim. Você disse que Eddie Dedos tinha alguma coisa a ver com Scalisi.

— Eu mencionei Eddie Dedos — concordou Dillon. — E Scalisi também. Não me lembro de ter dito que estavam planejando algo. Eles apenas eram dois dos caras sobre quem eu falava, e que tinham bastante tempo para passar ao telefone. Aquele fodido do Coyle, eu não sei como ele pode andar, deve ter tantas fichas telefônicas no bolso! Atire-o na água, e ele afundará como pedra; é tão pesado!

— OK. Eddie está fazendo um bocado de chamadas.

— Não tenho visto Scalisi por aí, por uns tempos — lembrou Dillon.

— Ouvi falar disso. E ninguém viu. Ouvi dizer que estava lá pela Flórida, tomando um pouco de sol.

— E eu escutei que não estava. E que ganhou bastante dinheiro recentemente.

— Ah, é? E sozinho?

— Certo, — disse Dillon. — Você conhece Jimmy, todo o mundo gosta dele. Imagino que algum amigo seu lhe tenha dado um bom palpite sobre um cavalo ou coisa assim, sabe?

— É bom ter amigos.

— De certo que é. Recebi um telefonema de Scalisi, ontem à noite, e o camarada que ele queria não estava por perto, então eu disse, lógico, farei com que o chame assim que ele entrar. Qual o número? E ele disse: “Não vou ficar aqui por muito tempo. Preciso lhe dizer, é algo importante. Porque não lhe diz, assim que o vir, que é algo importante e que quero falar com ele, assim provavelmente ele virá.

— Uh huh.

— Assim esta manhã, — continuou Dillon — eu estava lá dentro como sempre, e ouvia a peça na Rock, enquanto meus miolos estavam explodindo como de costume; provavelmente tinha vendido quatro dólares em cerveja durante todo o dia, e ninguém mais toma uma dose direita hoje em dia, e sabe quem entra? Nada mais nada menos do que o camarada que Jimmy Scal chamou ontem. Assim, guardei logo o dinheiro, como de costume, pois a bonecona nunca me fez nada de bom, e então fui até ele, que estava com uma expressão tensa no rosto, como se estivesse com o pinto preso no espremedor, e lhe pergunto o que vai ser, e ele pede um drinque e uma cerveja, graças a Deus. Então eu trago, e fico lhe dando um pouco de corda, sabe, uma coisinha aqui e outra ali, então me lembro, pois aqui estão sempre ligando para muita gente, lembro-me de que o cara é um dos que estavam sendo chamados ao telefone. Daí lhe disse: “Ei, Jimmy Scal entrou em contato com você?”

— Bem, — prosseguia Dillon — ele mantém aquele olhar e me diz: “Não, eu não sabia que ele estava me procurando”. E pelo modo com que ele olha, dá-me a impressão de que ele realmente não sabia, parecia que alguém tinha lhe tirado sangue.

— Então eu disse: “Sim, ele ligou a noite passada, procurando-o. Disse que era importante. Quer dizer que ainda não entrou em contato com você, hein? “Veja, eu lhe dei aos bocadinhos.

— “Não” — disse “não, já disse que não. Ele deixou algum número?” De modo que eu fico ali, ainda brincando de Mickey e Pateta, enquanto todos esses fulanos correm por aí como loucos por todo o interior, mantendo-se em contato uns com os outros por meu intermédio, praticamente mal tenho tempo de despejar as bebidas, fico tão ocupado respondendo ao maldito telefone mas mesmo assim ninguém confia em mim; veja, sou apenas uma espécie de telefonista. De maneira que tenho direito de receber algum. Eu

digo: “Jesus, não. Pedi-lhe um, e ele me disse que estava de partida, apenas para lhe dizer que era importante, que quer conversar com você”.

— Então entra aquele tipo — Dillon continuava ainda — e de repente, pimba, ele despejou a bebida e a cerveja logo em cima, e pensei realmente que estivesse ficando branco. “Mais um, rápido. Dê-me mais um”, disse. Então derramei-lhe mais um. Ele cai matando em cima daquele, com a mesma velocidade do outro, joga algum dinheiro no balcão e escorrega para fora do banco, como se tivesse de ir ao mitório, rápido, também. “Estou de saída” diz ele. Mais ou menos dentro de uma hora, ligarei para cá, veja se alguém ligou para mim, e em caso positivo, diga-me; quanto aos chamados, diga-lhes que estarei no lugar, assim que encontrar um camarada meu. OK?”

— Comigo está OK, foi o que eu disse — prosseguia Dillon. — E ele saiu. Agora, o que você pesca daí?

— Quem era aquele tipo? — perguntou Foley.

— Foi isso que me interessou — respondeu Dillon.

— Era Eddie Coyle. Gozado, hein?

CAPÍTULO 12

— Duque me mandou — dizia Jackie Brown, junto à escancarada porta verde, na plataforma do terceiro andar do prédio de apartamentos. Havia um forte cheiro de vegetais em volta dele.

A porta se abriu lentamente, sem qualquer som. A luz se escoava por dentre as beiradas, e os olhos de Jackie Brown se focalizaram novamente dentro do ar espesso. Ele pôde ver o lado da cabeça de um homem, um olho, uma orelha e parte do nariz. A altura da cintura, viu duas mãos agarrando o cabo de uma espingarda de dois canos, que tinha menos de trinta centímetros. — O que o Duque deseja? — disse o homem. Ele não tinha se barbeado por alguns dias.

— O Duque quer que eu o ajude às vezes — respondeu Jackie Brown. — E o ajudei. Agora ele quer que você me ajude, por conta disso.

— Que espécie de ajuda, exatamente?

— Suponha que eu dissesse que queria dez máquinas, e que teria dinheiro vivo para pagá-las agora mesmo? Isso o ajudaria a sair?

A porta se abriu completamente e o homem barbado afastou-se dela, ainda segurando a espingarda na altura da cintura. — Entre. Presumo que saiba o que eu poderia fazer com essa coisa, se decidisse não gostar do que você estava dizendo. Entre e diga-me qual é o seu barato.

Jackie Brown entrou no apartamento. Estava mobiliado com forrações brancas de pele, por toda a extensão da parede, pesados cortinados cor de laranja, e cadeiras negras. Havia uma mesa grande e baixa, feita de vidro e cromo, diante de uma poltrona de

couro negro. Almofadas douradas e laranja se espalhavam sobre a mesma. Uma garota com cabelos loiros compridos estava sentada encaracolada na poltrona, com um vestido solto branco de casimira, profundamente aberto na frente e sem soutien em baixo. De alto-falantes escondidos, Jackie Brown ouvia Mick Jagger e os Rolling Stones cantando. Iluminado por uma lâmpada globosa branca, que pendia de um suporte de prata, havia um poster que dizia, em letras laranja sobre fundo branco: “Altamont. Esta será a próxima vez”.

— Bacana — disse Jackie Brown.

O homem barbado falou: — Deixe-nos à sós, Grace.

A garota se levantou e saiu da sala.

— Vamos ver o dinheiro — continuou ele.

— Vamos conversar sobre para que é o dinheiro — cortou Jackie Brown. — Quero dez peças, trinta e oito ou coisa melhor. E quero agora. O Duque disse que você as tem.

— Há quanto tempo conhece o Duque?

— Desde que fui agarrado em Weirs, há mais ou menos cinco anos atrás, e ele esteve na cela ao lado da minha.

— Você ainda dá o malho? — perguntou o barbado.

— Não. Isso foi antes de eu ouvir a respeito de ganhar dinheiro. Estava apenas me divertindo, então.

— Vê alguns dos rapazes?

— Vi alguns deles um par de anos atrás — respondeu Jackie Brown. — Eu calhei de dar por aqui, fazendo uns negocinhos, e eis que vejo um bando de porqueiras em volta da cidade; então eu paro, passo o resto do dia, e acontece ser Lowell, eles conseguiram um alvará, finalmente. Julgava-se que o manda-chuva estivesse na cidade.

— Estava — confirmou o homem barbado. — Eles tiveram um conselho de guerra.

— No banco de areia — terminou Jackie Brown. — Sim, eu sei. Alguns dos Discípulos e dos Escravos, ouvi que eles estavam pensando em fazer algum negócio comigo, mas logo lhes mandei a resposta, não eu já não estava mais naquela, e de qualquer modo, ia negociar com qualquer um; e ponha na cabeça que não sei com qual deles você esteve, decidi fazer transações com qualquer deles, e ficaria com os Anjos. Todos os meus amigos, os caras que eu sabia que estavam no negócio, estão com os Anjos, e você não pode, sabe,

simplesmente não pode voltar atrás quanto a isso.

— Está fazendo algum negócio! — perguntou o homem barbado.

— Ei, olhe, porque não abaixa essa coisa fodida para que possamos conversar. Estou com um tiquinho de pressa. Tenho que ver um homem um bom bocado ao sul daqui, e quero cear em algum lugar essa noite, quando der. Não, não vendi nada aos Anjos. A espécie de muamba que eu mexo são armas leves, não dessa máquina que você tem aí. Os Anjos não queriam nada com a mercadoria que eu estava negociando.

O homem barbado empurrou o pino de segurança da espingarda. Abaixou-a, mas a manteve nas mãos. — Acho que provavelmente posso conseguir-lhe as dez — disse. — Vai a cinco notas, e deve prevenir, a muamba é bastante quente. Tivemos de fazer um serviço para conseguí-la. Primeiro a grana.

— Primeiro a grana — repetiu Jackie Brown. Ele tirou a carteira e separou um pacote de notas de cinquenta dólares. Contou dez delas.

— Não tem alguma coisa menor?

— Não. Isso é dinheiro americano. Além do mais, você não iria querer de dez e de vinte, de qualquer modo. Há uma porrada de notas farjutas de dez e vinte rodando por aí. As de cinquenta são boas e seguras. Quanto temos de rodar?

— Cerca de uma hora — respondeu o homem barbado. — Grace, estou de saída, e voltarei.

— Qual a direção? — perguntou Jackie Brown.

— Porque?

— Porque se for sul, pegarei o meu carro e o seguirei. Eu já disse, tenho de voltar pelo outro lado hoje à noite.

— Você não vai pegar carro nenhum — disse o barbado. — Iremos no meu carro. Não importa para onde estamos indo. Venha, vamos sair por trás.

— Jesus Cristo! — lamentou-se Jackie Brown. — A hora em que eu chegar em minha maldita casa esta noite, já será manhã!

CAPÍTULO 13

No Beco do Desi, na Rua Fountain, em Providence, Jackie Brown encontrou um garoto de cabelo castanho gorduroso e má aparência. Ele estava vestindo uma barata camisa esporte xadrez e calça rancheira, e precisava de uma barbeada. Parecia preocupado. Estava sentado sozinho num compartimento na parte de trás do restaurante.

Jackie Brown parou à mesa e disse: — Se eu lhe dissesse que estou procurando um cara que já esteve na Marinha com o meu irmão, acha que poderia me ajudar?

Os olhos do garoto se encheram de emoção. — Já estava ficando preocupado — disse ele. — Você teria que estar aqui às sete e trinta. Comi três bandejas de ovos, até agora.

— Você deveria se livrar dos ovos — censurou Jackie Brown. — Eles o fazem peidar mais do que a cerveja.

— Gosto de ovos — disse o garoto. — Bem, quero dizer, tanto faz polvilhados como mexidos. Toda a vez que fico em liberdade, saio e como alguns ovos.

— Come as suas tortilhas também? — motejou Jackie Brown.

— Hein?

— Não importa. Não vim até esta merda para conversar sobre uns ovos fodidos. Vim aqui para fazer algo. Vamos fazê-lo. Onde vamos?

— Olhe, — disse o garoto — eu não sei se eles ainda estão lá. Quero dizer, são quase dez horas e tudo o mais. Não tive jeito de acertar as partes com eles. Éramos esperados lá às oito e quinze. Eu não sabia o que fazer.

— Temos que rodar para algum lugar?

— Certo. Esse era o plano. Eles me deixaram aqui fora para esperá-lo e partiram, sabe, e eu o apanharia aqui e nós chegaríamos lá cerca de oito e quinze, e cuidaríamos da coisa. Quero dizer, eu entendi que nós íamos fazer desse jeito. Apenas estamos atrasados, é tudo. Estou somente lhe dizendo, não sei se eles ainda estão lá. A única coisa que podemos fazer é dar uma olhada. Não é minha culpa.

— Para onde teremos de rodar? — interrogou Jackie Brown. — Não me diga que é para o sul.

— Bem, é mesmo. Temos de ir até a estrada onde teríamos de nos encontrar. Era desse modo que íamos fazer a coisa.

— Cristo! Estive na maldita estrada o dia todo. Bem, vamos.

O garoto ficou muito impressionado com o Roadrunner. — Quanto lhe custou? — perguntou ele.

— Olhe, eu não sei. Comprei-o há um ano atrás. Quatro notas talvez, acho.

— Ele tem magnum rotativo?

— Hemi — respondeu Jackie Brown. — Hemi 3803. Funciona.

— Como você consegue a automática? Se fosse meu, eu iria querer um câmbio Hurst dentro dele.

— Não iria, a não ser que começasse a comprar pedais de embreagem para ele — explicou Jackie Brown.

— Deixe aquela coisa funcionar algumas vezes, e logo ouvirá um barulhão no pára-choque. Ou talvez, terá uma marcha falhando, e as válvulas atravessarão voando o capô, como balas. O Torqueflite é bastante bom, dá uma ótima tração positiva, e ele desengata bem. Para onde estamos indo?

— Olha, você pega a auto-estrada para o sul. Se quiser, com essa coisa nós poderemos estar lá em mais ou menos quinze minutos.

— Eu não quero. Se for encanado hoje à noite, com o que estou carregando, nunca verei o sol brilhar outra vez. Dentro do limite de velocidade, e todo o caminho.

— Merda — protestou o garoto. — Sempre quis ver o que uma coisa assim pode fazer.

— Bem, eu lhe digo, você me consiga, digamos, outros vinte e cinco ou trinta desses rifles, e poderá arranjar um para si próprio, e ver

por sua própria conta. Mas hoje à noite, eu sou o Senhor Respeitador, e isso é tudo.

O Roadrunner saiu da Rodovia Interestadual 495 pela passagem de nível de Warwick-Apponaug, e borbulhou através das ruas silenciosas. — Você desce aqui mais ou menos um quilômetro ou tanto, e quando estiver quase dentro do East Greenwich, pega à esquerda. Tem de manter os olhos abertos, entretanto, porque ela termina lá na água, e então dá uma boa guinada à direita e vai por uma estrada de terra.

— Onde porra você está me levando? — perguntou Jackie Brown. O carro jogou ao entrar numa ruela, que se retorcia até uma colina empinada. Ramos de sempre-vivas, pendentes do alto, varriam o teto e os lados do carro. Os faróis cobriam os topos das árvores, vez ou outra, enquanto o automóvel sacudia. Ao pé da colina, a estrada terminava num pequeno edifício vermelho e uma série de acostamentos para iates. Vários barquinhos, do tipo para pesca de moluscos, permaneciam convenientemente ancorados na água escura.

— Pegue à direita — disse o garoto. — Você sobe uns cem metros e chegará numa clareira. É onde eles estão. Uma fazenda de criação de cavalos do lado oposto ao que estamos. Poderá alugar cavalos e cavalgar por aí.

Jackie Brown apontou o nariz do Roadrunner na direção do estacionamento de terra, em frente do prédio vermelho. Ele desligou as luzes. Reverteu a marcha e o encostou. Quando terminou, o carro estava dirigido para a colina que eles tinham acabado de descer. A lua se refletia na água do ancoradouro. Jackie Brown desligou a transmissão. Abriu o vidro e deixou o ar salgado penetrar no automóvel. — Saia! — disse ele.

— Não — protestou o garoto. — Lá em cima da colina.

— Certo. Saia e suba lá na colina, pegue seus amigos e os rifles, e desça outra vez aqui, e faremos negócio. Aqui, não lá.

— Porque? — interrogou o garoto.

— Porque acho que você precisa de exercício. Tenho medo de cavalos. Gosto do luar. E não sou um estúpido tão fodido a ponto de enfiar o carro dentro do mato, e então encontrar outros dois caras com metralhadoras, e que sabem que estou com dinheiro. Esta vida é dura, mas torna-se ainda mais se você for estúpido. Agora, vá e

traga-os, e eu ficarei esperando aqui. Quando voltar, dir-lhe-ei o que fazer em seguida. Mexa-se!

O garoto saiu e fechou a porta. Jackie Brown se espichou e a trancou. Do porta-luvas, ele tirou uma quarenta e cinco automática cromada. Ligou a luz do carro, verificou o dispositivo de segurança da arma, abriu-a e enfiou um cartucho no tambor. Soltou o dispositivo e deixou-o desarmado. Colocou a pistola no painel. Debaixo do mesmo, desprendeu um farolete de cromo que lá estava. Aplicou-o no isqueiro e o colocou sobre o painel, perto da pistola. O hemi murmurava baixinho. Ele podia ouvir os barquinhos jogando contra as amarras. Encarou atentamente a estrada.

Três figuras vieram vagarosamente até o estacionamento enluarado. Duas delas carregavam rifles. Aproximaram-se incertas. Jackie Brown gritou: — Está bom aí — Ele apanhou o farolete e o apontou para eles. — Vocês dois aí, passem os rifles para o cara que estava comigo. Depois fiquem quietos.

O garoto teve problemas em colocar todos os rifles nos braços.

— Agora, você venha aqui até o carro. Quando chegar, abrirei o porta-malas daqui de dentro. Ponha os rifles lá-dentro e feche-o. Venha cá até o vidro e dar-lhe-ei o dinheiro. Vocês outros, fiquem quietos e bonzinhos. Tenho uma quarenta e cinco em cima de vocês, a cada minuto. Qualquer gracinha, e farei um buracão em cada um.

O garoto fez como lhe foi dito. Jackie Brown apertou o botão liberador do porta-malas com o joelho. Ouviu-o se abrir com um estalo. E então, os rifles caindo dentro do compartimento. — Feche o maldito porta-malas! — disse. Ouviu-o sendo fechado. — Venha até aqui, e hão fique no caminho da luz.

E o garoto veio até o vidro. — Onde estão os rebites? — perguntou Jackie Brown.

— Hein? — fez o garoto.

— Onde estão aquelas malditas balas fodidas? Eu lhe disse, poderia usar quinhentos cartuchos. Onde porra estão elas?

— Oh, não conseguimos nenhuma munição.

— Não conseguiram nenhuma — censurou Jackie Brown. — Vocês são capazes de roubar as malditas armas das lojas, mas não podem conseguir balas. Que diabos eu faço com armas sem balas? Não poderei tirar aquela muamba.

— Olhe, nós vamos conseguí-las para você, sério! Simplesmente, o garoto que ia pegar a munição para nós ficou doente, e não estava de serviço quando nós chegamos. Não quisemos nos arriscar em pegar com outra pessoa, que não sabíamos se era legal.

— Muito bem. Vou ser bacana com vocês. Eis o quinhentão pelas armas. Eu devia segurar duas de cem por causa dessa mancada com a munição. Mas foda-se, minha maior fraqueza é que sou um cara legal. Agora, consigam o resto da muamba e liguem para mim, OK.

— OK — disse o garoto. — Muito obrigado!

— E largue a mão desses ovos fodidos — finalizou Jackie Brown. — Eles o liquidarão antes do tempo.

CAPÍTULO 14

Foley e Waters estavam sentados no escritório do comandante, com os pés em cima de sua escrivaninha e a televisão sussurrando a parte final do Show de David Frost.

— Eu gostaria que você ficasse fora disso, Maury — disse Foley. — Não esperava ter de vê-lo hoje, mas então recebi a chamada e, depois que falei com ele, decidi que era melhor vir.

— Está certo — concordou Waters. — Minha esposa continua me dizendo que eu não deveria fazer isso, ou seja, ficar à disposição do governo após as horas normais de serviço; mas eu imagino, diabos, minha função é agarrar os malditos garotos e suas bombas. Apenas para lhes dar a chance de me acertarem um belo tiro, não é?

— Olhe, — voltou Foley — tenho que me livrar desse negócio de drogas de uma vez por todas. Alguma coisa está acontecendo com Eddie Fingers. O cara está em toda a parte de repente, primeiro falando comigo, e depois fico sabendo que ele está de amores com Scalisi. Primeiro são os irmãos, agora os bandidos, e no meio tempo não ouço falar dele. Acho que é melhor eu campanar um pouco. Poderia dar alguma coisa.

— Já investigou sobre o papel dos Panteras nisso?

— Merda! — resmungou Foley. — Requisitei o velho Deetzer, que é de confiança, quem mais poderia chamar? Ele não sabe de nada, segundo me disse. Estive dizendo a Chickie Leavitt, durante pelo menos um ano, que deveríamos colocar alguém lá dentro, e não temos simplesmente por não podermos gastar o fodido dinheiro. O Deetzer sabe tanto quanto eu a respeito do que está acontecendo, só que ele é honesto e admite isso.

— O FBI parece ter algo lá dentro — disse Waters.

— Nós ligamos para eles? Aposto que não. Ninguém se amarrou nisso.

— Nós os chamamos — explicou Waters. — Eu mesmo fiz isso. Eles não sabiam nada a respeito. Disseram que iam se inteirar.

— E muito obrigado pela chamada — agradeceu Foley. — E sobre a Guarda Costeira, estão fazendo algo?

— Tudo estrepado, quanto a eles. O mesmo se pode dizer da Polícia de Bóston. Acho que Coyle o estava embrulhando.

— Acho que sim, também. O que eu quero saber é que porra ele está querendo. Aquele bastardo, é um toquinho assim dentro do bando, mas ele se vira mais do que qualquer homem que jamais vi. Um dia está aqui, o outro ali, parece um diabo dum cão vadio. Gostaria de estar por dentro de metade do que ele está fazendo.

— Ele trabalha em algum lugar? — perguntou Waters.

— Sim. É despachante de mercadorias na Transportes Arliss, despachante noturno, mas tente achá-lo lá. Ele trabalha tanto quanto Papai Noel.

— Transportes Arliss — repetiu Waters. — Onde foi que ouvi esse nome antes?

— Está em oito ou dez prontuários — esclareceu Foley. É uma maldita fachada para os rapazes. Todos eles recebem rendas declaradas da Arliss, e nenhum trabalha lá. Aquela companhia emprega o maior número de pessoas para o menor número de serviços que eu jamais vi. São proprietários registrados de uns nove Lincoln Continentais e pelo menos quatro Cadillacs. O Kraut flagrou Dannie Theos um dia desses, num grande Bird marrom, e anotou o número; estava registrado em Crystal Ford, com arrendamento, alugado para a Transportes Arliss.

O Show de Frost terminara, e o noticiário começara. O locutor dizia: — Em Wilbraham, hoje cedo, quatro pistoleiros irromperam na residência de um jovem funcionário do banco, aterrorizaram sua família, e o compeliram a entregar os valor do cofre da agência do Banco e Companhia Fiduciária de Connecticut River, naquela cidade. Funcionários estimaram o roubo em aproximadamente oitenta mil dólares, notando ainda que o assalto foi quase idêntico ao cometido na última segunda-feira contra o Primeiro Banco Agrícola Comercial e Companhia Fiduciária, em Hopedale. O FBI foi

solicitado para o caso, e uma investigação pormenorizada está a caminho.

— Scalisi alguma vez operou dessa forma? — perguntou Waters.

— Não sei muito a respeito de Scalisi, se você quer a pura verdade — Foley disse — Meu amigo diz que Scalisi esteve tremendamente ocupado ultimamente, não pode ficar muito tempo junto a um telefone que logo alguém o está chamando. Mas eu pensei que ele não passava de um homem liquidado, e não fazia muita coisa mais.

— Eles se ramificam.

— Sei disso — atalhou Foley. — O meu amigo lá dirige um botequim, e sei fodidamente bem que ele tem algum interesse secreto, e ele sabe que eu sei. Mas certamente tem outros tipos de atividades, dos quais nunca sonhei, e não somente do botequim. É um cara estranho. Acho que já conversei com ele umas cem vezes, e não saberia quanta coisa boa ele me soprou.

Estou sempre lhe passando uma de vinte, e ele sempre me levando no tapa, e ainda assim sei que tem algo na telha o tempo todo, pode-se senti-lo. É como se você estivesse num filme, e outro cara estivesse também, só que ele sabe que ambos estão no filme, e o que vem a seguir. E você não. Tenho o pressentimento, a todo o instante, de que ele está fazendo um jogo comigo.

— O que acha que ele está fazendo? — perguntou Waters.

— Difícil dizer — voltou Foley. — O que está fazendo comigo, isso é fácil de ver. Está simplesmente se agarrando. Se for pego, ele vai chegar para o meu lado e dizer: “Ei, preciso de alguma ajuda. Eu o ajudei. Você é um cara duro ou não é?” Mas metade do serviço que ele me deu foram coisas que consegui ouvindo-o falar, e ele não sabe o que está dizendo. E a outra metade, bem, geralmente é sobre outra pessoa, alguém de quem ele não goste, talvez, ou que lhe tenha descido a lenha e ele esteja procurando dar o troco. Estou quase certo de que ele estava por dentro do caso Polaco, poderia jogar a minha vida nisso. Eu o vi há alguns dias, fazia tempo que não o encontrava, e lhe disse: “Ainda amigos, Dillon?” Foi logo depois que eu vi Eddie Fingers na praça, aquela vez. E ele começou o longo e torturoso lero-lero sobre como estava apavorado, que não podia falar comigo, não podia ir até o grande júri para mim, e que a cidade estava de bico fechado. Bem, o único grande júri que eu estava sabendo a respeito era o do Procurador Distrital, e o dito era sobre o caso Polaco, havendo também aquele outro camarada que

pegaram, Stradniki, Stradnowski?

— Stravinski — corrigiu Waters. — Jimmy, a Baleia.

— O Polaco — disse Foley — sim, ele mesmo. Pegaram o outro Polaco. E eu não estou interessado nesse caso, pelo amor de Cristo. Acertaram o Polaco há dois anos atrás, não é nada que me diga respeito. Mas meu amigo ficou tão enjoado a esse respeito, e tão aliviado quando comecei a perguntar sobre outros assuntos! É como se finalmente ele pudesse dar uma mijada, após quatro dias bebendo cerveja. Foi quando pesquei a respeito desse outro assunto, e ele deu o serviço a troco de nada, realmente; ficou tão tranquilo por eu não tê-lo apertado!

— Quem mais estava naquele serviço? — perguntou Waters. — O caso Polaco?

— Um punhado de outros gatunos. É o que presumo, de qualquer modo. O Polaco nunca fez nada além de roubar, mas estava começando a ficar preguiçoso. Você se recorda, eles sumiram com mais ou menos cem milhos em mercadorias da Allied Storage, e então alguém roubou a mercadoria dos caras que a tinham afanado. A Zona de Combate deu a impressão que ia haver uma guerra ali, durante algum tempo, e o Polaco foi encontrado morto no porta-malas de um Mercury, em Chelsea. Fui ouvir Artie Van, de minha parte.

— Eis um sujeito interessante — Waters interrompeu. — Sempre achei que Artie Van fazia um bocado a mais do que dizia a sua ficha.

— Um tipo realmente sombrio. Pelo que ouvi, um cara genuinamente duro. Até chegar na cadeia. Então as pessoas começam a amolecer. Mas duro como pau e pedra, enquanto está na rua. Ouvi que costumavam ligar de Providence, quando tinham um servicinho particularmente duro, para receber uma mão de Artie Van quanto às mensagens. Mas isso é simplesmente de ouvido.

— Ouviu alguma coisa sobre Artie Van e Jimmy Scalisi? — interrogou Waters.

— Juntos não.

— Estava imaginando. Acha que Van e Scalisi estariam fazendo aquelas retiradas dos bancos?

— É um pensamento — ponderou Foley. — Só que estou pensando onde entra Eddie Coyle.

— Suponha que Eddie seja o fornecedor de armas. Estou apenas pensando alto, agora.

— Difícil de se imaginar — falou Foley. — Coyle é café pequeno. Uma colossal dor na bunda, mas basicamente é café pequeno. Não vejo como ele entraria nisso. Poderia verificar.

— Porque não faz isso? — perguntou Waters. — Vou chamar o Setor de Drogas e dizer-lhe que teria de segurá-lo por mais um par de semanas. Eles compreenderão, estou certo.

CAPÍTULO 15

Jackie Brown trouxe lentamente o Roadrunner até o Shopping Center Fresh Pond, escolheu um lugar no meio de uma fileira de carros, e liquidou o motor. Olhou para o seu relógio. Dava duas e cinquenta e oito. Ele abriu o porta-luvas e tirou um cassete. Colocou-o dentro do toca-fitas. Johnny Cash começou a cantar sobre a Prisão Folsom.

Aos cinco minutos depois das três, Jackie Brown estava dormitando. O homem atarracado deu uma pancada seca no vidro. Jackie sacudiu a cabeça para os lados. O homem atarracado tinha um carrinho cheio de sacos de compra. Ele acenou para que Jackie Brown saísse do carro.

— Onde estão? — perguntou ele.

— No porta-malas — respondeu Jackie Brown.

— Dentro de alguma coisa?

— Uma caixa. Uma caixona com alguns jornais dentro.

— OK — fez o homem atarracado. — Tenho um saco extra aqui. Pegue-o. Então vamos dar a volta até o porta-malas e você o abrirá. Eu porei alguns destes sacos dentro, para dar a impressão de que estava fazendo compras para você. Ponha as armas no saco, e o mesmo no carrinho. Ninguém prestará nenhuma atenção, absolutamente.

— Onde está o dinheiro? — interrogou Jackie Brown.

— Aqui mesmo — respondeu o homem atarracado. Ele separou seiscentos dólares, em notas de dez e vinte.

— São genuínas?

— Se não forem, entre em contato comigo, e ligarei para o meu

banco. Pelo que sei, é o McCoy. Quer contar?

— Não — disse Jackie Brown — Não tenho muito tempo. Tenho de estar na estação de ferro da Estrada 128, às quatro e trinta. Vamos andando.

— Para mim está ótimo — disse o homem atarracado. Ele puxou o carrinho de compras até o porta-malas.

— O que há nesses sacos fodidos? — perguntou Jackie Brown.

— Três deles estão cheios de pão. Os outros têm carne e batatas, alguma cerveja e vegetais, esse tipo de coisa.

— O que você está me dando?

— O pão. Um homem sempre pode usar um pouco de pão. Pode alimentar os malditos pombos, qualquer coisa. Vá procurar alguns esquilos. Eles adoram pão.

— Sua esposa também o força a fazer as compras? — perguntou Jackie Brown.

— Meu amigo, você não tem muito tempo e eu mesmo estou com um pouco de pressa. Não tenho tempo para lhe explicar a vida de casado, além disso, você não me acreditaria, de qualquer maneira. Eu não acreditei quando me contaram, e você não me acreditaria se lhe contasse. Vamos nos prender a negócios.

Jackie Brown abriu o porta-malas. Dentro havia uma caixa de papelão, que parecia estar cheia de jornais. As cinco M-dezesseis se esparramavam dentro dela.

— Jesus! — exclamou o homenzinho.

— Não ponha as goelas no mundo. Elas são para outro alguém. Sua mercadoria está na caixa, conforme eu disse.

— Por amor de Cristo, ponha tudo no saco, depressa! — pediu o homem atarracado. — Para mim parecem uns fodidos rifles do Exército!

— Bem, são militares.

— Metralhadoras?

— Sim — respondeu Jackie Brown. — A única coisa é que mais do que uma metralhadora é o Colt, a AR-quinze. Mas estas são muito boas. Quer ver uma?

— Não — disse o homem atarracado. — Encha o maldito saco! — Ele começou a transferir os pacotes de pão para o porta-malas.

Jackie Brown pôs o saco de compras cheio de armas dentro do

carrinho. — Você ajusta agora? — disse.

— Porque não põe um par de filões daquele pão em cima deles? Para o caso de alguém ficar curioso.

Jackie Brown colocou dois filões de Sunbeam, de massa batida, em cima dos revólveres. — Você tem nove trinta e oito e um 3507 aí — disse ele. Boa mercadoria, também. Espero que aprecie o que fiz por você.

— Meu amigo, seu nome está no grande livro dourado lá no céu. Ficarei em contato.

Jackie Brown observou enquanto o outro empurrava o carrinho pelo estacionamento, e então desaparecia atrás de um caminhão. Fechando o porta-malas do Roadrunner, ele entrou no carro. Deu a partida. Quando passou pelo caminhão, o homem atarracado estava se erguendo do porta-malas de um velho Cadillac. Suas pernas escondiam a chapa. Jackie Brown acenou. O outro não deu sinal de reconhecimento.

Acho que ainda vou ouvir a seu respeito — murmurou Jackie Brown. — Acho que sim.

CAPÍTULO 16

Eddie Coyle estava com as mãos nos bolsos e se apoiava de costas contra o poste de metal verde, que suportava a arcada do centro comercial, acima das cabines telefônicas. Duas mulheres moviam os lábios, como se deliberando a respeito de cada uma das centenas de palavras que pareciam estar proferindo. Um homem pequeno, numa camisa de polo dourada, estava com o receptor encostado ao ouvido e uma expressão resignada no rosto. De tempo em tempo, ele dizia alguma coisa.

O homem emergiu primeiro. — Sinto ter demorado tanto — disse ele.

— Não ligue para isso — respondeu Eddie Coyle. — A minha é do mesmo jeito. — O homem sorriu.

Na cabine telefônica, Eddie Coyle depositou a ficha e discou um número de Bóston. Disse: — Foley está? — Parou por um instante. — Não, não quero dar meu nome. Ligue-me com Foley e pare de ficar fuçando. — Outra pausa. — Dave — continuou — Consegui pegá-lo. Ótimo. O que você quer dizer com quem é? Temos amigos mútuos lá em New Hampshire. Aqui é Eddie. Sim. Lembra-se de que você queria uma razão forte? Sim. Lá vai: às quatro e trinta desta tarde, um garoto num Roadrunner azul metálico, registrado em Massachusetts sob o número 4-197, vai encostar algumas pessoas na estrada de ferro da 128. Ele vai lhes vender cinco metralhadoras M-dezesseis. As armas estão no porta-malas do Roadrunner. — Coyle fez nova pausa. — KX4-197 — disse. — Roadrunner, azul metálico. O garoto tem mais ou menos uns vinte e seis. Uns setenta e cinco quilos. Cabelo preto, um bocado baixo. Usa costeletas. Jaqueta de camurça. Calça Levi's azul. Botas de camurça marrom, com franjas.

Usa bastante óculos de sol. — Novamente uma pausa. — Não sei para quem ele vai vendê-las. Talvez se você desse uma chegada lá, poderia descobrir. — Coyle fez outra pausa. — Imagino que sim — respondeu. — Agora ponha isso na cabeça, OK? Eu fico por aqui. — Nova pausa de Coyle. — De nada, é sempre um prazer fazer um favor para um amigo de boa memória.

Eddie Coyle recolocou o telefone no gancho cuidadosamente. Abriu a porta da cabine e encontrou uma mulher corpulenta, de uns cinquenta anos, encarando-o. — Levou bastante tempo — disse ela.

— Estava ligando para minha mãe doente — justificou-se ele.

— Oh! — exclamou ela, com o rosto se abrandando para uma expressão de simpatia. — Desculpe-me. Ela ficou mal muito tempo?

Eddie Coyle sorriu. — Foda-se senhora — disse ele.

— E o cavalo em cima do qual você entrou.

CAPÍTULO 17

Jackie Brown ficou preso no tráfego de Watertown. Escapou por pouco tempo e foi apanhado novamente em Newton. Na 128, ele diminuiu a marcha do Roadrunner para um punhado de trabalhadores em eletrônica do primeiro turno, que se dirigiam para a casa, e ficou nuns discretos 80 quilômetros por hora. Havia um acidente de três carros em Needham, e ele esperou pacientemente na pista do meio, cercado por milhares de carros, enquanto o sol declinava e caía a noite. Às quatro e dez minutos, ele conseguiu se livrar e retomou seus oitenta quilômetros por hora. Tomou a passagem de nível que dava para a estação da Estrada 128 às quatro e vinte e cinco. Prosseguiu a 30 quilômetros por hora, entrando no estacionamento, e procurou o microônibus bronzeado. Não o vendo, estacionou perto da estação. Abriu o porta-luvas e tirou um cassete. Colocou-o no toca-fitas, e Glen Campbell começou a cantar. Jackie Brown, com os olhos vermelhos e inchados, escorregou pelo côncavo do banco e fechou os olhos. Em vinte e quatro horas, ele tinha dirigido quase quinhentos quilômetros, com quatro horas de sono.

Dave Foley e Keith Moran estavam sentados no Charger verde, a duas fileiras de distância. — Poderíamos pegá-lo agora — disse Moran.

— Sim — concordou Foley. — Também poderíamos fazer o que se espera de nós, que é esperar e ver quem vem comprar a muamba. E é isso que vamos fazer.

Na entrada da estação, Ernie Sauter e Deke Ferris, da Polícia Estadual de Massachusetts, usando casacos e calças esporte, conversavam naturalmente. Ferris tinha suas costas para o

Roadrunner. — O que você diz? — perguntou ele. Poderíamos ganhá-lo agora mesmo.

— Sim, — fez Sauter — e Foley atiraria em nós, e estaria certo. Acalme essa porra, certo?

A seis carros de distância de Jackie Brown, um conversível Skylark azul chegou e estacionou. O motorista era Tobin Ames. E o passageiro Donald Morrissey. — Foley já aqui? — indagou Morrissey.

— Acho que aquele lá é ele — replicou Ames. — No Charger verde. É ele?

— É — confirmou Morrissey.

— Apenas fique de olho nele. Eu vigiarei o Roadrunner. Quando Foley se mexer, avise-me.

A escuridão estava pesada às quatro e trinta e oito, quando o microônibus de cor de bronze entrou no estacionamento, vindo da pista norte da 128. Ele passou pela primeira fileira, e entrou na segunda, a uns quinze quilômetros por hora, sacudindo-se enquanto o motor pedia rotações, acelerando e diminuindo novamente. As cortinas se deslocaram nas janelas, enquanto o ônibus continuava. Diminuiu a marcha por um instante, atrás do Roadrunner, e então se transferiu para a fileira próxima. O motorista encontrou um espaço e esterçou o ônibus para dentro dele. Ele saiu pela porta esquerda da frente, um jovem de cabelos compridos e rosto balofo. Vestia uma camisa de flanela azul, um casaco esporte castanho, de veludo, sobretudo azul com babados e botas pretas. Da outra porta, saiu uma garota magra, de uns vinte dois, com cabelos loiros cacheados e curtos. Usava uma Levi's e uma camisa de sarja azul.

Os dois pararam para conversar atrás do ônibus. Então, caminharam na direção do Roadrunner.

— Não são crioulos — disse Tobin Ames. — Não são negros em absoluto. É gente branca.

— Oh, cale-se, Tobin — disse Morrissey. — Vocês, seus bastardos, não podem esperar ter um homem em cada repartição! — A voz de Morrissey estava, de certo modo, sufocada. Ele tinha torcido o corpo para apanhar duas Remington de cano curto, no chão de trás do carro. De sua jaqueta, ele tirou dez cápsulas de chumbo grosso vermelhas, O-duplo, e começou a carregá-las no meio das revistas.

No Charger, Foley disse: — Reconhece-os?

— Não, não reconheço — respondeu Moran. — Parecem estudantes radicais, mas há um grande bocado de pessoas que se parecem com estudantes radicais, e não são, e outro punhado que não parecem radicais, mas certamente são.

— Aqueles pintas estão atrás de metralhadoras, lembre-se disso.

— Isso deveria qualificá-los, mas certamente não os reconheço de nenhum lugar. Todos os bastardos são parecidos, de qualquer forma. — Ele e Foley estavam sentados, com as espingardas aninhadas no colo.

Na plataforma da estação, Ernie Sauter observa o jovem e a garota por cima do ombro de Ferris. — Um casal de malditos gangsters — disse ele. — Militantes. Sabe, Deke, alguém está biruta. Não sei se sou eu ou eles, mas alguém está definitivamente biruta. Apenas gostaria de descobrir, para saber, entende?

O jovem se apoiou e bateu as juntas dos dedos contra o vidro do Roadrunner. Jackie Brown abriu o olho esquerdo. Sem qualquer sinal de pressa, ele desceu o vidro.

— Sim? — perguntou.

— Olhe, — disse o jovem — odeio como o inferno incomodá-lo e tudo o mais, mas não tínhamos um trato ou coisa assim, não era para nos encontrarmos aqui?

— Sim — confirmou Jackie Brown.

— Bem?

— Bem, o que?

— Vamos fazer alguma coisa? — insistiu o jovem.

— Certo. Olhe em volta.

— Pare de fazer jogos fodidos — disse a garota. — Que diabos está acontecendo aqui? Porque diabos você nos trouxe para o meio dessa multidão para vender metralhadoras? É alguma espécie de piada, ou coisa assim?

— Sou um homem muito cauteloso — explicou Jackie Brown. — Planejo ficar aqui sentado por duas horas, e talvez cochilar um pouco. No meio tempo, se cada carro que eu vi quando entrei aqui não tiver saído, então saberei. Lá pelas seis e trinta, saberei se vocês estão querendo me dedar. Se eu perceber que não, então lhes direi algo, nós iremos a algum lugar, eu entregarei as metralhadoras, e vocês o dinheiro, e pronto.

— Você nos arrastou todo o caminho até aqui só para nos fazer de chamariz? — interrogou a garota.

— Eu faço negócios ficando fora da prisão. Tenho quatro vidas naquele porta-malas. Farei o que for preciso para continuar fora da prisão. Dentro da razão, é lógico. Agora sosseguem apenas. Estive de pé toda a noite e preciso de uma soneca.

— Nós apenas vamos ficar aqui sentados? — perguntou o jovem.

— Olhem, — voltou Jackie Brown. — Não me incomodo com o que vocês façam. Pretendo ficar aqui e tirar uma soneca, e acordar de vez em quando. Não tenho o hábito de negociar metralhadoras na vista aberta de todo o mundo. Mas é um ótimo meio para se ver se você tem companhia, outras pessoas interessadas. Vocês podem ir ou ficar. Às seis e meia, estarei saindo daqui e indo para qualquer outro lugar. Também poderão esperar por aí, ou ir para algum lugar agora e voltar às seis e meia, e, se tudo estiver limpeza, eu lhe direi onde nos encontramos.

— Merda! — exclamou o jovem.

— Não, — fez a garota — não, ele está certo. Muito certo. Concordo com ele.

— Bem, e o que diabos tenho que fazer? — tornou o jovem. — Sentar-me aqui e cair desmaiado?

— Poderia comer alguma coisa — aconselhou Jackie Brown. — Há uma lanchonete a uns dez quilômetros para trás.

— OK, então vamos comer. E depois voltaremos. Que acontecerá então?

— No momento, não sei — respondeu Jackie Brown. — Se todo o mundo que estava aqui esperando trens quando eu cheguei não estiver mais, então poderemos ir para algum lugar, e eu lhe venderei as metralhadoras. Se ainda houver alguém que estava aqui quando entrei, talvez não iremos. Se formos, sairemos por lá e entraremos no tráfego, e você irá para o sul, ou talvez norte, e eu irei para o outro lado, e nos encontraremos em algum lugar que não decidi ainda, e você terá algumas metralhadoras e eu terei algum dinheiro.

— E alguma munição — disse a garota. — Receberemos alguma munição, também.

— Não, isso não. Não consegui munição.

— Seu bastardo! — fez a garota.

— Não vou entrar nessa — continuou Jackie Brown. — Eu lhes consegui metralhadoras em pouco tempo. Mas não munição. Se consegui-la, vou trazê-la. Estou tentando. Mas no momento, não tenho nenhuma munição. Estou trabalhando nisso.

— Onde vamos conseguir munição?

— Se soubesse o lugar onde vocês vão conseguir munição, eu mesmo iria lá pegá-la, e a teria agora para vocês. Eu lhes digo que vou arrumar a munição. Se puderem arranjar mais rápido do que eu, vão pegá-la. Se quiserem que eu a consiga, deixem tudo ao meu cargo. Francamente, não farei nenhum cu de boi.

— Isso é um truque — atalhou a garota.

— Se pensa que é um truque, — voltou Jackie Brown, — apenas vão embora, peguem seu maldito ônibus e dêem o fora daqui, não tem problema. Não me atingirão nem um pouco. Tenho cinco metralhadoras, e pelo menos cinquenta pessoas querendo comprá-las. Façam o que quiserem, que não vão mexer com meus sentimentos. Lá pelas seis e trinta, irei para outro lugar. Se querem ir até lá e apanhar algumas metralhadoras, voltem aqui. Podem ir, e pensem no assunto.

— O dinheiro — disse o jovem. — Dê-nos de volta o dinheiro.

— Foda-se! Você fez um acordo. Ainda estou disposto a continuar com ele. Se quiser dar para trás, vá em frente. Nada de devoluções.

— Seu chupador de cacetes! — disse o jovem.

— Pare com isso, Peter — suavizou a garota. — Vamos embora comer alguma coisa. Poderemos conversar.

— Muito sensato — motejou Jackie Brown. Ele subiu o vidro do carro e encostou de novo a cabeça no banco.

Os jovens se endireitaram e saíram de perto do Roadrunner. Eles andavam bem perto um do outro, conversando. Voltaram ao microônibus e entraram. As luzes se acenderam e um pouco de fumaça azul saiu do escapamento. O ônibus saiu de sua área de estacionamento e começou a rodar pelo passeio.

— Filho da puta! — gritou Foley.

— Não fique tão ansioso — disse Moran. — Talvez estejam indo para o outro lado do carro dele.

O microônibus continuou pela área do estacionamento. No fim da subida, virou à direita e rumou diretamente para a passagem de

nível de direção norte, saindo da área da estação.

— Filho da puta! — repetiu Foley.

— Pense rápido, — disse Moran — antes que eles entrem naquele tráfego. Há alguma coisa pela qual podemos detê-los?

— Não. Nenhuma maldita coisa.

— Muito bem. Então temos duas possibilidades. Ele ainda está aqui. E parece que vai permanecer. Daí, podemos esperar até que ele parta e então prendê-lo.

— Se ele não entrar no tráfego — emendou Foley.

— Certo — aprovou Moran. — Ou poderemos esperar e, se tivermos sorte, eles voltarão e então pegaremos toda a ninhada.

— Ou talvez eles voltem e depois todos vão para algum lugar, e nós os perderemos no tráfego?

— Certo. Três alternativas. Que faremos?

— Ele não está se mexendo — disse Foley. — Para mim, parece que está dormindo. Assim, podemos esperar. Mas se der furo, cinco metralhadoras entrarão em circulação; e como diabos iremos prestar conta disso?

— Eu não sei. Como?

— Não sei. Parece-me que o negócio furou. Nós temos o suficiente para levá-lo preso agora, certo?

— Certo — assentiu Moran.

— Deixe-me pensar.

— O cara é seu.

— Vamos pegá-lo — decidiu Foley. Ele apertou o botão da luz de emergência, sobre o painel. O sinalizador piscou quatro vezes no pesado crepúsculo.

Na plataforma da estação, Sauter e Ferris tiraram suas Especiais calibre trinta e oito do coldre. Eles as colocaram nos bolsos de seus paletós esporte. Juntos, desceram a plataforma e alcançaram a fileira do Roadrunner, ficando de frente para a mesma.

Tobin Ames ligou a ignição do Skylark e reverteu a marcha. Lentamente, deu marcha-à-ré do espaço em que estava, girando o volante para fazer o conversível apontar para a alameda.

Jackie Brown estava sentado com os olhos fechados, e a cabeça apoiada no encosto.

Foley e Moran saíram do Charger. Vestiram suas capas. Inclinaram-se para o carro e puxaram as espingardas para fora, e as colocaram debaixo das capas. Cada um deles enfiou a mão direita por dentro do forro das mesmas, e segurou a arma achatada contra o corpo. Começaram a andar em direção ao Roadrunner.

Fizeram uma pequena pausa, enquanto passava um pequeno grupo de usuários.

Atrás do Roadrunner, Foley e Moran se separaram. Foley ficou postado. Moran andou o equivalente à largura de dois carros, e então imobilizou-se. Ferris e Sauter ficaram conversando na beirada da próxima alameda.

Ames desceu lentamente pela alameda com o Skylark. Seus faróis não estavam acesos. Um pedestre disse: — Ei, use suas luzes! — Ames continuou trazendo o Skylark, quase que o arrastando.

Quando o veículo já estava atrás do Roadrunner, talvez há um metro e pouco de distância, Ames parou. Desligou o motor. Abriu a porta e saiu. Ele tinha a espingarda em suas mãos. Morrissey saiu pelo lado dos passageiros, carregando outra. Ele se apoiou contra a porta do Skylark, e segurava a arma cruzada com seu corpo. Ames dobrou o corpo e descansou os cotovelos em cima do capô do automóvel. Tinha sua arma levantada.

Jackie Brown, de olhos fechados, encostava a cabeça e tirava uma soneca.

Sauter e Ferris se separaram. Sauter postou-se, sacando seu revólver e segurando-o ao seu lado. Estava defronte ao Roadrunner, num pequeno ângulo com o pára-lama dianteiro esquerdo. Ferris tomou a mesma posição do lado direito.

Dois usuários da estação pararam. — Ei, — perguntou um deles — o que está acontecendo aqui?

Tobin Ames, sem se mover, disse: — Seguro pago a menos. Somos do Tesouro Federal.

Os usuários juntaram-se numa batota. Pararam a cinco carros de distância. No começo da noite, o nevoeiro começava a cair sobre os brejos de Dedham, aparecendo em halos ao redor das lâmpadas.

Foley aproximou-se do Roadrunner pela traseira esquerda. Moran, pela direita.

Foley tirou a espingarda para fora de sua capa. Ergueu-a lentamente até o nível do vidro, e silenciosamente a repousou ali.

Moran recuou dois passos do Roadrunner. Apoiou o cabo de sua espingarda contra a cintura com o cotovelo direito. Com a mão esquerda, segurou sob o cano. Ele o ergueu, até que apontasse para o vidro.

Jackie Brown, com os olhos ainda fechados, se recobrava de uma longa noite dirigindo, e de muitas frustrações.

Foley bateu no vidro do Roadrunner. Preguiçosamente, Jackie Brown virou a cabeça. Ele abriu o olho esquerdo. Sua visão se focalizou no rosto de um estranho. — Sim? — fez ele.

Foley fez um movimento de manivela com a mão esquerda.

Jackie Brown sacudiu a cabeça. Ele se inclinou para a frente e baixou o vidro. — Sim? — disse novamente.

— Tesouro dos Estados Unidos — apresentou-se Foley. — Você está detido. Saia devagar e calmo, e deixe suas mãos bem à vista. Um movimento, e será um fodido homem morto. — Ele trouxe para cima a espingarda, com a mão direita. A esquerda estava debaixo do cano, firmemente.

— Santa merda! — exclamou Jackie Brown. Ele olhou à sua direita. Moran estava ali, apontando uma espingarda através do vidro. Em frente do Roadrunner, dois homens avançavam com revólveres apontados para ele, através dos pára-brisas. — Ei! — ele disse.

— Saia do carro! — ordenou Foley. E inclinando-se para dentro, ele ergueu o pino de segurança da porta, e abriu a porta de fora. — Saia! — A espingarda permanecia nivelada com a cabeça de Jackie Brown.

— Ei! — começou Jackie Brown, balançando as pernas para fora do carro. — Ei, olhem...

Foley o agarrou assim que ele saiu, e o virou. — Ponha as mãos no teto do carro — disse ele. — E escorregue os pés para trás.

Jackie Brown fez como lhe disseram. Sentiu mãos que o apalpavam de cima a baixo. — Porque porra tudo isso? — perguntou.

Moran, Sauter e Ferris agora ladeavam o Roadrunner e permaneciam juntos, com as armas apontando para Jackie Brown. Ames e Morrissey ficaram postados. Moran passou sua espingarda a Sauter, que desarmou o gatilho de sua Especial e levantou a arma de Moran. Moran tirou sua carteira do bolso; dela, separou um cartão plastificado. No brilho azulado das luzes do estacionamento, ele começou a ler:

— “Você está detido pela violação de uma lei federal. Antes de fazermos quaisquer perguntas, queremos que entenda seus direitos sob a Constituição dos Estados Unidos.”

— Eu conheço os meus direitos — interrompeu Jackie Brown.

— Feche essa porra e escute — atalhou Foley. — Feche o maldito bico e ouça o que o homem está lhe dizendo.

— “Não terá de responder quaisquer perguntas” — continuou Moran. — “Tem o direito de ficar calado. Se responder a alguma pergunta, suas respostas poderão ser usadas como prova contra você num julgamento no tribunal. Entende o que acabei de lhe ler?”

— Naturalmente que entendo — respondeu Jackie Brown. — Pensa que sou algum fodido idiota?

— Cale-se! — insistiu Foley. — E fique quieto, ou vou lhe estourar essa cabeça fodida. — Ele descansou o cano da Remington no ombro de Jackie Brown, e esse lhe roçava diretamente a base dos miolos.

— “Você tem o direito de um conselheiro legal. Tem advogado?”

— Não, pelo amor de Cristo! — exasperou-se Jackie Brown. — Claro que não. Se acabei de ser preso...

— “Se quiser um advogado, terá somente de dizê-lo, e terá tempo de contratar um, e de se consultar com ele. Terá o direito de se aconselhar com seu advogado antes de se decidir a responder alguma pergunta. Entende o que lhe foi lido?”

Jackie Brown não respondeu. Foley cutucou-o com o cano da Remington. — Responda!

— Claro que entendo.

— “Se não tiver condições financeiras para arcar com um advogado” — continuava Moran, — “o Tribunal lhe indicará um. Entende isso?”

— Sim.

— “Você poderá, se quiser, renunciar a esses direitos e responder nossas perguntas. Está desejoso de respondê-las?” — prosseguia Moran.

— Foda, não — respondeu Jackie Brown.

— “Entende quais são os seus direitos?”

— Sim — berrou Jackie Brown. — Sim, sim, sim!

— Cale-se! — disse Moran. — Vire-se e estenda os pulsos. — Foley

estalou as algemas em torno dos pulsos de Jackie. — Está detido por violação do Código Americano, artigo vinte e seis, parágrafos cinquenta e oito a sessenta e um, posse de metralhadora sem estar registrado como proprietário e possuidor da arma.

— Ei! — protestou Jackie Brown.

— Fique calado! — explodiu Foley. — Não quero ouvir nem mais uma maldita palavra da sua boca. Mantenha sua maldita matraca fechada. Agora, entre em seu carro. No banco de trás. Moran, entre com ele e mantenha o filho da puta coberto. Se ele se mover, estoure-lhe os miolos.

Do bolso de sua capa, Foley tirou um rádio transmissor Citizen's Band, e ligou-o. — Diga-lhe — disse, — diga-lhe que pegamos o homem no local esperado, e que queremos um mandato para dar busca no maldito carro. Estamos entrando nele.

— Vocês sabiam! — vociferou Jackie Brown. — Sabiam de tudo. Vocês sabiam que eu ia estar aqui!

— Claro! — confirmou Foley, entrando no Roadrunner. — Ames, — disse ele — faça com que Morrissey traga o meu carro. As chaves estão debaixo do banco. O que mais...? — disse, dirigindo-se a Jackie.

— Aquele bastardo fodido! — gritava este. — Aquele bastardo fodido!

— Que bastardo fodido é esse? — perguntou Moran.

Jackie Brown olhou para ele. — Oh, não! — fez ele. — Oh, não! Vou cuidar disso eu mesmo!

CAPÍTULO 18

Num banco de areia esvaziado em Orange, Massachusetts, há um estacionamento para casas-reboque. Na escuridão, Eddie Coyle dirigia cautelosamente seu velho sedan De Ville, com os faróis bem altos, e os enormes pneumáticos fazendo vincos contra as beiradas do estreito asfalto. Ele parou o carro ao lado de um reboque azul e amarelo. Este era equipado com uma balaustrada de ferro forjado e frágeis degraus do mesmo material; havia um grosso tecido prateado em volta da substrutura. As janelas do reboque eram cortinadas. A luz fluía através delas.

Eddie Coyle desligou as luzes e o motor do Cadillac. Ele saiu e andou pesadamente até os degraus. Tocou a campainha sem pisar nos mesmos.

A cortina da porta se moveu imperceptivelmente. Uma mulher espiou através do vidro embaçado. Eddie esperou pacientemente. A porta se abriu um pouco.

— Sim? — disse ela.

— Eu trouxe algumas compras para Jimmy — explicou Eddie Coyle.

— Ele o está esperando?

— Não sei. Ele me disse para aparecer por aqui. Acabo de rodar umas duas horas. Espero que sim.

A mulher disse: — Só um minuto. — A porta se fechou. Eddie Coyle esperou na escuridão gélida.

A porta se abriu parcialmente outra vez. Um rosto masculino cheio de erupções apareceu. — Quem é? — disse.

— Coyle. Trouxe as compras.

A porta se abriu completamente. Jimmy Scalisi, usando uma camisa

sem golas e um par de calças cinza, apareceu na luz. — Ei, Eddie. OK — disse ele. — Porque não traz o material para dentro? Eu o ajudaria, mas gelaria minha bunda aí fora.

— Está certo — disse Coyle. Ele voltou ao Cadillac e abriu o porta-malas. Tirou os sacos de compras, dois de cada vez, e passou-os a Scalisi, na porta da casa-reboque. Havia seis deles.

— Vamos entrar — convidou Scalisi. Coyle seguiu-o para dentro do compartimento. — Essa é Wanda — apresentou Scalisi.

Wanda tinha um metro e setenta e cinco, e uns sessenta quilos. Ela tinha seios robustos, o que Coyle notou imediatamente porque ela estava usando uma camisa decotada e soutien com flores de um tom vermelho brilhante. Estava usando também calças cor de trigo. Nesta, havia manchas perceptíveis na altura do fecho. — Olá! — disse ela.

— O que você faz? — perguntou Coyle.

— Ela trabalha para a Nordeste — explicou Scalisi.

— Sou aeromoça — disse ela.

— Sim, verdade? — fez Coyle. Wanda sorriu.

— O que há nos sacos? — quis saber Scalisi.

— Carne, cerveja e mercadoria — respondeu Coyle. — Agora que você tocou nisso, eu poderia tomar uma cerveja.

— Wanda, pegue uma cerveja para o homem. Nós estaremos na sala de estar.

Nesta, havia uma cadeira de couro negro e um sofá. Scalisi tomou a cadeira. Coyle se sentou agradecidamente no sofá. Uma televisão a cores portátil estava na divisão entre a sala de estar e a área de cozinha. Estava sem som. Um homem despejava palavras e segurava um folheto sobre o Havaí.

— Isso é muito bacana — disse Coyle. — Já estive a perigo uma ou duas vezes, mas nunca tão legal assim.

— Eu não estou a perigo — explicou Scalisi. — Vivo aqui há dois anos e meio.

— Merda! — fez Coyle.

— Não. Eu alugo este lugar. Trabalho como operador de uma escavadeira. Meu trabalho é periódico. O proprietário compreende. Ele acha que eu sou a melhor coisa desde o pão em fatias.

— A sua esposa entende? — interrogou Coyle.

— O que você não sabe, não pode incomodá-lo. Ela não sabe.

— Ela pensa que você está fora, vendendo revistas.

— Não sei o que ela pensa — tornou Scalisi. — Digo-lhe que tenho de sair por um momento. Ela nunca pergunta.

— Jesus, tenho que falar com você qualquer dia. Não sei como consegue isso.

— Isso é confidencial — disse Scalisi. — Olhe-a bem dentro dos olhos e diga: Ei, tenho de sair por um instante. Elas cairão.

— Você devia conhecer minha esposa. Se dissesse isso a ela, pondo-se no meu lugar, ela ficaria com essa expressão no rosto: Ah, é? Como se você estivesse tentando lhe vender um carro usado. Tenho de arrumar um tempo para observá-lo. É a única maneira.

Scalisi riu.

Coyle indicou a área da cozinha com um movimento da cabeça. — Aquilo é muito bacana, também. Onde conseguiu?

— Bem, você sabe — voltou Scalisi. — Estou lá na Arliss, uma noite dessas, e um dos caras entra com ela. Nós começamos uma espécie de papo. Uma coisa assim.

Coyle coçou a virilha.

— É muito quente lá — disse Scalisi. — Ela não usa calcinhas. Perguntei-lhe porque, e me disse que não tem nenhuma. Usa meia-calça, quando está trabalhando. Às vezes também põe macacões, sem calcinhas. De vez em quando, tudo o que tenho de fazer é ir até atrás dela e mandar brasa lá dentro. Ela acaba como se tivesse eletricidade no corpo. Nunca vi coisa assim.

— Jesus!

— É uma grande vida! — fez Scalisi. — Se você não fraquejar, é um vidão!

— Agora, o que estava fazendo? — perguntou Coyle.

— Bem, estava assistindo os Broons. Eles têm um grande clube ali. Esse é o problema em se estar no ramo de construções. Você tem que ficar por aqui. Não pode ir a nenhum jogo dos Broons. Sinto um bocado de falta disso.

— Ei, olhe. Você está melhor fora. Eu estava ali no estádio, bem, você se lembra, e estava pensando: se você tem um jogo vagabundo na tevê, sabe, bem, simplesmente a desliga e vai fazer outra coisa. Eu estava batendo um papo com Joey, foi ontem lá no Dillon's, e ele

esteve no jogo dos Seals, e dizia, foi ruim de foder, mas o ingresso custou dinheiro, sabe? Eles chegaram à conclusão de que teriam batido os adversários fazendo lances num ringue de patinação; mas que diabos, uma vez que você pagou pelo ingresso, não vai sair assim sem mais nem menos.

— Eu sei — disse Scalisi. — Ainda sinto falta dos rapazes. A gente vai até lá, toma um pileque e tanto, e depois vai ver o jogo; é legal, sabe? É uma farra! Gosto um bocado disso.

— A maioria das garotas de lá usam calcinhas — gracejou Coyle.

— Bem, eu já sei disso. Quero dizer, não vou ficar batendo na mesma tecla, sabe? Apenas estava dizendo que sinto falta de tudo aquilo.

— As coisas estão correndo bastante bem — tentou Coyle.

— Ótimas. Estão correndo otimamente. Arthur é bom e cuidadoso. Sim, está muito bom. Trouxe a muamba?

— Lá na cozinha. Coloquei tudo debaixo da cadeira. Bem dentro de um saco de compras, sob a cadeira. Todas montadas.

— Você fez tudo certo desta vez — cumprimentou Scalisi. — Quero que saiba que gostei muito. Consegui falar algumas verdades para o Arthur, sabe, sobre o fato de se prender à muamba. Ele começa a ficar chateado, e eu simplesmente digo: "Bem, Arthur, você sabe, Eddie foi positivo conosco, até agora. Ele vai conseguir mais. Agora atire isso dentro de um maldito rio!" Por pouco não quebrei seu coração. Você pode ver que ele não quer fazer isso. Quando Arthur consegue uma boa máquina, odeia se separar dela. Mas o faz. E aí está a diferença, sabe? É muito mais seguro, saber que ninguém está dando bandas com a máquina, para o caso do cara ser apanhado como suspeito. Realmente, é uma diferença muito grande.

Wanda entrou com uma bandeja. Esta continha uma lata de cerveja e dois copos. — É uma carne muito boa a que você trouxe — disse ela. — Eu estava arrumando as coisas, e a vi.

— Ei, obrigado! — agradeceu Scalisi. — Quanto lhe devo pelas compras?

— Bem, vejamos. Doze pela primeira partida, as oito. Então houve mais uma dúzia, dezoito notas por ela. Agora, mais dez aqui, mais mil e quinhentos. Quatro mil e quinhentos dólares. Vou incluir os bifes.

— Meu Deus! — fez Wanda. — É um bocado de dinheiro por um

pouco de carne!

— Cale-se, Wanda! — ordenou Scalisi.

— Você conhece o meu amigo aqui, suponho — disse ela. — É bem o tipo de um gangster.

— Eu lhe disse para se calar!

— Foda-se! — disse Wanda. — Eu o ouvi falar a meu respeito, estava aí e ouvi. O que ele tem a ver com isso, se eu uso calcinhas ou não? O que eu sou, alguma coisa para você exibir? Meu irmão mais novo fala sobre seu maldito Mustang do mesmo modo que você fala sobre mim. "Eu apenas vou até lá de vez em quando e mando brasa." Pelo amor de Cristo! Pensei que fôssemos amigos! Que gostássemos um do outro! Merda!

— Você tem esse problema? — Scalisi perguntou a Coyle.

— Sim. Diferente, mas no fundo o mesmo. Todo o mundo não tem?

— Foda-se você também! — disse-lhe Wanda.

— Acho que é por causa dessa porcaria do Movimento de Libertação Feminina — disse Scalisi. — Serei Cristo, se souber o que fazer dele.

— Eu não acho que elas têm alguma coisa na cabeça — concordou Coyle. — Você sabe, rodando por aí o dia todo! Elas ficam pensativas pelo fato de você chegar em casa e colocar o maldito carro no pátio; ficam putas! O que precisam é de umas boas preocupações, é o que eu acho.

— Eu trabalho — disse Wanda. — Provavelmente trabalho mais do que vocês dois juntos, seus bastardos! Eu ganho meu pão!

— Eu lhe disse para fechar a boca! — insistiu Scalisi.

— E eu lhe disse para ir se foder! — gritou Wanda. — Falando sobre mim dessa maneira! Que acharia se eu começasse a contar à garota da loja sobre o seu pau, e aquilo que gosta que eu faça com ele? E as coisas que você gosta de fazer comigo; gostaria disso?

Scalisi saiu da cadeira rapidamente e esbofeteou Wanda no rosto. — Eu lhe disse para se calar! — disse ele. — É isso que quero que você faça. Feche a matraca!

— Não! — gritou ela. Não estava chorando. — Não, você não gostaria disso. E é melhor dormir com os dois olhos abertos hoje à noite, porque talvez eu me decida a golpeá-lo com um martelo, seu bastardo!

Wanda chispou fora da sala de estar, e fez todo o barulho que pôde, fechando a porta dobrável da área de dormir.

— Alguma vez já ficou puto? — perguntou Scalisi.

— Claro — fez Coyle.

— Alguma vez já ficou puto sem uma maldita discussão? É isso que eu realmente queria dizer. Estou começando a entender os caras que vão até um hotel, pegam alguma biscate fora e pagam vinte notas. Realmente. Você paga com seu dinheiro e diz: "Chupa!". E ela chupa. Sem mais nada, você caga andando por isso. É tudo claro, e você pode ver o que está fazendo. Eu costumava pensar, bem, todo o homem tem que pagar por isso, mas poderia cortar essa, sabe? Mas a velha fica resmungando e fazendo desaforos o tempo todo, então fico todo enrolado e penso, bem, aí tem coisa; daí para a conversa e os amassos, sabe? Estou com essa zinha há provavelmente um ano e meio. E eu sei que ela está trepando com qualquer um que diga por favor e obrigado para ela, no avião, e eu não me importo. Quero dizer, que diabos, não sou perfeito! Não é que ela tivesse entrado nessa cega e estupidamente, sabe? Mas o que faz ela? Fica fula porque eu conto a maldita verdade! Ela não usa calcinhas. Isso é óbvio. Dê uma olhada nela e saberá. Então, onde está o galho? Que mal isso faz? Ela é ótima na cama, e fica muito ligada. Daí eu digo isso, e ela fica furiosa. Não sei não.

— Olhe, — disse Coyle, — elas são todas malucas. A outra noite voltei para casa, e tinha ganho no bicho. Seiscentos e cinquenta notas no meu número. Estava pensando em lhe comprar uma televisão a cores. Ela assiste aquela coisa fodida o tempo todo. Imagino que gostará do troço. Então o que acontece? Eu entro pela porta, e o que ela diz? Simplesmente: "Onde diabos você esteve? O aquecedor a óleo está todo esfumaçado, e não consigo arrumar um técnico!" Assim, no momento me esqueci da tevê a cores. Eu saí de manhã e só voltei à noite, e ela está puta da vida. Que se foda. Saí e abri uma conta bancária. Em meu nome. Lá pelo próximo fevereiro, vou arrumar uns negócios em Miami, e me aquecer um pouco. Ao inferno com ela!

— Ei, — interrompeu Scalisi, — e o dinheiro? Quanto?

— Quatro mil e quinhentos.

— Serei correto com você — Scalisi levantou-se novamente e saiu da sala de estar. Em poucos minutos voltava. Trazia um pacote de notas, e passou-as para Coyle. — Conte-as.

— Não — fez Coyle. Ele aceitou o pacote e o colocou no bolso. — Você ainda nunca me estrepou. Confio em você. — Ele se levantou.

— Tem de ir?

— Tenho uma longa caminhada. Você tem outros planos, de qualquer modo. Vai precisar de mais algumas armas?

— Acho que não — respondeu Scalisi. — Olhe, eu o farei saber. Acho que agora já terminamos. Vai ficar por perto?

— Pelo menos até o mês que vem. Tenho aquela transa em New Hampshire a caminho. Não sei.

— Aquilo vai dar algum problema?

— Não sei — respondeu Coyle. — Estou esperando para ver. Talvez não. Diabos, como se pode saber? Vai chegar, vai chegar. Você tem que levar da maneira que vier. Eu não sei...

— Espero que você esteja bem.

— Eu também — fez Coyle. — Eu também.

CAPÍTULO 19

Sem nenhuma expressão no rosto, Jackie Brown estava sentado no escritório externo, com as mãos algemadas sobre o colo. Tobin Ames, com uma espingarda atravessada no colo, estava atrás de uma escrivaninha, do lado oposto a Jackie Brown, vigiando-o. No escritório do comandante, Waters e Foley observavam Ames e Jackie Brown através da divisão de vidro.

— Ele disse alguma coisa? — perguntou Waters.

— Disse que entendia seus fodidos direitos — respondeu Foley. — Ele é um garoto duro, eu diria isso em seu favor.

— Quando o prenderam?

— Mais ou menos cinco e quinze.

— Aposto que pararam para uma bebida, no caminho — tentou Waters.

— Já esteve alguma vez naquele tráfego da Estrada 128? — perguntou Foley. — Nós o trouxemos até o escritório do chefe de polícia, fizemos caretas para ele, tomamo-lhe as impressões digitais, e então o trouxemos para cá.

— OK. Agora são quase oito e trinta. Você tem alguns planos para ele para o resto da noite, espero.

— Certo. Nós vamos fazer a acusação contra ele.

— Ótimo! — fez Waters. — Penso que é uma excelente idéia. Tem algum palpite sobre de que vai acusá-lo?

— Sim. Vinte e seis, cinquenta e oito e sessenta e um. Posse de metralhadoras não registradas. Cinco delas.

— Bem — voltou Waters, — o que estão esperando, a Páscoa?

Quero dizer, vocês o tiveram por quase quatro horas. Já devia estar com a ficha feita.

— Sei que devia, Maury, mas eu não consigo tirar mandatos judiciais do ar. Moran tinha que conseguir um mandato de busca para o carro. Então, demos a busca. Achamos as armas. Agora Moran está obtendo a queixa. Tenho um Comissário à disposição para o caso. Assim que Moran conseguir a queixa, daremos no pé.

— Eu tinha entradas para o jogo dos Bruins hoje à noite — disse Waters.

— Ei, olhe, eu sei, sinto muito. Pensei apenas que poderia conversar consigo.

— Então converse — fez Waters.

— O que faço agora?

— Você quer dizer depois de colocá-lo sob fiança e tudo o mais — cortou Waters. — Essa é a primeira coisa que fará.

— Eu sei. Mas e depois?

— Quais são as escolhas?

— OK — respondeu Foley. — Posso deixá-lo sair. O Comissário certamente o deixaria ir em segurança. Posso dizer: "OK, Senhor Brown, vejo-o no tribunal." E então tentar conseguir a acusação contra o filho da puta.

— Acha que vai obter um? — perguntou Waters.

— Acho que sim. Aquele bastardo que fica no escritório do Procurador dos Estados Unidos, não penso que mesmo ele pudesse achar qualquer coisa de errado com esse caso. Fiz tudo que pude imaginar, e Moran pensou em haver mais muamba. Só lhe digo isso, se esse garoto quisesse ir dar uma mijada, eu arrumaria um mandato antes de deixá-lo fazer isso.

— OK, — concordou Waters — você pode deixá-lo ir ou fazer a acusação. O que mais?

— Poderia lhe dizer algo antes que se fosse.

— O que, por exemplo?

— Bem, — explicou Foley — por exemplo, ele sabe que alguém o dedou para nós. Não é nenhum estúpido. Concluiu que recebemos a dica de que ele ia estar lá pela estação de ferro. Várias vezes, durante a volta, ele disse: "Quem lhe contou? Quem disse que eu ia estar ali?"

— Você fez apontamentos sobre isso, espero.

— Fiz — afirmou Foley.

— OK. Ele estava fazendo perguntas. E daí?

— Daí, suponha que nós lhe contemos.

— Contemos o que? — perguntou Waters.

— Bem, temos uma escolha. Poderíamos deixá-lo pensar que os garotos do ônibus VW deram o serviço.

— E ele acreditaria nisso?

— Provavelmente não — Foley disse. — Poderia ser, mas provavelmente não o fará.

— Então para que fazer isso? — perguntou Waters.

— Para obter seus nomes. Não estou dizendo que é isso que deveríamos fazer. Apenas que poderíamos.

— Conseguiu o número de licença do ônibus?

— Sim — respondeu Foley.

— Mais cedo ou mais tarde, isso vai nos dizer quem estava dentro dele, certo?

— Perfeitamente. A não ser que seja roubado.

— Presuma que não seja — interrompeu Waters.

— O que teremos conseguido?

— Os nomes.

— E para prova, podemos mostrar que eles dirigiram o ônibus até a estação de trens. Isso é crime federal, entrar com um ônibus dentro de uma estação de estrada de ferro?

— Se for para comprar metralhadoras, é lógico! — exclamou Foley.

— Quem vai dizer isso?

— Jackie Brown.

— Suponha que ele não o faça — propôs Waters.

— Então, ninguém. Ninguém no mundo inteiro.

— Ainda teria um crime federal?

— Claro! — fez Foley.

— Claro. Mas não poderia prová-lo, isso é tudo.

— Certo.

— A próxima questão — pediu Waters.

— Poderíamos contar-lhe que Coyle nos deu sua ficha — arriscou

Foley.

— É uma proposição interessante. Porque lhe contar isso?

— Isso o deixaria furioso. Estou razoavelmente seguro de que ele tinha alguma transação com Coyle. Assim, eu lhe conto que Coyle deu com a língua nos dentes, ele fica com raiva e me diz o que estava fazendo com Coyle.

— Valeria a pena? — perguntou Waters.

— Bem, você mesmo me disse, suponha que Coyle esteja armando aqueles assaltantes de bancos. Se estiver, talvez Jackie Brown estivesse mascateando as armas para ele.

— Você gostaria de ver aqueles assaltantes, hein?

— Sim, realmente — concordou Foley. — Seria esplêndido.

— Muito bem. Você conta a Brown. Então, o que acontece?

— Não sei.

— Eu sei — disse Waters. — Ele consegue se livrar das acusações de possuir metralhadoras sem registro. Então, consegue ser solto. Então o que?

— Sai para procurar Coyle.

— Certo — prosseguiu Waters. — Sai na captura de Coyle, e quando o encontra, mata-o. Então, o que você terá conseguido? Um vendedor de metralhadoras e um delator morto. É isso o que deseja?

— Provavelmente não. Há algum modo para que eu possa detê-lo sem fiança?

— Não. O propósito da fiança... quer ouvir o texto inteiro?

— Não — respondeu Foley. — "Para assegurar que o acusado aparecerá para outras sessões legais." Mesmo com metralhadoras?

— Mesmo com metralhadoras, — repetiu Waters.

— OK. Ele vai sair. Ainda assim posso contar-lhe.

— E então ele lhe dirá tudo?

— Provavelmente não — fez Foley. — Ele parece ser do tipo que não diria nada, se o seu paletó estivesse pegando fogo.

— Assim, o que aconteceria?

— Ele sairia para procurar Coyle, e eu iria campaná-lo.

— Ora, vamos! — motejou Waters.

— Eu poria um transmissor de sinais em seu carro. E o seguiria com

um rádio fodido.

— Igualzinho a Missão Impossível.

— Efrem Zimbalist é o meu favorito. Igualzinho ao Efe Bi Ai — gozou Foley.

— Lembre-me de conseguir sua transferência para Topeka. Tem alguma outra idéia brilhante?

— Sim. Podemos lhe dizer que foi o sujeito que lhe vendeu as armas.

— Bem, é um pensamento — assentiu Waters. — Vamos explorá-lo. Quem foi?

— Algum gangster recruta, aposto.

— Onde ele conseguiu a arma?

— Provavelmente é dele — disse Foley. — Ele e quatro chapas querem levantar alguma grana para conseguir um rabo-de-saia de primeira.

— Há números nas armas?

— Bidu.

— Os números de série são registrados no nome do soldado que recebe a arma? — perguntou Waters.

— Sim.

— O soldado tem de prestar contas da arma, quando ela desaparece?

— Sim.

— O que nós ganhamos com isso? — insistiu Waters. — Nós vamos descobrir, de qualquer jeito.

— Você ganhou. Não lhe direi que foram os soldados.

— E não lhe diga que foi o pessoal do ônibus, nem que foi Coyle.

— Não lhe direi nada — prometeu Foley. — Eu o deixarei ir em segurança pessoal.

— Então, o que acontece?

— Ele ganha a rua, e eu começo a tentar encontrar aquele bastardo no tribunal, para acusá-lo.

— Mas o que faz ele? — interrogou Waters.

— Vai para a casa e pensa.

— Certo. Estúpido ele não é. O que pensa ele?

— A primeira coisa em que pensa é se as pessoas do ônibus o tapearam — tentou Foley.

— Certo. E o que ele decide?

— Que não. Eles estavam ali, mas não sabiam de nada. Ele resolve que não foram eles.

— Então, o que ele faz? — voltou Waters.

— Começa pensar sobre quem mais poderia tê-lo tapeado.

— De quem ele suspeitaria?

— De Coyle, primeiro — respondeu Foley. — Se ele souber o nome de Coyle. Ele o viu esta manhã, aposto. E Coyle provavelmente viu as metralhadoras. Ele vai culpá-lo.

— Como Coyle viu as metralhadoras?

— O garoto abriu o porta-malas.

— Porque ele abriria o porta-malas? — quis saber Waters.

— Para tirar algo fora dele, para Coyle. Naturalmente.

— Coyle comprou algumas armas para si próprio, hoje.

— Naturalmente, Coyle poderia ter-lhe vendido as metralhadoras.

— Onde Coyle conseguiria metralhadoras? — perguntou Waters. — Metralhadoras do Exército? Não. Ele estava comprando alguma coisa.

— Bom, ele pensa que foi Coyle e sai atrás dele. Agora, o que podemos fazer sobre isso?

— Você acha que ele sabe quem é Coyle?

— O nome dele? — perguntou Foley. — Talvez. Provavelmente não. Quem sabe, o seu primeiro nome. Mas não o resto. Alguém com quem ele se dá? Provavelmente. Ele é um garoto esperto e duro. Creio que começou a pensar na Máfia, no momento que Coyle saiu para conseguir as armas. Coyle não é nenhum Pantera, isso é certo, nem revolucionário. O garoto provavelmente o conhece como um gangster.

— OK. Agora talvez tenhamos conseguido algo. O garoto paga a fiança e quer saber quem montou a ratoeira, então começa a pensar e chega à conclusão que foram os rapazes. Se for esperto, não vai sair por aí atirando em algum deles, e ele é esperto. Assim, ele vai querer ajustar contas. Agora, como pode um camarada se desforrar de um dos rapazes que o prejudicou?

— Bem, — arriscou Foley — ele poderia ligar para ele a todas as

horas da noite e sussurrar algo.

— Sim, — concordou Waters — e poderia envenenar a caixa de água do cara, e espalhar pela cidade que a mulher dele está fodendo com outro. Mas há uma maneira mais fácil, não há?

— Certamente. Poder-se-ia chamar um oficial de justiça amigável e delatar o bastardo que nos delatou.

— Exatamente. Agora, você acha que poderia pensar em algo para dizer, e que expressasse a Jackie Brown o grande pesar que você pessoalmente sente por ter de prendê-lo, e a sua sincera convicção de que ele foi ludibriado?

— Deixe-me dedicar algum tempo a isso — disse Foley. — Sempre odiei ver alguém se aproveitar de um garoto.

— Sei como se sente.

— Particularmente desde que nós falhamos com os revolucionários — finalizou Foley. — São maus ventos que não beneficiam a ninguém.

CAPÍTULO 20

Robert L. Biggers, de Duxbury, não tendo conseguido dormir, tomava preguiçosamente o café e lia o Herald de ponta a ponta. Sua esposa andava sonolenta pela cozinha, com o bebê, enquanto ele estava apanhando seu paletó. — É a sua dor de cabeça, ou coisa assim? — perguntou ela.

— Não está doendo mais que o normal. Porque?

— Você se levantou tão cedo! — insistiu ela. — Pensei que houvesse alguma coisa.

— Nada, em absoluto — disse ele. — Apenas estava pensando, você sabe, é o pássaro madrugador que apanha a minhoca. Eu começo cedo esta manhã, poderei liquidar com aquelas promoções do Christmas Club, e talvez vir para a casa em uma hora decente, para variar.

— Tenha um bom dia!

— Terei — disse ele. E deu-lhe um beijo de despedida.

Robert Biggers trancou seu carro e atravessou o estacionamento do Centro Comercial West Marshfield, na direção do escritório principal do Banco Cooperativo da Baía de Massachusetts. Usou a sua chave para abrir a porta da frente do banco, e trancou a porta atrás de si. Foi diretamente até o armário de paletós, tirando o seu impermeável e pendurando-o. Ele surgiu da ante-sala, murmurando uma canção das Supremes, que ouvira durante o seu caminho para o trabalho. Encarando-o, havia um homem de estatura mediana. Usava um casaco de esquiador com capuz, cor de laranja, e uma máscara de meia de náilon. Na sua mão direita, segurava um enorme revólver negro.

— Que porra...? — começou Robert Biggers.

O homem gesticulou à direita com o revólver.

Robert Biggers disse: — Que porra você está fazendo aqui? Que porra está acontecendo?

— Mexa-se — disse o homem.

No escritório particular da gerência, Harry Burrell estava sentado em sua cadeira, com as mãos presas na altura do estômago. Havia mais dois homens com ele no escritório. Usavam casacos com capuzes de náilon, cor de laranja, e meias de náilon sobre os rostos. Cada um deles tinha um revólver negro.

— Estamos sendo assaltados, Bob — disse Harry. — Espero que você e o resto dos funcionários não façam nada de corajoso ou estúpido, o que é quase a mesma coisa nestas circunstâncias. Estes homens têm um amigo com eles. Está em minha casa com minha esposa, que provavelmente está tendo um ataque de histeria, agora. Eles me asseguraram de que não querem ferir ninguém, só querem o dinheiro. Você tem que ficar aqui até a hora normal da abertura do banco, e então ir cuidar dos seus afazeres. Quando a fechadura de tempo se abrir, eles pegarão o dinheiro e partirão. Eu irei com eles. Apenas, não faça nada que possa interferir com eles, e tudo correrá bem.

— Meu Deus! — fez Robert Biggers.

— Não é totalmente inusitado — disse Harry Burrell. — Estou nesse negócio há trinta e seis anos. Já fui assaltado, esta é a quarta vez. Pela minha experiência, posso dizer que essas pessoas geralmente dizem a verdade. Eles querem o dinheiro. Não querem nos ferir. Se nos pudermos manter calmos, estaremos bem.

— Nada disso está acontecendo... — tentou Robert Biggers.

— Temo que esteja. Apenas fique calmo e tudo correrá bem. Agora, tenho alguma coisa para você fazer. Poderá dar conta disso?

— É claro!

— Saia pela frente. Quando o resto do pessoal chegar, deixe-os entrar. Feche a porta todas as vezes. Leve-os ao vestiário e explique o que está acontecendo, e que é para eles não fazerem nada que possa pôr alguém em perigo. Tendo sempre em mente que a minha esposa está sob a mira de uma arma, em casa. Poderia fazer isso?

Um dos homens falou: — Apenas mantenha todo o mundo calmo e quietinho. Nenhuma comoção, nem alarme, nem nada. Eis o que ele

quer que você faça.

— Posso fazer isso — assentiu Robert Biggers.

— Ótimo! — disse Harry Burrell. — Vá em frente agora, e lembre-se, estou contando com você.

Robert Biggers sentou-se em sua escrivaninha e não deu sinais de que iria trabalhar. Sua mente corria furiosamente, sem direção aparente. Enquanto os três caixas chegavam, ele os deixou entrar e deu a mesma explicação para cada um deles: — Estamos sendo assaltados. Eles estão esperando que o cofre de tempo abra. Não façam nenhum barulho, nem nada. Há outro homem com a senhora Burrell, esperando. — E lhes indicou o vestiário.

Nancy Williams foi a única que não reagiu com calma. Ela tinha dezenove anos, recém-saída do colégio no mês anterior de junho. Seus olhos se arregalaram bastante. — Você está brincando comigo! — disse.

— Não!

— Eles estão realmente aqui? — perguntou ela.

Eles estavam no corredor, perto do armário de roupas. Um dos homens armados tinha se aproximado, enquanto eles estiveram conversando. Nancy Williams se virou e encarou o revólver preto. — Oh, meu Deus! — exclamou.

Robert Biggers sentiu uma onda de um raivoso sentimento protetor. Em três quintas-feira à noite, depois do fechamento do banco às oito horas, ele tinha levado Nancy Williams jantar no Post House. Tinha pedido vários drinques para ela. Depois a tinha levado ao drive-in Lantern Lodge, e a despira, e fodeu até o cu fazer bico. Ela era jovem e de carne firme, e seus mamilos endureciam rapidamente com beliscões. — Ei! — disse ele.

— Vá trabalhar, benzinho — disse o homem. Ele gesticulou novamente com a arma. — Você também, Gene Autry. Não fique incomodado com esse rebuliço no armário de paletós.

Nancy Williams hesitou, e então andou na direção dos guichês.

— Lindo pedaço de bunda — voltou o homem. — Está papando alguma coisa daquilo?

Robert Biggers olhou-o fixamente.

— Olhe, — prosseguiu o homem — não me importo com o que você esteja fazendo. Estava apenas perguntando. Agora, vá até aquele

diabo de escrivaninha e meta-se com seus próprios e malditos negócios. Ande!

Robert Biggers voltou a sua escrivaninha.

Às oito e cinquenta e dois, a fechadura de tempo se soltou. Harry Burrell e os outros dois homens saíram do escritório dele. Um deles permanecia com um revólver apontado para o Sr. Burrell. Os outros dois enfiaram suas armas nos cintos, e tiraram sacos de plástico verdes de seus casacos. Eles entraram na caixa-forte. Num instante, um deles emergiu com dois sacos bojudos. Ele entrou novamente. Em poucos minutos, ambos os homens saíram.

— Posso ter um minuto da vossa atenção? — disse o Sr. Burrell. — Vou sair agora, com esses homens. Vamos até a minha casa. Vamos apanhar o homem que ainda está lá. Então, irei com eles. Serei libertado quando eles acharem que estão seguros. Por minha causa, não façam nada até às dez horas. Mantenham as persianas fechadas até às nove e quinze. Então, deixem as pessoas entrar, e façam o melhor que puderem para parecerem calmos, e que tudo está correndo bem. Se alguém quiser levar uma quantia grande, digam-lhe que a fechadura de tempo está travada, e que fui buscar assistência. Está claro?

Os caixas assentiram.

O Sr. Burrell e o homem que o acompanhava saíram pela porta de trás. Os outros dois ficaram no cofre. Tinham tirado as armas outra vez. Um deles colocou-a no cinto, o outro segurou-a em sua mão direita. Cada um deles se curvou ligeiramente, para pegar os sacos de plástico verdes.

Robert Biggers moveu lentamente o pé esquerdo debaixo da escrivaninha, e atingiu o botão de alarme. Seu rosto se relaxou enquanto ele o fazia. Era um alarme silencioso. Tocava somente na delegacia.

O homem com a arma na mão disse: — O que você fez?

Robert Biggers olhou para ele.

— Eu perguntei o que você fez — insistiu o homem.

Biggers olhou-o fixamente.

— Você acionou esse alarme fodido — gritou o homem. — Seu estúpido fodido!

— Não acionei!

— Seu bastardo mentiroso! — xingou o homem. O revólver preto subiu lentamente. — Eu lhe disse para não fazer isso. E você o fez. Seu fodido estúpido!

O revólver escoiceou fortemente para trás contra o braço direito dobrado do homem. Enquanto escoiceava, Biggers estava saindo de sua cadeira para protestar. A bala pegou-o na barriga, e ele cambaleou para trás, na direção da cadeira. A segunda bala atingiu-o bem à direita do centro de seu tórax, e o fez tombar sobre o braço direito de sua cadeira, com o olhar surpreso, inocente, e protestador ainda em seu rosto.

— O resto de vocês, filhos da puta — gritou o homem. — Entrem naquela fodida caixa-forte!

Os caixas começaram a andar com dificuldade. Nancy Williams tinha uma expressão perplexa em seu rosto.

— Entrem na fodida caixa-forte! — repetiu o homem. Acenou para eles na sua direção. Ele bateu a porta atrás deles e girou a roda do fecho. — Vamos! — disse.

O segundo homem estava já a meio caminho do corredor, na direção da porta de trás, carregando todos os três sacos de dinheiro. Na área comercial do banco, Robert L. Biggers sangrava sobre o braço da cadeira, com o sangue gotejando lentamente sobre o tapete dourado e alaranjado, o olhar de uma inocência pasmada e protestadora cavando suas feições.

No estacionamento, os dois homens arremessaram os sacos de dinheiro para dentro de um sedan Plymouth branco. Num sedan Pontiac verde, o primeiro homem se sentou com Harry Burrell. O homem que tinha atirado em Biggers gritava: — Bingo! Pelo amor de Cristo, Bingo!

O primeiro homem ergueu o revólver e atingiu Harry Burrell na base do crânio com o cano. Burrell vergou-se para o lado esquerdo do banco de trás. O homem tirou fora a máscara, abrindo a porta enquanto o fazia. — Eu o pegarei — disse ele. — No mesmo lugar. Vá!

Os outros dois homens estavam dando marcha-à-ré no Plymouth. Este saiu rapidamente do estacionamento, mas sem cantar os pneus. Quando ele atingiu o estacionamento da frente do banco, já estava rodando com bastante velocidade, mas não de forma suspeita. Cada um de seus ocupantes tinha tirado sua meia de náilon.

O Pontiac verde saiu da parte traseira do banco, e serpenteou através do estacionamento. Ele seguiu na direção leste, na direção oposta à tomada pelo outro carro.

CAPÍTULO 21

A recepcionista falava desculpando-se. — Eu lhe perguntei o nome, Sr. Foley, e ele não quis me dar.

Foley disse que estava bem e apanhou o telefone.

— Foley — disse ele.

— Aqui é Eddie — disse a voz. — Sei que você está ocupado e tudo o mais, mas estava imaginando o que teria acontecido. Conseguiu agarrá-lo?

— Sim. Eu ia tentar entrar em contato com você, depois achei que seria melhor se não o fizesse. Sim, correu tudo bem, simplesmente ótimo. Ele tinha cinco M-dezesseis, exatamente como você disse.

— OK! — fez Eddie. — Estou contente em ouvir isso. Ele vai ser acusado, e toda essa coisa?

— Acho que sim.

— Ótimo. E isso é o suficiente?

— Para que? — perguntou Foley.

— Você disse que precisava uma razão. Aquele dia em que o vi, nós conversamos sobre aquele caso de New Hampshire, e você me disse que precisava de um motivo. Agora, irá comigo até lá, e dirá que sou um sujeito muito legal?

— Você quer dizer aquela coisa do caminhão — disse Foley. — A bebida.

— Ei, Dave, não me venha com essa, OK? Você sabe o que quero dizer. Vai fazer tudo aquilo por mim?

— Eu já fiz a ligação — atalhou Foley. — Liguei para o Procurador dos Estados Unidos daquele setor, e lhe disse que você foi que nos

permitiu fazer uma importante detenção, e que, como resultado de sua cooperação, confiscamos cinco metralhadoras militares roubadas, e prendemos um conhecido negociante de armas roubadas. OK?

— Espero que sim. Acha que funcionará?

— Não sei. É um pouco mesquinho, aquele sujeito. Eu fiz tudo aquilo, e lhe perguntei o que pensava a respeito, e ele me respondeu: — Bem, é um começo, de qualquer modo.

— Que significa isso? — quis saber Eddie.

— Eu lhe contei que não poderíamos ter cuidado do caso sem você, e ele disse: "Muito bem. Agora, ele está trabalhando em mais alguma coisa para você? Eu gostaria mais, se ele estivesse cuidando de algo mais para você."

— Algo mais? Ele não está satisfeito?

— Não sei se está satisfeito ou não — confirmou Foley. Estou lhe contando o que ele disse. Disse que preferiria que você estivesse fazendo mais alguma coisa por nós. Você sabe como é, uma coisa é negociar um cara por outro, mas quando você já tem o outro do mesmo lado, isso vai lhe proporcionar mais outras chances, bem, você tem mais coisas para fazer, isso é tudo. Suponho que era isso que ele tinha em mente.

— Merda! — exclamou Eddie.

— Ei, veja, eu não culpo o cara. Ele está num distrito diferente, sabe? Os homens dele o agarraram, e com a mão na massa. E você não fez nenhuma apelação a ele, e o negócio foi até o julgamento sem que você recebesse a taça de vencedor, simplesmente porque não quis fazer nenhum jogo com ele.

— Ele queria que eu delatasse os outros caras que roubaram a mercadoria — desculpou-se Eddie.

— Bem, eu sei disso. Não pode culpá-lo por isso, pode? E não lhe contaria nada. Assim, ele o condenou e agora o tem na palma da mão, e então alguém de outro distrito liga para ele e diz: "Coyle me fez um favor. Solte-o." É muito natural que o homem diga somente: "Bem, isso é muito bom, mas o que ele fez por mim? Ainda não tenho os caras que roubaram a bebida. Porque deveria eu fazer favores para um sujeito que não me está fazendo nenhum?" E o que posso dizer quanto a isso? Eu me sentiria da mesma maneira, se recebesse uma chamada de New Hampshire, e alguém me dissesse

que Jackie Brown fez alguma coisa por ele. Legal. Mas o que Jackie Brown tem feito por mim?

— O garoto está fazendo alguma coisa por você? — interrogou Eddie.

— Vamos encarar a coisa dessa forma. Acho que ele está me dando algumas indicações para serem realmente meditadas. Eu lhe dei a entender isso, ele estava pensando num período de cinco anos, mas nós poderíamos ser forçados a passá-lo para o Estado, mesmo que não quiséssemos, e se o fizéssemos, bem, se o Estado o agarrar com uma metralhadora, é a sua vida, e ainda mais dois anos. Ele me perguntou quanto pegaria, se fosse condenado por uma corte federal, e eu maneirei com ele, disse que dependia do juiz, provavelmente algo dentro de um mínimo de dois anos até cinco anos, nesse intervalo. Então, até lá será impugnado e colocado sob fiança, e daí para a frente; então entramos no elevador, e ele diz: "OK, ainda o verei, acho. Onde pego o meu carro de volta?" Dei-lhe uma olhada, e então as más novas: "Você não vai recebê-lo de volta, Jackie", digo. "Aquele carro é um veículo usado para se cometer um crime, transportar contrabando. Foi confiscado pelos Estados Unidos da América." Ele me olha como se não pudesse acreditar, e diz que pagou quatro mil dólares pelo carro, então lhe digo: "Olhe, sei como se sente. Mas não temos nenhuma escolha. O carro já era, e pode começar a se acostumar com isso. Ele será colocado a serviço do governo. Dê-lhe um beijo de despedida." Assim, ele me olha, e lhe digo mais alguma coisa: "O cara que tinha o Charger que estou dirigindo, ele sentiu a mesma coisa. É uma coisa dura, mas é assim." Aí, ele sabe que não estou brincando. Eu não ficaria surpreso se ele aparecesse.

— Olhe, — disse Coyle — não posso lhe dar os caras que ele quer, em New Hampshire. Você tem que ligar para ele e lhe explicar tudo. Se o fizer, estarei morto, é tudo o que sei. Ele não pode me pedir para sair por aí, e cometer suicídio por causa dele.

— Ele não está lhe pedindo nada. Nem lhe pediu Jackie Brown. Foi idéia sua. É você que está pedindo alguma coisa.

— Foi você quem disse isso — cortou Coyle. — Disse que tinha de haver uma razão. Então, eu lhe dei a razão.

— Correto. Eu disse que não faria qualquer chamada para você, antes que fizesse algo por mim, e eu cumpri a palavra, fiz a ligação exatamente conforme o nosso trato. Mas o homem para quem liguei

nunca esteve dentro desse negócio. Ele não disse que iria até o juiz, se você nos conseguisse uma prisão. Nem sabia uma só maldita coisa sobre o assunto. Eu nunca disse que ele sabia. Você nos dedou Jackie, de modo que eu teria de fazer uma chamada para você, e a fiz. Sei que não está satisfeito com o resultado da chamada, mas não posso evitar isso, Eddie. Você é um garoto crescido, agora.

— Então, agora tenho que fazer alguma coisa para ele. E como, porra, posso fazer isso? Nunca fico lá em New Hampshire, não sei de nada que esteja acontecendo lá.

— Você sabia a respeito da bebida — interrompeu Foley. — Sabia e não quis contar. Você é um cara durão. Os caras duros acabam na cadeia, na maioria das jurisdições que conheço.

— Eu não poderia lhe contar a respeito da bebida. Eles teriam me matado. Ele devia ser capaz de entender isso.

— E provavelmente o entende. De qualquer forma, não está dizendo, nem lhe disse que você tinha que lhe contar sobre a bebida. Disse que seria melhor se ele pudesse ir até o juiz, dizer que você é um sujeito que realizou um ótimo serviço para o Títio, e que está trabalhando em alguns outros. Então, ele se sentiria melhor a esse respeito, pois isso mostraria que você se reabilitou, que não estava somente nos dando um resgate por algum tempo na cadeia. O que ele quer é alguma coisa desse gênero, segundo eu penso.

— Está me dizendo que eu tenho de me tornar um dedo-duro permanente? — perguntou Eddie. — Um maldito e permanente delator?

— Não estou lhe dizendo nada parecido. Não tem que fazer nada que não queira fazer, a não ser uma coisa: terá de estar numa corte distrital federal, em New Hampshire, dentro de três semanas, para uma audiência sob a acusação de roubar mercadorias. É isso que você tem que fazer. Se não o fizer, eles expedirão uma ordem de prisão, e a polícia o agarrará e levará em cana. Mas isso é a única coisa que terá de fazer. Tudo o mais, será porque você quer.

— Isso não está certo — protestou Eddie. — Você me embrulhou.

— Olhe, Eddie, vá até algum lugar, peça um copo de cerveja e tenha uma longa conversa consigo mesmo. O único fodido Eddie Coyle é Eddie Coyle. Você queria uma chamada. Deu-me um serviço, para que eu a fizesse. E teve a sua chamada. Se quiser alguma coisa mais, comece a pensar sobre como consegui-la. Sabe

onde me encontrar. Se não quiser me encontrar, também estará tudo certo. Nada de ressentimentos. Está tudo legal entre nós. Eu posso certamente entender um homem que não queira estrepar seus amigos. Conheço isso. Você tem de compreender a posição na qual estou. Tudo que posso fazer por você é aquilo que prometi, e já o fiz. O que fizer agora, dependerá inteiramente de você.

— Eu deveria ter sabido melhor, antes de confiar num tira — resmungou Eddie. — Até minha maldita mãe poderia me ter dito isso.

— Todo o mundo deveria escutar à própria mãe — disse Foley. — Sabe onde me encontrar, se quiser falar.

CAPÍTULO 22

O cabo Vardenais, da Polícia Estadual de Massachusetts, estava tomando café às duas horas da manhã, na lanchonete da Eastern Airlines, no Aeroporto Logan. Escorado diante dele, estava um exemplar do JOURNAL. Ele estava lendo a estória do cabeçário: "O SEGUNDO BANQUEIRO MORRE DE FERIMENTOS, NO ASSALTO DE W. MARSHFIELD". A estória dizia que o Gerente Regional Harold W. Burrell tinha morrido de uma fratura no crânio, três dias antes, quando fora atingido por uma pistola, durante o roubo de sessenta e oito mil dólares. Mencionava que Robert L. Biggers fora morto a tiros.

Wanda Emmett, usando seu uniforme da Nordeste, sentou-se no banco ao lado do Cabo Vardenais.

— Você diz alô aos amigos, depois que foi promovido, Roge? — perguntou ela.

— Olá, Wanda! — disse ele. — Como está se virando com eles?

— Nada mau — disse ela. — Nada bom. Você sabe.

— Está chegando ou saindo?

— Acabo de chegar — disse ela. — Tenho um vôo para Miami, agora. Saí ontem, estou voltando hoje.

— Boa viagem? — perguntou ele.

— Você sabe, não há muitos negócios nessa época do ano. Eu gosto desse jeito, mas então começo a pensar como será daqui a um mês mais ou menos, com o avião completamente cheio, crianças gritando, mulheres sempre querendo alguma coisa. Eu fico tão deprimida pensando nisso, da mesma maneira que fico quando realmente acontece. Gozado, não é?

— Que está fazendo por aqui? — perguntou Vardenais.

— Deixei o meu carro aqui. Cheguei tarde e, quando saí, o estacionamento estava cheio. Então deixei-o aqui.

— Eu não pensaria que você dirige — disse Vardenais. — Deve ser mais simples tomar um táxi, penso eu.

— Oh, eu não moro mais lá na Rua Beacon. Mudei para outro lugar.

— Como é?

— Bem, — disse ela — tive uma oferta melhor. Pelo menos, pensei que era a melhor oferta no momento. Eu estava farta de Susie e de seus malditos enroladores de cabelo, então ouvi sobre esse outro lugar, e me mudei.

— Onde está morando agora?

— Você não vai acreditar. Lá em Orange. Estou morando em Orange.

— Deus! — exclamou Vardenais. — É um diabo de caminhada até lá. A que distância está, umas três horas de carro?

— Um par de horas. Estava pensando, seria bom para se esquiar e tudo. Não foi uma idéia muito boa.

— Você tem apartamento lá?

— Casa-reboque — corrigiu ela. — Moro numa casa-reboque.

— Como vão as coisas? Eu estava pensando, recebi a minha notificação de imposto na semana passada, e pensei que talvez poderia entrar dentro duma dessas coisas. Elas funcionam bem?

— Não poderia fazê-lo. Você tem quantos, dois filhos? Isso deixaria sua esposa biruta. Quero dizer, lá há somente duas pessoas, e mesmo assim está horrivelmente apertado. Não acho que você conseguiria fazê-lo. Não há nenhum lugar para se colocar nada, sabe? E não se pode ter nenhuma intimidade em absoluto. Não iria gostar disso.

— Acho que não — concordou ele. — Jesus, mesmo assim seu coração se rompe, quando recebe aquele aviso de imposto. Comecei a pensar, está me custando mais ou menos dois ou três dólares por dia, somente para viver naquela cidade.

— Ei, Roge, ainda somos amigos agora, não?

— Lógico.

— Bem, — disse ela — vou lhe dizer porque estou perguntando. Se eu fosse lhe contar alguma coisa, como amiga e tudo o mais, você

poderia manter meu nome fora disso, sabe?

— Certo. Poderia ao menos tentar, de qualquer modo.

— Uh, Uh! — fez ela. — Tentar não é o suficiente. Você terá que realmente manter meu nome fora disso. De outro modo, não lhe contarei.

— OK, seu nome está fora disso.

Wanda abriu a bolsa e tirou um talão de cheques verde-claro. Na capa dizia: Primeira Companhia de Poupanças e Empréstimos da Flórida.

— Vê isso? — perguntou ela.

— Sim.

— Fiz um depósito ontem mesmo. Abri a conta. Quinhentos dólares.

— Sim.

Wanda abriu novamente a bolsa. Tirou um pacote de talões, verdes, azuis, castanhos, e verdes, presos com uma borracha grossa. — O mesmo com estes aqui — disse ela. — Fiz um depósito em todos eles ontem, também.

— Todos, bancos da Flórida — notou ele.

— Tudo Flórida. Há duas semanas atrás, fui até Nassau numa viagem da companhia. Abri algumas contas bancárias lá, também. E tenho mais talões de cheques em Orange, ainda.

— Quantos você tem, no total?

— Acho que perto de uns trinta e cinco, agora — respondeu ela. — Uns trinta e cinco, talvez quarenta.

— Quanto dinheiro nelas?

— Bem, de antemão eu diria mais ou menos quarenta e cinco mil dólares. Por aí, uma coisa assim.

— É um bocado de dinheiro nas mãos de uma garota que trabalha — ponderou Vardenais.

— Certamente que é. E o gozado da coisa, é que foi tudo em dinheiro vivo. Nada maior que notas de cinquenta.

— Acho que estou na profissão errada — gozou Vardenais. — A última vez que vi um documento bancário com meu nome, dizia alguma coisa a respeito de uma hipoteca. Eu não sabia que existia alguém que realmente pudesse colocar o dinheiro fora de seu alcance. Pensei que dinheiro fosse para se pagar coisas.

— Eu não disse que o meu nome estava em algum deles.

— De quem é o nome? Acha que o reconheceria, se o ouvisse? — perguntou ele.

— Há mais do que um nome. Não creio que você reconheceria qualquer um deles. Veja, eu conheço o cara que os tirou, e não acredito que aqueles nomes sejam de pessoas realmente existentes, sabe? Acho que todas são apenas ele.

— Deve ser um sujeito bem abonado.

— Teria escondido isso muito bem, se o fosse — disse ela. — E é certo que eu não saberia nada a esse respeito, se realmente fosse.

— Ele tem algum tio rico que morreu, e lhe deixou algum dinheiro?

— Três tios ricos, e todos morreram este mês ou coisa assim.

— Não é engraçado? — motejou Vardenais.

— Não é mesmo? Acho que há outro que está com a saúde bem ruim, também.

— Todos eles estavam no ramo bancário?

— Ele não me conta muito a respeito deles. A única coisa que sei é que ele se levanta de manhã muito cedo, sai, e então volta à tarde, talvez, e muito excitado. Daí bebe, digamos oito ou nove scotches, fica folheando os jornais muito interessado, e assiste televisão. Lá pela hora da ceia, sempre está com dor de cabeça, de modo que não consegue dirigir, e eu tenho que sair e pegar os jornais. Ah, sim, ele tem um daqueles rádios grandes, com oito faixas de ondas, e aquilo pega, você sabe, todas as espécies de freqüências, ondas curtas, aviões, e o que mais, comunicações policiais. É isso, chamados policiais. Quando sai para visitar um de seus tios, ele leva aquele rádio com ele no carro, e quando volta, traz o rádio para dentro, e o escuta durante toda a noite, também. Mas, de qualquer modo, isso é quando eu sei que um de seus tios não está se sentindo bem, e ele esteve fora visitando-o.

— Alguém mais vai com ele? — quis saber Vardenais.

— Não que eu saiba. Algumas vezes, há um homem que vem vê-lo, eles conversam, e o homem deixa um saco de papel terrivelmente pesado, como se tivesse alguma coisa feita de metal dentro. Isso aconteceu uma vez. Foi logo antes de morrer um de seus tios, também. Ele fica muito tenso, quando acha que um de seus tios está ficando doente. Não há nenhum telefone na casa-reboque, sabe? E quando ele acha que um dos tios está piorando, sempre sai por

alguns instantes, para fazer algumas chamadas.

— Para saber sobre a sua saúde.

— Suponho que sim — disse ela. — Então, uns poucos dias depois, ele me dá estes envelopes, esses brancos, comuns, e me pede para levá-los, e me dá a lista de nomes que eu acho que ele inventou, e eu tenho de passar toda a minha folga correndo para lá e para cá na Flórida, abrindo contas bancárias.

— Quanto tempo acha que vai levar agora, antes que aquele que está doente no momento vá para o outro mundo? — inquiriu Vardenais.

— É difícil de dizer. Um deles acaba de morrer, anteontem. Gozado, mas eles geralmente não morrem juntos. Parece-me mais que morrem com uma semana de diferença, e eles sempre adoecem, como já lhe disse, de manhã bem cedo, e ele tem de ir vê-los. Eu não ficaria surpresa se um dos que estão ainda vivos, apitasse na próxima semana. Mas se eu fosse aquele tio, não faria planos para além de, digamos, terça-feira de manhã.

— Você teria alguma idéia de onde mora aquele que ainda está vivo, teria?

— Eu lhe direi — continuou ela. — Estava em casa um dia desses, e esse cara a quem ele chama de Arthur aparece, mas eu estava no banheiro no momento, e ele próprio atendeu à porta, o que geralmente não faz. Acho que imagina que, uma vez que sou aeromoça, deveria ficar em condições de atender todo o mundo que aparece, pronta para tudo. De qualquer modo, está com uma disposição bem má. Estava espumando por causa de alguma coisa, pude perceber pelo fato de estar se esquecendo de como eu fui boa para com ele, e como usei todas as minhas folgas correndo por aí, cuidando de suas contas bancárias, e mesmo assim ele me bateu um par de vezes, por eu ter dito alguma coisa que ele não gostou. Assim, eu estava no banheiro arrumando meu cabelo, e esse Arthur entrou; não pude ouvir tudo o que estavam dizendo, mas Arthur estava todo agitado, também. Então eles ficam conversando, isso e aquilo, com as vozes bem baixas, e Arthur diz: “Bem, o que isso vai causar para Lynn?” E o meu amiguinho lá disse: “Bem, não tem nada a ver com Lynn, isso é tudo.” E o que eles têm que fazer, tudo o que têm que fazer, é se certificarem de que Fritzie não saia meio descoberto novamente, é só. Eles o levarão ao Whelan e deixarão Donnie no banco, desta vez, porque ninguém ainda bolou coisa

alguma, e eles podem acabar o que começaram. Então o meu amigo diz: “E abaixe essa maldita voz, sabe? Ela está lá dentro. Você sabe que não se pode confiar em mulher alguma.”

— Então você pensa que esse outro tio mora em Lynn — voltou Vardenais. — Tem alguma idéia do local exato?

— Realmente não sei. Isso foi tudo que ouvi, o que lhe contei.

— Acha que poderia descobrir em que lugar de Lynn, e me fazer uma ligação?

— Não. Realmente acho que não. Como já disse, eles não falam muito na minha frente, a não ser pelo fato de que meu amigo gosta de falar sobre como ele me fode aos seus amigos; ele faz isso, e acha certo falar sobre isso. Quanto ao mais, eles geralmente me deixam fora dos assuntos, sabe?

— Sim — fez Vardenais. — Bem, eu aprecio isso, Wanda.

— Muito bem. Ei, meu nome fica fora disso, certo? Nada de talvez, agora, porque eu poderia me machucar.

— Certo. Ei, é sobre Jimmy que estávamos falando, o tal que tem todos aqueles tios, certo?

— No momento, não consigo me lembrar de seu nome — disse ela.
— Provavelmente me virá à cabeça, no entanto.

— Obrigado, Wanda.

— Não tem de que, Roge. Você sempre foi um sujeito muito bacana.

CAPÍTULO 23

Dillon dizia que não estava certo de que Foley se interessaria pelo que ele tinha. — Pensei sobre isso um pouco — disse ele. — Não gostaria de tomar o tempo de um homem, por causa de algo que talvez não fosse tão importante, quero dizer, você tem mais o que fazer e tudo o mais. Então pensei, bem, deixemos ele decidir por si próprio, se não for importante, OK, mas pode ser que seja, sabe? Assim, estou satisfeito por ter vindo.

Eles estavam em frente do Waldorf, de frente para o Jardim Público. Do outro lado da intersecção das Ruas Arlington e Boylston, havia um afinador de órgãos, com uma placa na qual pedia serviço em festas e acontecimentos sociais. As pessoas bem vestidas o evitavam, enquanto saíam do Shreve's; um homem roliço, numa jaqueta de tweed, estava de pé no ar gélido e cinzento, com um sorriso estulto no rosto.

— Quer entrar para tomar um café? — perguntou Foley.

— Acho que não — disse Dillon. — Estive tendo alguns problemas com meu estômago, e acho que provavelmente é todo esse café que tenho tomado. Eu deixo um bule lá atrás do balcão, sabe, de modo que enquanto estou vendendo bebida para as pessoas, vou tomando uns goles o tempo todo. Geralmente engulo dois bules e meio por dia, e acho que provavelmente isso é demais. Sinto como se estivesse querendo vomitar, sabe?

Na rua, do outro lado do afinador de órgãos, vários rapazes e garotas, com cabelos extremamente compridos, estavam espalhados pelos arredores, usando casacos do Exército. Uns poucos se sentavam nos degraus da Igreja da Rua Arlington. De cada lado da mesma rua, havia um jovem alto vendendo jornais.

— Poderíamos tomar algum chá — sugeriu Foley.

— Não, obrigado — disse Dillon. — Odeio chá. Minha velha, quando eu estava casado, estava sempre virando algum chá. Não posso suportar a droga. Se fosse beber alguma coisa, seria café, você sabe. Vou tomar um copo de leitello, quando chegar a algum lugar, e isso far-me-á sentir-me melhor.

O jovem alto que estava na Rua Arlington, do lado do Jardim Público, andava até o meio-fio cada vez que as luzes do trânsito faziam parar um grupo de carros. Ele andava no meio das filas, acenando com seus jornais e inclinando-se para olhar para dentro dos automóveis.

— Bem, que porra ele está vendendo? — perguntou Dillon. — É aquela publicação que foi suspensa?

— Provavelmente é o The Phoenix — opinou Foley. — Eu passei por aqui a outra noite, e era esse jornal que ele tinha.

— Que jornal é esse? É um que prenderam as pessoas que estavam vendendo?

— Acho que não. Creio que aquele era outro. Não sei que coisa é aquela. Não comprei nenhum.

— Provavelmente vende uns dois por dia — disse Dillon. — Que diabos ele está tentando provar, afinal de contas?

— Olhe, é alguma coisa para se fazer.

— Sim, alguma coisa para fazer — repetiu Dillon. — Loucos bastardos, eles podiam ir trabalhar, sabe, se querem algo para fazer. Um sujeito assim entrou lá um dia desses, e trazia um deles, Trepada era o nome da coisa. Sabe o que havia lá dentro?

— Desenhos pornográficos — arriscou Foley.

— Tudo! Cristo, tinha uma gravura lá, aparentemente era um cara enrabando a si próprio. Ele está num parque, sobre a neve, com os olhos ardentes e bunda de fora, e seu grande pau balançando. Com um grande sorriso no rosto. Imagine como é.

— Provavelmente, ele estava quente.

— Sim, — concordou Dillon — provavelmente é isso. Um amigo meu tem uma livraria lá em baixo, sabe? Acho que ele vende gravuras de pornografia. E vende. Contou-me, no entanto, que faz bons negócios vendendo fotos de rapazes, também, rapazes com pintos grandes. Então lhe perguntei quem os compra, e ele me disse

que são os mesmos caras que compram a mercadoria normal, aquelas de garotas.

— É um mundo bem gozado! — fez Foley.

— Quanto mais tempo fico nele, mais gozado se torna. Eu não pensaria que pudessem trazer esse tipo de muamba para dentro do país, sabe? Porque diabos os seus caras não param de dar em cima dos outros, incomodando pessoas que estão metidas em seus próprios negócios, e não impedem um pouco dessa porcaria que está entrando em moda?

— Ei, você não está me metendo nesse rolo, não? Isso é com o Correio, ou a Delegacia de Costumes, ou coisa que o valha. Não quero nada com essa merda. Além do mais, isso colocaria o seu amigo fora de atividade. Você não gostaria de fazer isso, não é?

— Dave, — voltou Dillon — tenho um forte pressentimento de que você não conseguiria pôr o meu amigo fora do seu negócio por qualquer motivo besta, sabe? Já conheço esse cara há uns seis anos, e nunca o vi ser detido, nem em qualquer espécie de barulho; ele sempre tem alguns dólares consigo, veste-se de maneira fodida de respeitável, sempre com camisa e gravata, e acho que esse é provavelmente o nono negócio que já abriu. Ele teve um bar durante algum tempo, então se meteu a fazer alguma coisa no ramo de espetáculos, eu o vi no ano passado na pista, ele tem um lindo Cadillac. No ano que passou, convidou-me a descer até New Orleans, lá no Super Boliche, e pagou toda a lista para mim, passagem de avião, entrada, tudo, e eu pergunto, o que quer de mim, e sabe o que ele disse? Assim: “Achei que você gostaria de ver o jogo, é só.” E realmente era. Um sujeito genuinamente bom.

— O que ele está fazendo vendendo gravuras pornográficas, então? — perguntou Foley.

— Bem, aí é que está. Eu lhe perguntei e ele disse: “Ei, o pessoal quer comprar o troço! Pensa que me incomodo com o que deixa um rapaz ligado? Isso é problema dele. Ele deseja comprar alguma coisa, quem diabos sou eu para lhe dizer que não pode? Hein? Acontece que eu gosto de outras coisas, e isso é problema meu, nunca vi alguma das pessoas que compram essas coisas dar as caras, e dizer que não posso fazer as coisas que gosto, assim, onde está o problema?” Eu lhe pergunto, você não acha que talvez os sujeitos que comprem isso saiam por aí, atrás de garotinhos, e ele me diz: “Não, acho que vão para a casa e batem uma punheta por causa

delas, é isso que eu acho." De modo que como se pode saber, com uma coisa dessas? Eu não consigo imaginar.

— Ei, olhe, o que está acontecendo, por falar nisso?

— Ah, sim — fez Dillon. — Bem, não sei se estou realmente por dentro, sabe? Mas havia uma coisa, bem, está lembrado de quando estávamos conversando a respeito de Eddie Dedos, a última vez que o vi?

— Ele estava recebendo uma porção de ligações telefônicas.

— Sim. De Jimmy Scal.

— E estava completamente descontrolado — prosseguiu Foley.

— Totalmente descontrolado. Aprontando mil e uma.

— Sei.

— Bem, agora vejo que ele conseguiu bastante dinheiro — disse Dillon. — Isso não é normal para ele. Geralmente, vira-se muito bem, e sempre parece ter alguns dólares, mas agora ele tem uma bolada em dinheiro.

— Quanto mais ou menos?

— Bem, não poderia lhe dizer exatamente. Apenas dei uma olhada de relance no maço, sabe? Mas havia umas notas grandonas lá no meio, e eu diria que provavelmente ele tem alguns milhares de dólares ali, pelo menos.

— Como aconteceu que você os viu? — quis saber Foley.

— Ele estava lá uma dessas noites. Pediu um drinque e uma cerveja; apareceu às sete ou sete e meia, que é outra coisa pouco comum para ele, sabe? Ou ele vem à tarde, ou ninguém o vê até bem à noitinha. Mas dessa vez entrou logo após o jantar, pediu algo, eu o servi, e ele se sentou aqui, lendo o Sete Corridas e tudo o mais; não quer puxar nenhuma conversa, e então entra aquele outro cara, depois de passar pouco tempo.

— Conhece o outro cara? — perguntou Foley.

— Bem, digamos que conheço — assentiu Dillon. — Eu o reconheceria se tivesse de vê-lo outra vez, certo? Mas acontece que não me lembro de seu nome no momento, se for o mesmo para você. Eu preferiria deixá-lo fora disso, se puder.

— OK.

— Então esse outro sujeito entrou e ficou com Eddie, e eles se levantam do balcão e vão se sentar numa mesinha, sabe? Daí eles

ficam lá conversando, e eu vejo que o outro não tem nada na sua frente, apesar de seu crédito estar positivo, então preparo um pouco de bourbon com gelo, Wild Turkey, e um Budweiser, e vou até lá e coloco o drinque na frente do outro camarada. E Eddie está com o mação de dinheiro, e o está colocando no bolso, e o outro cara está apanhando umas notas da mesa. Foi aí que vi tudo.

— Você não teria nenhuma idéia do que ele pode estar fazendo? — interrogou Foley.

— Ei, eu falei sério, o outro cara vai ficar fora disso!

— OK. Não estou atrás dele, estava apenas perguntando.

— Bem, não tem nada a ver com aquilo sobre o que estávamos conversando, é só — teimou Dillon. — Olhe, aqui entre nós dois, eu não ficaria surpreso se Eddie talvez estivesse comprando um aparelho de televisão, sabe? Uma televisão a cores. Mas isso é estritamente entre nós. Não estou incluindo ninguém nisso. O dinheiro é algo que você já está sabendo, muito bem. Mas o outro fulano não está incluído nisso.

— OK. E a respeito do dinheiro?

— Não sei. Como já disse, Eddie não é o tipo de cara que a gente espera ver com um monte de grana, sabe? Assim eu a vi, então pensei, bem, imaginei se não seria talvez algo que você deveria saber a respeito. Ele tem alguma queixa de você?

— Vamos encarar a coisa assim — propôs Foley. — Ele tem uma encrenca com os Estados Unidos, mas isso é de lá em New Hampshire, quando ele estava transportando bebidas ali. Assim, talvez seja algo comigo também, não sei.

— Pensei que tudo isso tinha acabado. E que ele tinha saído livre daquilo, quando voltou para lá; quando foi isso, o mês passado? Já faz algum tempo, de qualquer modo.

— Ele foi condenado — explicou Foley. — Mas vai ser sentenciado no mês que vem, segundo eu sei. Houve algum boato sobre um novo julgamento, ou coisa assim. Talvez seja mais cedo, não sei.

— Quanto ele poderia pegar por aquilo? Dá cadeia?

— Realmente, eu não sei muita coisa sobre o caso. Nós não temos autoridade sobre essa área, sabe? Suponho que haja a possibilidade de alguma cana. Simplesmente não sei. Acontece que ouvi alguém fazer menção do caso o outro dia, e é por isso que estava pensando sobre ele quando você disse aquilo, sabe?

— Eddie não gosta de cadeia — disse Dillon.

— Bem, pouquíssimos caras gostam. Conheço poucos que foram em cana uma vez ou outra, e não havia mais do que um ou dois deles que você pudesse dizer que realmente gostassem disso, sabe?

— Sim. Mas veja, ele deve saber de algo. Quero dizer, deve ter falado com alguém a respeito disso, não é? Deve ter alguma idéia.

— Suponho que sim — concordou Foley.

— Bem, agora eu imagino porque porra ele estaria comprando uma tevê a cores, já que provavelmente irá para a cadeia dentro de pouco tempo.

— Talvez um presentinho para a esposa — sugeriu Foley. — Para deixá-la feliz e em casa, enquanto ele estiver cumprindo a pena.

— Duvido um bocado disso — fez Dillon. — Conheço Eddie mais ou menos, e isso não é algo que ele faria. Não se dá tão bem assim com ela.

— Ele tem alguma amiguinha? Talvez seja um presente para ela.

— Necas. Tira suas casquinhas de vez em quando, mas nada de amiguinha. Não creio que ele pense muito sobre isso, a ponto de se aborrecer. Eles deixam você levar uma televisão para a cadeia, agora?

— Não deixam — respondeu Foley. — Não pelo que eu tenho ouvido.

— É, acho que não. Também não me lembro de qualquer coisa assim, quando estava lá dentro. Não, acho que Eddie pensa que provavelmente não irá para a cadeia, e fico imaginando porque ele acha isso.

— E eu imagino onde conseguiu o dinheiro. É isso que incomoda. Sempre achei que ele estava só de passagem. O que será que está fazendo para ganhar todo aquele dinheiro.

— Bem interessante, não é? — perguntou Dillon. — Eu lhe digo porque, pense sobre como um peixinho desses consegue um montão de dinheiro de repente, e eu ficarei pensando sobre como é possível que um homem com aquela ficha não ache que vai para a cadeia, por causa do caso das bebidas; talvez eu converse com outras pessoas e volte a falar consigo, está bem?

— Ótimo! — exclamou Foley. — Espero ouvir notícias suas.

CAPÍTULO 24

Estava clareando na estrada que ladeava o mar em Nahant, às seis e quinze da manhã de terça-feira, quando Fritzie Webber estacionou o Le Sabre azul. Scalisi apareceu atrás dele, num sedan Chevrolet castanho; Arthur Valantropo estava sentado no banco de trás do Chevrolet. Este soltava um vapor condensado pelo escapamento, no ar frio do começo de manhã, enquanto Webber trancava o Buick e entrava no outro carro.

— OK? — disse Scalisi. Ele estava usando um casaco de náilon verde, e tinha uma meia de náilon arregaçada até a cabeça. Na parte de trás, Arthur Valantropo estava desenrolando o tecido de outra meia sobre suas feições, o que as comprimia e transformava em algo estranho. Webber tirou uma meia do bolso da jaqueta. Ele assentiu.

— Nada de bicões atrás de você? — perguntou Valantropo.

— Nada que eu pudesse ver — respondeu Webber. — Em todo o caminho desde Fall River, estive sozinho na estrada. Se eles estiverem me observando, deve ser de um avião. E a respeito de Donnie, ele está OK?

— Nós o vimos sair da estrada lá atrás — disse Scalisi, levando o Chevrolet para a rua. — Ele levantou o polegar, assim acho que tudo está certo.

— Ótimo! — exclamou Webber, com a máscara agora cobrindo seu rosto. — Estou pensando porque porra o Dillon estava tão agitado.
— Ele se inclinou até debaixo do banco e puxou um saco de papel. Tirou uma Python magnum 357 de dentro dele, e soltou o tambor. Do bolso da jaqueta, tirou cinco balas e começou a carregar as câmaras.

— Ele estava preocupado com Coyle — disse Scalisi. — Acredito nele. Ele estava imaginando se talvez Coyle não nos estivesse negociando por aquela encrenca que está tendo lá em New Hampshire.

— Poderia bem estar — ponderou Valantropo.

O Chevrolet saiu do caminho beira-mar e entrou numa rua residencial. Casas enormes, construídas lá pela passagem do século, estavam situadas bem distantes da estrada, atrás de baixos muros de pedra ou sebes ainda verdes no fim de outono.

— Não tem jeito — opinou Scalisi. — Ele não sabia de nada. Não lhe contei nem um maldito detalhe. Tudo que ele soube é que nós queríamos algumas armas. Pelo que sabe, estamos usando-as para praticar o alvo.

— Isso foi antes que nós fizéssemos alguma coisa — insistiu Valantropo. — Depois que fizemos o primeiro serviço, ele ficou sabendo. Coyle não é estúpido, você sabe.

— Sei que não é — concordou Scalisi. — Também sei que tem uma mão torta por ser descuidado. Ele é muito esperto para se descuidar a esse respeito, novamente. Além disso, que aconteceria se ele estivesse tentando nos envolver, se estivesse tentando nos jogar para escanteio? O que poderia contar a eles? Poderia lhes contar o que fizemos, talvez, o que ele pensa que estivemos fazendo. Mas não sabe onde vamos estar tampouco, não até que estejamos no lugar. Eu digo, estou dizendo a vocês, não há simplesmente nenhuma maneira de Coyle nos tapear.

Scalisi rodou o volante do Chevrolet para entrar no caminho curvo que conduzia ao n.º 16 da Pelican Hill. Os pneus fizeram um som agudo ao contato com as pedras brancas. A uns cem metros de distância da rua, havia uma casa de três andares, com torres, padrões irregulares de cinza e branco, bem no caminho do vento do mar.

— Esse tal de Whelan está se arranjando muito bem — disse Webber. — Ele tem alguma criança que nós conheçamos?

— Cresceram e se mudaram — explicou Valantropo. — Apenas ele e a esposa. Ela é uma senhora agradável. Provavelmente lhe preparará algum café quente, enquanto você estiver nos esperando.

— Não gosto desse negócio de esperar — falou Webber. — Estou contente por esta ser a última vez. Fico nervoso ficando por aqui

desse jeito, sem saber o que está acontecendo.

— Você ficou nervoso no banco, também — Valantropo cortou. — É porisso que Donnie está lá e você aqui desta vez, ao invés do contrário.

— Ei, olhe — protestou Webber. — Eu não fui o único. Jimmy acertou aquele velhote com uma boa pancada, também, pelo que pude ler nos jornais, pelo menos.

— Ele devia ter um miolo muito mole — disse Scalisi. — Acertei poucos caras, quanto a mim, e bem mais forte do que aquilo, sem matá-los.

— Sim — concordou Valantropo. — E vamos nos lembrar que Jimmy teve de atingir o cara, pois você estragou o negócio ainda no banco. Eu lhe disse várias vezes, matar alguém é o modo mais seguro de se colocar um exército inteiro atrás de nós.

— Olhe, — protestou Webber — ele acionou aquele alarme fodido. Não foi? Nós o avisamos, nós dissemos: "Fique longe do alarme, ou vai se machucar." Nós lhe dissemos isso. Pelo amor de Cristo! É o que eu digo, eles não fazem o que você lhes pede, então você tem que fazer isso. Eu não me importo, acho que é isso que devemos fazer.

— Não quando você já pegou o dinheiro — interrompeu Valantropo. — Isso acontece quando você acaba de entrar, aí eu concordo com você, pois tem que se proteger. É claro. Mas quando está saindo, e já tem o dinheiro, não. Quando já está a meio caminho fora da porta, por Cristo, quero dizer, qual a vantagem disso? O que isso vai lhe arrumar, atirar quando já está saindo e eles acionaram o alarme, hein? Vai parar o alarme? Você talvez pensa que o alarme não dispara porque atirou no sujeito que o acionou? Não, isso apenas torna as coisas piores, e é só. Já não se tem mais tempo para escapar. Apenas deixa todo o mundo puto da vida, e eles começam a correr para lá e para cá, daí por diante. Não vale a pena, não vale a pena em absoluto. É o que lhe digo, nunca atire em ninguém, a não ser que isso possa ajudá-lo.

— Sim? — fez Webber. — Bem, eu não concordo com você.

O Chevrolet subiu lentamente o passeio e parou silenciosamente na garagem. Scalisi desligou a ignição bem devagar, como se aquilo diminuísse a mudança do nível do barulho.

— OK — disse Valantropo. — Você não concorda comigo. Foda-se e

faça o que eu mandar!

— Vocês dois aí, seus bastardos, calem-se e vamos trabalhar! — sussurrou Scalisi baixinho. — Estou farto de ouvi-los falando.

Eles saíram do carro bem lenta e cuidadosamente, fecharam cada porta com uma volta. A luz da manhã, olharam um para o outro através das meias de náilon. Então, cada um deles perscrutou a área. Andaram com muito cuidado sobre a pedra moída do passeio, e de lá para o gramado. Aproximaram-se da casa numa fila única, andando sobre a grama na beirada do passeio de pedra picada, com a crosta branca se derretendo e molhando suas alpargatas. Próximo à porta traseira da casa, Scalisi e Valantropo ficaram recuados seis ou sete passos atrás de Webber. Cada um deles tinha um revólver na mão. Webber passou o seu para a mão esquerda. Segurando-o na direção do céu, Webber tirou da manga uma fina espátula de metal, com cabo de madeira. Ele saiu da grama para o primeiro dos degraus que conduzia à porta de trás. Scalisi e Valantropo tomaram posição, fazendo ângulos com os degraus.

Webber rastejou até a porta gradeada, e olhou atentamente a área que circundava o puxador. Colocando a espátula nos dentes, ele tentou a maçaneta da porta. Ela se abriu lentamente, sem fazer ruído. Atrás da porta gradeada havia outra de madeira, com nove pequenas placas de vidro instaladas nela. Scalisi, segurando agora a porta gradeada com a mão esquerda, dobrou-se para a frente atrás de Webber, para olhar fixamente o batente perto do puxador.

— Que lhe parece? — disse Scalisi, sussurrando.

— Cilindro normal — respondeu Webber, também sussurrante. Ele se endireitou por um breve instante e espiou através do vidro.

— Fechadura de corrente? — voltou Scalisi.

— Não — murmurou Webber. Sua mão esquerda voltou e enfiou a Python no cinto, na altura do quadril. Dobrou-se novamente para a frente. Scalisi pôde ver a lâmina da espátula passando entre a beirada da porta e o batente. Ele ouviu um som metálico. E viu Webber exercer alguma pressão contra a porta. Silenciosamente, esta se abriu.

Valantropo estava nos degraus, agora. Deixando pegadas úmidas, eles penetraram pela entrada traseira. Na luz suave da manhã, eles roçaram em casacos pendurados em cabides, no caminho da entrada, então galgaram três gastos lances de escada e abriram

outra porta, que dava para a cozinha. A não ser pelo macio som de suas alpargatas molhadas sobre o soalho, a casa estava silenciosa.

Webber voltou-se na cozinha, e tentou sorrir atrás da máscara de náilon. — OK? — sussurrou ele.

No pátio atrás da casa e da garagem, Ernie Sauter descansava a ponta do cabo de sua Winchester de bitola doze sobre o quadril, e acenava na direção dos arbustos atrás da casa. Deke Ferris, curvado, correu na direção da garagem. Ele carregava uma submetralhadora Thompson. Sauter olhou para o segundo andar da casa. Na beirada da janela, que não era visível da porta de trás, ele viu Tommy Damon. Sauter ergueu a mão, com a palma para cima.

O rosto de Damon desapareceu da janela.

Na cozinha, Scalisi se arrastava cautelosamente para a porta do outro lado. Esta tinha uma placa de vidro encaixada, à altura da cintura. Colocou sua mão enluvada sobre o vidro e empurrou. A porta girou silenciosamente. Scalisi olhou para dentro do hall. Ele deixou a porta voltar vagarosamente. Virou o rosto para Valantropo e Webber. Ergueu o polegar para cima.

Valantropo estava perto da mesa da cozinha. Quando Scalisi fez o sinal, ele suspendeu uma das cadeiras e a pôs outra vez no chão, sem ruído. Colocou o seu revólver sobre a mesa. E se sentou.

Scalisi voltou à mesa. Apanhou silenciosamente uma cadeira e sentou-se. Apoiou os antebraços nas coxas, deixando o revólver solto em sua mão direita.

Webber relaxou o corpo ao passar por Valantropo. Colocou o seu revólver sobre a mesa. Também levantou uma cadeira em silêncio e sentou-se. Sussurrou:

— Qual é o plano?

Scalisi disse: — O velho se levanta primeiro e desce para cá, pelo que pude saber. Não sei quando a velha desce. Temos que esperar e ver.

No soalho de cima, eles ouviram passos. Ouviram atentamente. Havia mais de uma pessoa andando.

— Lindo! — gracejou Webber. — Mamãe e Papai estão descendo juntos.

Eles ficaram escutando os passos na escada. Apanharam seus revólveres. Estavam todos de frente para a porta que dava para o hall, quando Ferris e Sauter entraram na cozinha pela entrada de

trás. Enquanto eles se viravam na direção do som, Damon e Rufus Billings atravessaram a porta do hall, com as espingardas apontadas diretamente para eles. Sauter disse: “Primeiro de abril, filhos da puta!” Durante o que pareceu um longo tempo, ninguém se moveu; então, os três homens mascarados puseram suas armas cuidadosamente sobre a mesa.

CAPÍTULO 25

Eddie Coyle tinha dormido demais. Quando acordou, eram quase nove horas. Ele se apressou com o banho e a barba. Entrou na sala e foi até a cozinha, de mau humor. Sua esposa estava assistindo televisão e tomando café.

— Porque diabos você não me acordou? — ele perguntou.

Ela não tirou os olhos do vídeo. — Olhe, — disse — ontem eu o acordei e você fez o maior estardalhaço, porque não o deixei dormir. Hoje, deixo-o dormir, e é a mesma coisa por não o ter acordado. O que é que há, quer começar cedo a vadiagem do dia?

— Tenho coisas que fazer, hoje — ele disse. Despejou um pouco de café. — Olhe, tenho de dar algumas chamadas.

Sua esposa suspirou. Começou a se erguer lentamente do sofá.

— Eu sei, eu sei! — gritou. — Vá para cima enquanto faço algumas chamadas. Algumas vezes, acho que devo estar casada com o presidente da república ou coisa assim. O que há de tão secreto, que não posso ouvir o que você está dizendo? Pensei que estava casada com você!

Eddie Coyle não disse nada, enquanto sua esposa saía da cozinha. Em pouco tempo, ele pôde ouvir o chuveiro funcionando. Então, apanhou o telefone.

— Aqui é Eddie — disse, quando Foley surgiu na linha. — Olhe, tenho que falar consigo.

— Então, fale — disse Foley. — Estou ouvindo.

— Você tem que fazer alguma coisa — disse Coyle. — Quero que faça algo por mim, está certo?

— Primeiro, quero ouvir o que é — interrompeu Foley. — Então,

saber porque. Você tem o problema de não se lembrar o que está no acordo e o que não está, segundo me lembro.

— Olhe, não se incomode com aquela merda. Quero que você ligue para New Hampshire e lhe pergunte, seria o suficiente se eu entregasse os caras que estão por aí assaltando os bancos?

— Que caras? — perguntou Foley. — E que bancos?

— Você sabe quais são os caras e os bancos. Não estou dizendo que vou fazer isso, porém, entenda isso. Apenas quero saber, seria o suficiente se eu o fizesse?

— Suponhamos que sim. Você vai fazê-lo?

— Não sei, — disse Coyle. Ele ergueu sua mão esquerda e a estudou. — Posso pensar em coisas mais seguras para fazer. Não sei. Apenas gostaria de saber o que aconteceria se eu decidisse que sim, se isso me tiraria fora da gaiola.

— Olhe, vou lhe perguntar. É tudo que posso fazer.

— Está certo. Pode falar com ele ao meio-dia?

— Acho que sim — disse Foley. — Então, terei alguma resposta para você.

— OK. Agora, onde posso encontrá-lo?

— Porque não liga para cá? Vou ficar aqui mesmo.

— Não — insistiu Coyle. — Quero vê-lo, e me certificar de que sei de tudo que está acontecendo.

— OK. Você conhece lá por Cambridge, na Praça Central? Conhece bem aquela área?

— Devo conhecer — disse Coyle. — Eu cresci lá.

— OK. Lá fica o Rexall, bem em cima da grande intersecção. Conhece o lugar a que estou me referindo?

— Sim.

— Estarei na drogaria ao meio-dia — anunciou Foley.

— Pode ser que eu não esteja lá.

— Ficarei lá até meio-dia e trinta. Não posso esperar mais do que isso, tenho que ver um homem esta tarde.

— Está bem — concordou Coyle. — Se eu estiver lá, será nesse intervalo. Se não estiver, você poderá deduzir que decidi não falar.

CAPÍTULO 26

Dillon encontrou o Continental prateado, com teto negro de vinil, no estacionamento da Estação Columbia, em Dorchester. Havia um homem no assento do motorista. Dillon abriu a porta de passageiros e entrou.

— Desculpe-me por tê-lo acordado — disse o homem. Ele era bem pesado, e usava óculos para sol. Tinha pele azeitonada e vestia um terno azul-escuro. Estava fumando um cigarro.

— Não tem problema — disse Dillon. — Trabalho de noite, sabia? Geralmente não me levanto até por volta do meio-dia.

— Isso é uma espécie de emergência — disse o outro. — Eu estava imaginando se você não poderia cuidar de uma coisinha para nós.

— É mais do que provável — concordou Dillon. — Depende, é lógico. Mas é bastante provável.

— Isso é muito importante. É porisso que entrei em contato com você. Ele me disse para conseguir alguém que tivéssemos certeza, e em quem pudéssemos realmente confiar, sabe? O garoto era muito chegado a ele, é porisso que estamos agindo com tanta rapidez.

— Você está correndo demais na minha frente — protestou Dillon. — Quem é esse garoto?

— Donnie Goodweather — respondeu o homem. — Você devia conhecê-lo. O homem o tratava como se fosse filho dele. E algumas pessoas dizem que era.

— Nunca ouvi falar dele.

— Bem, vai ouvir — tornou o homem. — Eles o pegaram esta manhã, lá em Lynn.

— Quem pegou? — insistiu Dillon. — Ei, eu odeio fazer o papel de

estúpido, você me conhece; se o homem quer o negócio feito, estou aqui para fazê-lo.

— Estou feliz em ouvir isso. Houve alguma conversa por aí, de que talvez estivesse pensando sobre um grande júri, ou coisa assim. Fico realmente contente em ouvi-lo dizer isso. O homem ficará satisfeito também.

— Então, que diabos está acontecendo? — perguntou Dillon.

— Polícia Estadual. Parece que Donnie estava postado do lado de fora do Cooperativo da Colônia, esta manhã, como se estivesse esperando por alguém, e em vez das pessoas que ele aguardava aparecerem, surgiram alguns tiras, com máscaras e jaquetas; ele saiu do carro, e tinha uma máscara também, e uma arma, então lhe dizem que ele está preso, suponho eu, e logo em seguida há um tiroteio. Morreu ao dar entrada. O homem está muito abalado.

— Mais alguém tem algum problema? — quis saber Dillon.

— Jimmy Scal, Artie Valantropo e Fritzie Webber — enumerou o outro. — Foram todos encanados numa casa lá em Nahant esta manhã. Pertence ao cara que é o tesoureiro do Banco Cooperativo da Colônia, pelo que ouvi. Jimmy, Artie e o garoto entraram, e Donnie ficou esperando lá no banco. Então os três entram, e o lugar está inundado de tiras. Então, os tiras tiraram as jaquetas de Artie e de Jimmy, assim como as máscaras, e foram até o banco com um tira diferente junto com eles, o qual parecia apavorado, eu acho, e eles chegaram lá. Saíram do carro com as máscaras vestidas, é lógico, você sabe que é difícil de distinguir, e Donnie saiu do carro, sempre segundo o que eu ouvi, pois recebi toda a informação de Paulie LeDuc, o advogado de Scal, ele ligou assim que se comunicou com Jimmy. De qualquer modo, Donnie saiu do carro e os policiais disseram: “Levante as mãos, está preso!” Bem, ele é apenas um garoto, e sempre tinha uns drinques na cabeça, o cara; acho que se ele não era o filho do homem, conforme dizem, deve ser por causa de seu peito que gostava dele. Então o garoto começou a atirar. Eles o costuraram direitinho.

— Oh, Oh! — fez Dillon.

— Oh, oh mesmo — disse o homem. — Eles três foram acusados de um assassinato, vão ter uma audiência esta tarde, e naturalmente serão julgados por um grande júri. O homem está pulando de raiva.

— Não o culpo — declarou Dillon.

— Bem, nem eu tampouco.

— Eu culpo Jimmy Scal, entretanto. A maldita culpa é dele, pelo que pude entender.

— Porque acha isso? — perguntou o homem.

— Eu o preveni. Apanhei alguma coisa no ar um dia desses, sobre aquele cara que nós ambos conhecemos, eu e o Scal, e que vai logo ser sentenciado, e já está praticamente condenado, sabe? Mas o fulano não age como alguém que sabe que vai para a cadeia, o que me deixa muito nervoso, sabe? Porque ele está tão confiante, estará pensando em estrepar alguém? Então liguei para Jimmy e lhe contei. Eu disse: "É melhor você adiar alguns dias, se tiver alguma em vista. Não estou gostando do modo que as coisas estão cheirando." Mas ele não escuta, ah não. Apenas vai sempre em frente.

— Esse cara é alguém que conhecemos?

— Pode ser. Nós tivemos que quebrá-lo há uns tempos atrás. Ele embrulhou Billy Wallace, com uma arma que já tinha uma história. Tivemos de ensiná-lo. Pensei que tinha aprendido a lição. Eu mesmo lhe dei algumas dicas de serviços, de vez em quando.

— O nome é Coyle? — perguntou o homem.

— É o próprio — confirmou Dillon. — Eu o peguei para dirigir um caminhão para mim e outro camarada lá em New Hampshire, e ele foi engaiolado com ele. Foi por isso que ia ser sentenciado. Ele não falou na época, mas tinha uma liberação a caminho, e sabia disso. Pensei que talvez ele estivesse querendo me entregar, mas é claro que não faria isso sem fazer um testamento antes. Assim, acho que entregou Jimmy e Artie no lugar. Bastardo!

— Ele é o cara que Scal mencionou. LeDuc deu seu nome ao homem. Coyle. Eddie Dedos. É o próprio.

— Quer vê-lo liquidado? — perguntou Dillon.

— O homem quer que ele seja liquidado. E há mais uma coisinha. Quer que seja feito hoje à noite.

— Não posso fazê-lo hoje à noite! — protestou Dillon. — Por Cristo! Isso leva um pouquinho de tempo, você sabe. Tenho que bolar algumas coisas, preciso de um carro, uma máquina e um motorista, e tenho de engrupir o cara. Cristo, quando apago alguém, faço o serviço corretamente; não como algum maldito garoto, que pega sua menina fodendo com outro.

— O homem disse hoje à noite — insistiu o outro.

— Bem, volte até ele e diga-lhe que conversou comigo, ele me conhece, sabe quem sou, então diga-lhe: "Olhe, Dillon vai fazer o serviço. Vai fazê-lo certinho, de maneira que não haja uma multidão de bicões olhando-o, quando fizer." Diga-lhe isso.

— Você quer ser cuidadoso — tornou o outro. — Então haverá um trato com você.

— Pode apostar o seu rabo que pretendo ser cuidadoso — afirmou Dillon. — Tenho um preço legal. Cinco graúdas adiantado. Falando do cujo, onde está?

— Não trouxe nada agora. Faça o serviço, e o receberá.

— Oh! — fez Dillon. — Um carrão digno de um comerciante judeu, terno de quatrocentos dólares, aqueles sapatos, e tudo o mais, e quer que eu liquide um cara na pendura. Deixe-me dizer algo, boneco, as coisas não acontecem assim. Estou começando a imaginar, será que o homem o mandou mesmo, afinal de contas? Nunca soube que ele fizesse negócios assim antes. Sempre foi cuidadoso, e fez as coisas da maneira certa. Não assim, uma mão na frente e outra atrás, o outro segurando suas calças, e alguém tirando uma foto sua. Que porra está acontecendo com você e seus caras lá em baixo, fundiram a cuca permanentemente?

— Agora, veja...

— Agora veja uma ova! — interrompeu Dillon. — Eu trato um homem com respeito, espero que ele também tenha algum para comigo. Ele sabe como eu trabalho, o que faço, eis porque me quer. Comigo, o negócio é estritamente à vista e adiantado; sem dinheiro, nada feito. Não aceito cartões de crédito, nem o que quer que seja. Agora lhe aviso uma coisa, vá até ele e diga: "Dillon está se preparando, o carro, a arma, o negócio todo. Terá tudo pronto para disparar no momento em que apertar o botão." Diga-lhe isso. E não volte aqui novamente sem dinheiro. Eu estou querendo fazer um favor assim para alguém, mas tenho que pensar em outras coisas também; há uma maneira certa e uma errada de se fazer qualquer coisa. A não ser que vocês queiram que eu mantenha Coyle preso, ou coisa assim. Isso, eu faria hoje, e por nada.

— Não venha com essa! — protestou o outro. — Nada de lorotas, que vai prendê-lo e coisa assim. Quando chegar a hora em que um de nós desistir de ser homem, então o avisaremos. Você sabe como

lidar com essas coisas.

— Sei. Porisso é que estou tendo tanta dificuldade em entender que porra está acontecendo aqui. Acho que é alguma coisa gozada, talvez. Você sabe onde entrar em contato comigo. Vou dar um jeito nas coisas, mas não moverei um dedo até receber a grana, está certo?

— O homem não vai gostar disso — protestou o outro.

— Foi ele que veio me procurar. Presumo que isso significa que quer que eu faça algo para ele, quer que seja eu. Houve umas coisas bem duras que ele me pediu para fazer, e eu as fiz, e ninguém entrou bem, apenas o cara que tinha que entrar. Ninguém, em todas as transas que já realizei, jamais foi parar no corredor da morte, e não posso dizer isso de outros caras que conheço.

— Ele sabe que você é bom.

— Muito bem — terminou Dillon. — Estarei às ordens. Se me quiser, ligue, e veremos o que podemos fazer. Mas faremos as coisas da maneira certa, está bem?

— Eu o verei — despediu-se o outro.

CAPÍTULO 27

Ele não apareceu — disse Foley. — Fiquei ali sentado por uma hora e meia, mais ou menos, e comi um sanduíche de queijo e uma xícara de café. Jesus, esqueci-me de como um sanduíche de queijo é ruim de se comer. É a mesma coisa que comer um pedaço de linóleo, sabia?

— Você tem que pôr maionese nele — sugeriu Waters. — Nunca vai ter gosto algum, até que você ponha um pouco de maionese sobre o pão, antes do queijo.

— Nunca ouvi falar disso — estranhou Foley. — Você também coloca do lado de fora?

— Não, só no lado de dentro. Pode mesmo assim pôr a manteiga do lado de fora e tudo. Mas quando o queijo derrete, é a maionese que vai dar o gosto. Você tem que usar a verdadeira, no entanto, aquela com ovos dentro. Pode também usar aquela outra coisa que a maioria das pessoas usa, quando dizem que estão usando maionese, aquela coisa para cobrir a salada; pode usar isso também. Mas não vai dar o mesmo gosto. Acho que aquela outra coisa fica queimada, ou qualquer coisa. Não tem o gosto certo, de qualquer forma.

— Eles não têm esses requintes no Rexall, por falar nisso — continuou Foley. — Que diabos, você entra ali, pede um sanduíche, e eles têm uma pilha cheia deles já prontos, provavelmente desde quarta-feira passada; e então tiram uma daquelas malditas coisas, com um gordo pedaço de queijo alaranjado dentro, jogam alguma gordura, eles fingem que é manteiga mas é lógico que eu não acredito nisso, então levam e fundem tudo junto, numa prensa quente que têm lá. Meu estômago ainda está tentando quebrar aquela coisa em algo que eu possa digerir, tal como um ou dois

pedações de telha, com algum betume no meio. Foi servido quente. Fiquei doente, você vai ter que me dar uma pensão.

— Você já desmamou há bastante tempo, acho, — gracejou Waters.

— Se continuar assim, vocês, seus bastardos, não vão comer mais nada, a não ser que lhes seja oferecido dentro do Clube Playboy, por Deus! Secretos! Uma ova! Pensam que não sei que estão levando uns aos outros para almoçar? Merda! Façam a sua boa ação de vez em quando, como o bom samaritano. De qualquer maneira, é o único modo de entrar em contato com os bandidos, você sabe. Eles não patrocinam nada nesses restaurantes de alta classe, dos quais vocês me trazem os comprovantes, e onde um pedaço de carne custa nove notas. Estão sempre por aí afanando, exatamente como você estaria, se não pudesse apresentar tudo por escrito.

— Bem, de qualquer modo ele não apareceu. Então fico ali sentado, com a garçonete me fitando com um olhar de peixe morto, e tomo uma Coca, enquanto a bexiga começa a ficar dolorida, sabe? Então pago tudo e saio, vou para a rua, e não estou muito abalado. Afinal de contas, ele disse que poderia não aparecer. Assim, entro com quinze centavos e compro um exemplar do JOURNAL e eis que vejo que aqueles caras que ele queria negociar foram pescados esta manhã em Lynn. Daí, aquilo explica uma porção de coisas.

— Um deles foi morto — completou Waters. — Aquele Goodweather. Acho que ele pretendia aprontar alguma coisa, quem sabe o que.

— Sim, — assentiu Foley. — Tenho que ligar para o Sauter, por causa disso. E me desculpar. Não sabia que ele era tão bom no gatilho. Com o que o deteram?

— Assalto, para a corte distrital. Imagino que o grande júri vai ter uma grande variedade de acusações. Vejamos, dois assassinatos, três assaltos, invasão de domicílio em todas as casas dos funcionários dos bancos, provavelmente contrabando de armas, roubos de carros, conspiração. Deixei alguma coisa faltando?

— Blasfêmia — acrescentou Foley. — Sempre quis condenar um cara por blasfêmia.

— E sobre o seu amigo dos dedos, que tal?

— Ele vai para a cadeia, segundo parece — explicou Foley. — New Hampshire não ficou satisfeita por ele ter nos ajudado a agarrar Jackie Brown, e não creio que sobrou alguma coisa para ele

negociar, agora.
— Ah, bom — fez Waters. — Merda seca!

CAPÍTULO 28

Coyle chegou no bar de Dillon um pouco depois das três e trinta da tarde. Ele ocupou um banco e ergueu sua mão direita, e então a deixou cair.

Dillon despejou um drinque duplo de Carstairs, e tirou uma caneca de cerveja do barril. Colocou ambos em frente de Coyle. — Está ganhando algum dinheiro? — perguntou.

Coyle despejou o Carstairs. Tomou um pouco da cerveja. — Eu não diria isso — explicou ele. — Para falar a verdade, se você me perguntasse, teria que dizer que não estou tendo um dia muito bom.

— Ei, porque isso? — perguntou Dillon.

— Você ouviu o que aconteceu lá em Lynn?

— Aquilo sim é que foi uma dura! — exclamou Dillon. — Ouvi falar sobre aquele garoto lá, o que foi morto; parece que era bastante importante lá em Providence, sabia?

— Não ouvi falar disso. Dê-me mais algum uísque.

Enquanto Dillon estava despejando, Coyle falava. — Isso é a única coisa que não ouvi, porém. É o que parece.

— Bem, inferno! — praguejou Dillon. — Não é como se você tivesse algo a ver com isso. Pelo que ouvi, eles eram todos livres, brancos e maiores de vinte e um. Sabiam onde estavam metendo o nariz. Eram rapazes crescidos.

— Sim. Naturalmente, esse é o fim de Artie Van. E de Jimmy também, por falar nisso. Por outro lado, quantos caras foram para o corredor da morte por um assassinato, hein? Não importaria se eles fossem todos virgens. O que não são.

— Bem, — ponderou Dillon — você tem que encarar isso

filosoficamente, sabe? Ganha-se um tanto, e perde-se outro tanto. Eles fizeram quanto, um quarto de milhão num mês? Então, você começa a sentir a pressão aumentar, e começa a deixar os outros furiosos. Isso tinha que acontecer. E quando acontece, diabos, eles mataram dois caras, não mataram? Quando acontece, você tem o que merece, e nada de troco.

— Sim, mas eles foram ludibriados. É isso que me incomoda, creio. Os tiras estavam esperando por eles naquela casa. Alguém os engrupiu direitinho. Gostaria de saber quem foi.

— Imagino que eles também gostariam — continuou Dillon. — Sim, penso que isso os está remoendo.

— Cristo, eu conheço Jimmy Scal, conheço-o bastante bem. Diabos, você sabe disso! Eu conheço há bastante tempo. Odeio vê-lo entrar numa assim. Você sabe o que vai acontecer, ele nunca vai ver o sol brilhar novamente. Ficará lá dentro para sempre.

— Nunca se sabe — disse Dillon. — Talvez possam fazer com que as provas sejam desconsideradas. Isso pode acontecer. E um júri sempre faz coisas engraçadas, você sabe. Eles poderiam sair. Nunca se pode dizer nada, quanto a essas coisas.

— Eles poderiam sair uma vez — corrigiu Coyle. — Estavam terrivelmente ocupados, você sabe. Atingiram uns quatro condados. Não creio que havia um só banco entre os que eles atacaram, que ficasse no mesmo condado que algum outro. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai levá-los para fora. Eles estão completamente liquidados.

— Bem, continuo dizendo, eles sabiam onde estavam se metendo. Alguém sentiu pena de você?

— Não — respondeu Coyle. — Você tem um bocado de sangue frio, perguntando-me uma coisa assim.

— Bem, você passou por tudo, não passou? Aceitou tudo, e não veio choramingando por cima de ninguém, dizendo: Não foi culpa minha, eu não queria fazer isso, olhem, vou incluir mais gente na jogada, apenas deixem-me sair. Você não fez nada disso. E tem que ter por eles o mesmo respeito que eles têm por você, sabe? Você já está calejado, tem que pensar que eles também vão ficar assim.

— Não passei pela experiência ainda — corrigiu Coyle. Isso virá na próxima semana.

— Pensei que estava tudo acabado. E que tudo já estava liquidado.

— E está. Sou eu, eu é que estou liquidado. Vou até Danbury, eis o que vou fazer.

— Por quanto tempo? — perguntou Dillon.

— Meu advogado, meu magnífico advogado acha que por uns dois anos, provavelmente.

— Então você vai cumprir oito meses. Fará só um terço da pena. Poderá fazer isso facilmente. Estará fora, digamos, quando o Gansett abrir, no outono. Sem erro. E percebi que você tem algum dinheiro, na outra noite em que esteve aqui. Você está bem. Não leve isso tremendamente a sério.

— Não posso evitá-lo — disse Coyle. — Ainda assim me sinto mal. Aquele Scal é um cara peitudo, você sabe. Não conheço Van. Mas conheço Scal, e ele é positivo. Sinto muito pelo Scal, realmente sinto. Vai pegar prisão perpétua, no mínimo.

Da outra ponta do balcão, um homem se levantou e atendeu ao telefone. Ele gritou: — Para você, Dillon!

— Já volto, — disse este. — Trago-lhe mais um, no caminho?

— Sim — concordou Coyle. — E vou tomar outra cerveja, também.

Dillon podia ver Coyle sentado no balcão, enquanto falava ao telefone. — Sim, eu sei quem é — disse ele. — Engraçado, ele está aqui dentro agora mesmo. Fazendo um ótimo desempenho, dizendo como está sentido, e como ficou puto com a maneira pela qual eles foram tapeados. Quase que dá para me deixar furioso. Não, não o suficiente para isso. Olhe, mande um homem até aqui com o dinheiro num envelope esta tarde, e verei o que posso fazer. Talvez hoje à noite, sim. Não estou prometendo nada. Ainda tenho que conseguir um carro. Sim, tenho alguém para dirigi-lo. O dinheiro primeiro, antes de tudo o dinheiro. Bem, traga o dinheiro aqui e verei o que posso fazer.

— Olhe, — disse Dillon a Coyle, colocando os copos cheios diante dele, — você vai pisar na própria língua, se não se cuidar. Bem, aquele era um amigo meu, e me disse que não poderá ir assistir aos Broons hoje à noite. Assim, que tal esquecer os seus problemas e ir ao jogo comigo, hein? Vamos jantar fora, vou ficar livre à noite, e veremos um bom jogo. Os Rangers. O que me diz?

— Parece bom — concordou Coyle.

— Claro. Volte lá pelas seis. Eu poderia dizer fique, mas da maneira que vai indo, você não será capaz de ver o jogo se ficar aqui muito

mais tempo. Iremos tomar um vinho, talvez uns bifes, então iremos ao jogo. Eu lhe garanto, no momento em que chegar em casa hoje à noite, não terá nenhuma preocupação no mundo.

— Farei isso. Vou ligar para a minha esposa.

— Ei, olhe, — atalhou Dillon — porque você não esquece isso pelo menos uma vez, OK? Você não pode lhe contar, pode ser que surja algum programa e você não queira ir direto para a casa. Assim, porque ligar para ela?

— Você está certo — assentiu Coyle. — Tenho algumas coisas para fazer. Vejo-o aqui novamente por volta das seis.

Às cinco e quinze, um garoto com um suéter preto e uma jaqueta de camurça entrou no bar de Dillon. Perguntou por ele. E então lhe passou um envelope comercial, o qual era bastante gordo. — OK? — perguntou ele.

— OK o quê?

— OK? — insistiu o garoto. — Simplesmente OK.

— Se estiver OK, — disse Dillon — não haverá problemas para você. Se não estiver, haverá. Suma-se!

CAPÍTULO 29

Durante o curso da noite, Coyle tomou diversos drinques. Ele bebeu cerveja com Dillon, durante o primeiro período. Bobby Orr fez o lançamento para os Bruins, e fintou três Rangers com seus jogos de corpo. Ele correu na direção do gol do time de Nova York; fintou baixo e pela esquerda, e jogou alto e pela direita, e Coyle se ergueu junto com Dillon, e mais quatorze mil, novecentos e sessenta e cinco outros, para urrar de aprovação. O locutor disse: — Gol de Orr, número quatro. — Houve outra ovação.

Do lado de Coyle, havia um assento vazio. Dillon disse: — Não posso entender onde porra está ele. Aquele meu amigo, do qual eu estava lhe falando. Ele me deu seus dois bilhetes. Eu convidei o sobrinho de minha esposa. Não posso compreender onde está ele. Adora hóquei, aquele garoto. Não sei como ele continua na escola, está sempre por aqui, correndo atrás de entradas. Vinte anos de idade, mas é um brilhante garoto.

O garoto chegou no intervalo entre o primeiro e o segundo períodos. Ele se desculpou pelo atraso. — Cheguei em casa e recebi o recado, mas então tinha que arrumar um carro emprestado. Pensei que ia perder o maldito jogo.

— Você não poderia pegar o bonde, ou qualquer coisa? — perguntou Coyle.

— Não até aquela fodida Swampscott — falou seriamente o garoto. — Simplesmente não se pode chegar em Swampscott depois das nove horas. É o que quero dizer.

— Ei, quem quer uma cerveja? — perguntou Dillon.

— Eu tomarei uma — respondeu Coyle. O garoto tomou outra. E

Dillon mais uma.

No segundo tempo, os Rangers abriram contagem com um gol de Cheevers. Sanderson saiu por causa de jogo bruto. E depois voltou ao campo. Esposito saiu para um exame do cotovelo. Sanderson fez um passe a Dallas Smith, para um gol a curta distância. Orr fez um passe a Esposito, este passou a Bucyk, que fez um gol.

Entre o segundo e terceiro tempos, Coyle teve dificuldades em seguir a conversa entre Dillon e o sobrinho de sua esposa. Ele foi até o banheiro dos homens. Enquanto ele se levantava, Dillon observou que ele ainda era capaz de perguntar se alguém queria uma cerveja. Coyle voltou com três cervejas, carregadas cuidadosamente diante de si. Havia cerveja em suas calças. — É duro carregar cerveja numa multidão como essa — observou ele.

— Você não está achando que eles iam trazer cerveja até os bancos — gracejou o garoto.

— Olhe, — voltou Coyle — você quer alguma cerveja ou não?

Durante o terceiro tempo, os Rangers fizeram outro gol. Sanderson marcou após cinco minutos na disputa da bola. Os Bruins ganharam, três a dois.

— Lindo! — exclamou Coyle. — Lindo! Você pode imaginar um garoto como aquele? Que idade tem, uns vinte e um? É o melhor jogador de hóquei do mundo! Cristo, aquele número quatro, o Bobby Orr! Que futuro ele tem!

— Ei, olhe, — chamou Dillon — esqueci de lhe dizer. Arrumei umas garotas.

— Jesus! — admirou-se Coyle. — Não sei. É um bocado tarde!

— Ora, vamos! Façamos disso uma noitada e tanto!

— Ei! — gritou o garoto — Ei, eu não posso. Tenho que levar este carro de volta. E tenho que ir para a casa.

— Onde está o seu carro? — perguntou Dillon a Coyle.

— Cambridge. Eu estava por lá e tomei o bonde, quando fui até o seu bar. Não voltei para pegá-lo.

— Merda! — imprecou Dillon. — Aquelas garotas são simplesmente demais. Mas não há nenhum jeito. Quero dizer, elas estão em Brooklin.

— Bem, olhem — disse o garoto. — Eu poderia levá-los até o carro dele, e depois ir para a casa. Tenho uma prova amanhã, de modo

que não posso me demorar muito.

Eles tomaram um drinque numa taverna na confluência com o Jardim Bóston, para deixar o tráfego se escoar. Dillon tinha dificuldades em caminhar, quando saíram para fora. Coyle ainda mais. — Seus dois velhos bastardos! — gozou o garoto. — Não sei o que seria de vocês, sem os jovens para ajudá-los. — Eles tropeçaram nos trilhos de bonde.

O garoto estava com um Ford Gálaxie 1968, sedan branco. Ele abriu a porta de passageiros da frente. Dillon e Coyle ficaram ali de pé, balançando para a frente e para trás. — Olhe, — disse Dillon — você vai no banco da frente. Eu no de trás. OK?

— OK — concordou Coyle. Ele escorregou para o banco da frente.

Dillon rapidamente fez a volta por trás do carro. O garoto abriu a porta do motorista, e então se estendeu e destrancou a porta esquerda traseira.

Dillon entrou e sentou-se atrás do motorista. A cabeça de Coyle se apoiava contra o topo do banco. Ele estava respirando pesadamente.

— Você está certo de que estará em condições de dirigir? — perguntou Dillon.

— Oh, claro! — disse Coyle, com os olhos fechados. — Absolutamente perfeitamente bem. Não tem erro. Uma noite magnífica até agora!

— Haverá mais — prometeu Dillon. Ele se inclinou para o chão e começou a tatear. Na esteira do lado traseiro direito, encontrou um revólver Arminius, vinte e dois magnum, completamente carregado. Apanhou-o e o colocou no colo.

— Não sei onde você quer que eu vá — protestou o garoto. Ele estava dando marcha-à-ré no carro, fazendo-o subir em cima dos trilhos de bonde.

— Diga para ele — pediu Dillon a Coyle. Este estava roncando.

— Faça a volta em frente do Jardim — explicou Dillon. — Passe pela Registry e rume na direção da Rodovia Monsignor O'Brien, no caso de ele acordar. Agora, apenas guie.

— Eu sei o que está acontecendo — disse o garoto.

— Ótimo. Sinto-me feliz em ouvir isso. Apenas guie. Se eu fosse você, iria até Belmont, e pegaria estradas onde poderia rodar bem

rápido sem provocar suspeitas em ninguém. Sairia na Estrada 2, e procuraria um conversível Ford cinza, no estacionamento das Pistas de Boliche West End. Não deixaria que nada me perturbasse. Quando chegasse às pistas, estacionaria ao lado do Ford e esperaria por mim, então rumaria de volta para Bóston.

— Alguém disse alguma coisa sobre algum dinheiro — Tentou o garoto.

— Se fosse você, eu procuraria logo esse conversível. Você vai dirigir de volta para Bóston e me deixar fora, e se eu fosse você, então daria uma olhada no porta-luvas, procurando mil notas, antes de abandonar o carro no distrito dos crioulos.

— O negócio vai ser quente? — interrompeu o garoto.

— Acha que vim dar um passeio no mato?

O tráfego se escoou rapidamente, quando eles atravessaram o rio para entrar em Cambridge. Eles seguiram para o norte, seguindo as placas da Estrada 91. A cinco quilômetros na direção norte, eles já estavam fazendo 100 quilômetros por hora. — Você vai sair fora logo, agora — advertiu Dillon.

— Eu sei, eu sei.

Quando o Ford estava sozinho na estrada, Dillon trouxe o revólver para cima e o manteve a alguns centímetros atrás da cabeça de Coyle, com o cano apontado para a base do cérebro, atrás da orelha esquerda. Ele apertou o gatilho. O primeiro tiro entrou lindamente. Dillon continuou disparando, com ação redobrada. O revólver fez um clique, por fim. Coyle jazia jogado contra o espaço entre as portas do Ford. O velocímetro marcava 140 quilômetros.

— Vá devagar, seu merdinha estúpido! — gritou Dillon. — Está querendo ser preso?

— Eu fiquei nervoso — desculpou-se o garoto. — Havia tantas balas!

— Havia nove delas — disse Dillon. O carro estava fedendo a pólvora.

— Fez muito barulho aqui dentro! — falou o garoto.

— É porisso que uso um vinte e dois. Se por acaso disparasse um trinta e oito de duas polegadas aqui dentro, você teria saído direto para fora da estrada.

— Ele está morto?

— Se não estiver, — gracejou Dillon — nunca mais vai estar. Agora, diminua a velocidade e saia desta estrada.

A pista de boliche estava escura. O garoto trouxe o sedan para perto do conversível Ford. — Ei! — disse ele. — Aquele carro se parece muito com este, sob essa luz!

— Você está começando a aprender — tornou Dillon. — A idéia é essa mesma. Os tiras estiveram vendo aquele carro a noite toda. Agora vão ver outro que se parece quase que exatamente com aquele. Não vão dar busca nele por algumas horas. Ajude-me a empurrá-lo para lá.

Eles arrastaram Coyle até o chão do compartimento de passageiros, do lado direito. Então saíram do Ford. — Tranque-o — pediu Dillon. — Para manter os curiosos longe.

Eles entraram no conversível. Este deu a partida imediatamente. — Um carro nada mau — ponderou o garoto.

— Nada mau em absoluto — concordou Dillon. — Agora volte ao Memorial Drive, e pegue a ponte da Avenida Massachusetts; tenho que me livrar desta arma.

CAPÍTULO 30

Jackie Brown, com vinte e sete anos, sentava-se sem nenhuma expressão no rosto na primeira fila atrás do estrado da Sala Quatro, da Corte Distrital dos Estados Unidos do distrito de Massachusetts.

O escrevente chamou o caso número quatrocentos e vinte e um D, Estados Unidos da América contra Jackie Brown. O oficial gesticulou para que Jackie se levantasse.

Outro homem também se levantou além do estrado. — O caso está designado para citação, Meritíssimo — disse ele. — O réu está presente com o advogado.

O escrevente disse: — Jackie Brown, você é acusado nesse processo por possuir cinco metralhadoras que não estão registradas na Cessão Nacional de Armas de Fogo, nem na Relação de Registros. O que diz quanto a essa acusação, é culpado ou inocente?

Levantando-se agora, lentamente, estava Foster Clark, advogado do réu. — Inocente — disse ele, num sussurro rouquenho.

Jackie Brown olhou para Foster Clark desdenhosamente. — Inocente — repetiu ele.

— Sob fiança — disse o juiz.

— O réu está livre com uma garantia pessoal de dez mil dólares — disse o promotor. — O governo recomenda que a mesma fiança seja mantida.

— Alguma objeção? — perguntou o juiz.

— Nenhuma — disse Foster Clark.

— Este caso está pronto para julgamento? — tornou o juiz.

— O governo está pronto para julgamento — concordou o

promotor.

— Quanto ao réu, — disse Foster Clark — ele desejaria vinte dias para apresentar algumas contestações especiais.

— Moção concedida — disse o juiz. Ele consultou seu calendário. — Este caso será julgado em seis de janeiro. Quanto tempo o governo antecipa o julgamento que terá lugar?

— Nós temos nove testemunhas — disse o promotor. — Dois dias, talvez dois e meio.

— Ficaremos em recesso — declarou o juiz.

No corredor fora da Sala Quatro, Foster Clark se aproximou do promotor. — Eu estava imaginando, — disse ele — teremos realmente que julgar esse caso?

— Bem, isso depende — disse o promotor. — Ele está morto e subiu ao céu, se é o que você quer dizer. Mas não tem nenhuma oração em seu favor.

— Imaginei que pudéssemos bolar alguma coisa — insistiu Clark. — Ainda não tive realmente uma chance de conversar com ele, mas estava imaginando.

— Então fale com ele. Descubra qual é o seu parecer, e ligue para mim.

— Suponhamos que ele fale, o que você vai fazer por ele?

— Olhe, — disse o promotor — você sabe que não posso responder isso. Nunca sei ao certo o que o chefe vai querer que eu faça. Assim, para que iludir um ao outro? Minha resolução, seria pedir algum tempo de cadeia se ele fizer apelação, e bastante se não a fizer.

— Bom Cristo, vocês querem colocar o mundo inteiro na cadeia. Esse garoto é novo. Não tem ficha. Não tentou ferir ninguém. Nunca esteve num tribunal antes, em sua vida. Não tem nem mesmo uma multa de trânsito, pelo amor de Deus!

— Sei disso — disse o promotor. — Sei também que ele estava dirigindo um carro que custou quatro notonas de mil, e que tem vinte e sete anos de idade e não podemos encontrar um lugar onde possa ter trabalhado. Um bom e refinado negociante de armas, eis o que ele é, e se quisesse, poderia nos entregar metade dos gangsters e quarenta por cento dos quadrilheiros deste distrito. Mas não quer fazer isso. OK, ele é um sujeito duro. Os sujeitos duros pegam tempo de cadeia.

— Então ele tem que falar — arriscou Clark.

— Necas. Ele não tem que fazer nenhuma maldita coisa, a não ser decidir o que quer fazer mais, falar, e entregar alguém importante para nós, ou ir para Danbury para ser reabilitado.

— É uma escolha um tanto dura de se fazer.

— Ele também é um garoto um bocado duro — continuou o promotor. — Olhe, nós não temos que ficar aqui tocando música suave para eles. Você sabe o que pegou: ele é um garoto desprezível. Tem tido sorte até agora; nunca foi pego antes. E você sabe o que eu tenho, também: peguei-o em cheio. Você já conversou com ele. Viu-o e lhe disse que era ou falar ou pegar cana, e ele o mandou se foder ou qualquer coisa igualmente educada. Assim, agora você tem que julgar o caso, pois ele não faria apelação sem uma troca que o colocasse na rua, e eu não faço essa espécie de acordo com um vendedor de metralhadoras que não me queira dar nada em troca. Daí vamos julgá-lo, e isso levará dois dias mais ou menos, e ele será condenado. Então o chefe me mandará dar três, ou talvez cinco, e o juiz lhe dará dois, quem sabe três, e em algum tempo lá pelo Aniversário de Washington, ele se entregará ao chefe de polícia e irá para Danbury, passar um tempo. Diabos, estará fora dentro de um ano, um ano e meio. Não é como se ele tivesse que cumprir uma pena de vinte anos no mínimo.

— E dentro de um ano ou coisa assim, — disse Clark — ele estará preso outra vez, aqui ou em outro lugar, e eu estarei conversando com algum bastardo, ou talvez mesmo você novamente, e nós julgaremos mais outro e ele escapará novamente. Haverá algum fim para essa porcaria? Irá alguma coisa jamais mudar nessa ratoeira?

— Ora, Foss — disse o promotor, tomando Clark pelo braço. — É claro que muda. Não leve isso tão a sério. Alguns de nós morrem, o resto fica mais velho; novos caras aparecem, e os velhos desaparecem. Muda a cada dia que passa.

— É difícil de se notar, entretanto.

— É — concordou o promotor. — Certamente que é.

FIM

OS AMIGOS DE EDDIE COYLE
George V. Higgins

O estilo de vida, a moralidade profissional do bandido comum, são brilhantemente delineados em *OS AMIGOS DE EDDIE COYLE*. O autor é Procurador dos Estados Unidos da América. O romance, seu primeiro, mesmo

antes da publicação, foi extraordinariamente louvado por ROSS MACDONALD, GAY TALESE e NORMAN MAILER.

Eddie Coyle e seus “amigos” — as pessoas com as quais ele transaciona para sua própria segurança e, que podem matá-lo pela deles — são ladrões. Se os “caras espertos” — as rodas do sindicato, que algumas vezes esbarram no mundo de Eddie, para dar uma ordem ou punir um erro — são os equivalentes dos figurões e executivos no submundo, então o duro, dominador, preocupado Eddie Coyle é o severo executor do crime. Ele está com medo de ser engaiolado pela segunda vez (por dirigir um caminhão de bebidas sem procedência); está tentando se arranjar, fornecendo armas para uma quadrilha da área de Boston, cuja técnica de assalto é à prova de qualquer contingência — desde que ninguém fale.

Aqui vemos como um velho quadrilheiro, Eddie, lida com seu negócio; como um gangster novato, Jackie Brown, educa-se no sentido de tornar-se um sujeito duro; de que maneira Dillon, um bartender e, ocasionalmente, assassino sob contrato, mantém os rapazes em ordem. Mostra também como os bandidos — pistoleiros, negociantes de armas, surradores, assaltantes e executores — se vêem a si próprios. Como negociam um com o outro, e o modo pelo qual conversam entre si, no seu linguajar autêntico e cuidadosamente oblíquo, nascido do paradoxo que dirige o submundo: o alto valor da traição (é a moeda do seu reino) num mundo onde a mesma é punível com a mutilação ou a morte. E aqui está também o meio-mundo da comunicação entre os escroques e os homens da lei, “trocando favores”: o bandido, na sua necessidade desesperada por uma porta de escape, forçando-se a confiar no tira, que jamais pode lhe dar aquilo que ele deseja; o tira, em sua igualmente desesperada necessidade de informações, obrigado a aceitar como cabais as meias-verdades que lhe são fornecidas.

Nesse romance vigoroso, e de leitura irresistível, toda a estrutura de um modo de viver horrorizante, ainda que completamente humano, é revelado.